

Vânia Marta de Paiva Maria da Conceição de Paiva Vanir Osvaldo de Paiva Padre Paulo Dioné Quintão Jotas As Jota L. Dálbio Eme José Raimundo Rodrigues Sílvia Maria Augusta Alice Ambrozina Rodrigues Raimundo Feliciano Rodrigues Maria Francisca das Dores Assis Luiz Carlos de Assis Mathews Rodrigues de Assis Evandro Rodrigues de Assis Vanessa Soares de Faria Assis Miguel Soares de Assis Gael Soares de Assis Luiz Antonio Rodrigues Maria Augusta de Carvalho Eu comigo Povo de Betânia Marlene de Fátima Martins Jacintho Thalita Cristina Martins dos Santos Zenga Cláudia Alves Moreira dos Santos Maria Marques Kern Juninho

CARTAS DE AMOR AOS AMORES DE NOSSAS VIDAS



José Raimundo Rodrigues
Vânia Marta de Paiva
(Organizadores)

Carla Alves Moreira dos Santos Mendes José Miranda de Assis Félia Filardi de Miranda Elizabeth Filardi Miranda de Carvalho Caetano Triene de Carvalho Francisco Triene Filardi Miranda de Carvalho Gabriel José Filardi Miranda de Carvalho Bray José Filardi Miranda Maria Solange Lucindo José Lucindo Ribeiro Walderes Fonseca Ribeiro Clairton Vidal Magno Robson Fonseca Lucindo Tchutchuca Aladim Miguel e Clarice João Gabriel de Conte C. De Alencar Fernanda Silva dos Santos Marlúcia Silva dos Santos Virginia Queiroz Adelaide Terezinha do Nascimento Vitorêti Cristina Maria Loures Selma Marília Camargo Gomes Cynnara Camargo Gomes Darcy Gomes da Rocha Janice Camargo Brandão Cynthia Camargo Gomes Cybelle Camargo Gomes Vieira Beatriz Camargo Gomes Vieira Mariana Camargo Gomes de Paula Maria Efigênia de Melo Valéria Melo Nascimento Antonio Firmiano de Melo Marta Maria Pereira de Melo José de Cássia Teixeira Terezinha do Carmo de Melo Teixeira Maria Cassimira do Nascimento Bianca Nascimento Eurydes Alves Ferreira Maria Aparecida Reis Ferreira José Antonio Reis Ferreira Benedita Augusta do Nascimento Damasceno Benedito Damasceno Benedito Damasceno Filho Monsenhor José dos Reis Alvim Monsenhor Hermenegildo Adami de Carvalho Marcelo Rodrigues dos Santos Marilyza Alves dos Santos Angelo Moraes Neto Ana Beatriz Dias Moraes Maria Aparecida Dias Moraes Sherla Machado Flávia C. Borges Pena Deus Mães Gente Gentil José Paulo Giovanetti Cinthya Fonseca Dias e Silva e tantos outros e outras que só nossos corações conhecem...

JOSÉ RAIMUNDO RODRIGUES
VÂNIA MARTA DE PAIVA
(ORGANIZADORES)



CARTAS DE AMOR AOS AMORES DE NOSSAS VIDAS




EDITORA
SCHREIBEN
2024

© Dos Organizadores - 2024
Editoração e capa: Schreiber
Imagem da capa: paseven - Freepik.com
Revisão: os autores
Livro publicado em: 02/04/2024
Termo de publicação: TP0162024

Conselho Editorial (Editora Schreiber):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)
Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)
Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dra. Marciane Kessler (URI)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiber
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiber@gmail.com
www.editoraschreiber.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R696c Rodrigues, José Raimundo

Cartas de amor aos amores de nossas vidas / José Raimundo Rodrigues, Vânia Marta de Paiva. – Itapiranga : Schreiber, 2024.
156p. : il. ; 16 x 23 cm + e-book

ISBN: 978-65-5440-241-5
EISBN: 978-65-5440-240-8
DOI: 10.29327/5388694

1. Cartas. 2. Cartas de amor. 3. Poesias. I. Paiva, Vânia Marta de. II. Título.

CDD 869.6

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

PREFÁCIO



Os afetos são a base da nossa vida, pois é por meio deles que construímos o nosso caminho emocional. Eles são importantes porque “colorem” nossa vida psíquica. Eles determinam a maneira de como sentimos a vida e a forma de como vivenciamos o mundo. Por meio dos afetos, cada um de nós empresta ao mundo sua forma própria de ver cada acontecimento. Quem cultiva o amor pode sentir a vida como um lugar em que se vive a solidariedade, a união, etc. Quem cultiva o ódio, organizará a vida como um grande campo de batalha. É por meio dos afetos, positivos ou negativos, que iluminamos os acontecimentos que vivemos. Daí a sua importância.

Entretanto, os afetos também nos proporcionam sedimentar uma relação. Em uma relação de amizade, por exemplo, é um afeto o responsável pela vivência entre as duas pessoas. Se não fosse o laço afetivo entre as pessoas, a relação poderia ser uma relação igual à de uma máquina. É por meio do afeto que distinguimos uma relação calorosa de uma relação funcional. Em uma relação afetiva, como aquela entre pai e filho, o amor entre ambos é o que faz a relação ser duradoura. O afeto, ao fundar a relação, cria uma ligação mais profunda e mais duradoura com as pessoas com as quais entramos em contato. É o afeto que cria a intimidade que possibilita a vivência da comunhão entre as pessoas.

O livro que o leitor agora tem em mãos é um testemunho da força do afeto denominado amor. Foi esse afeto que alimentou todas as cartas aqui apresentadas. Foi o amor de um filho e uma filha que inspirou o reconhecimento da importância de nossos pais na nossa vida. Cada um à sua maneira lembrou a importância do amor parental na construção da sua caminhada, pois é o amor o primeiro sentimento que experimentamos ao adentrarmos no mundo.

Ao longo do livro, vamos entrando em contato com as pessoas significativas das nossas vidas, tais como irmãos, avós, tios, sobrinhos, etc., destacando o significado de cada uma delas no nosso dia a dia. O importante é que, embora estejamos distantes geograficamente, são os afetos que permitem que a relação não desapareça. Essa é a força do afeto, nos aproximar, embora estejamos muito longe e muito tempo sem nos encontrarmos. Esse é o testemunho das cartas que compõem este livro. Um livro que, embora exprima a saudade, ao mostrar a força do amor nos alimenta existencialmente.

Ao redigirem as cartas, as pessoas, talvez, tenham descoberto ou redimensionado o valor da presença da outra pessoa à qual dirigiu sua atenção na sua vida. O reconhecimento da importância do outro na minha vida gerou a alegria e, por consequência, força para continuar enfrentando os desafios da própria caminhada.

É importante destacar que o amor liga todas as cartas aqui presentes. Isso vem demonstrar a força do amor na nossa vida. É um afeto positivo que possibilita o reconhecimento da importância de uma pessoa na nossa vida. Isso não faltou nos testemunhos aqui apresentados, sejam eles sobre os nossos pais, sejam sobre membros da grande família e, também, sobre membros da grande comunidade. Todos são presenças marcantes na vida dos escritores

Cartas de amor aos amores de nossa vida é um livro baseado no sentimento que mais contribui para o crescimento emocional do ser humano, pois é uma exaltação desse sentimento fundante de nossas relações.

Assim, me cabe então estimular o leitor a se debruçar sobre testemunhos aqui presentes, buscando neles uma inspiração para encontrar dentro de si próprio o afeto que lhe dê força para construir sua existência autêntica e com laços duradouros.

José Paulo Giovanetti¹

Belo Horizonte, fevereiro de 2024.

1 Possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira (1974), Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1981), Especialização em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975), Mestrado (1983), doutorado (1986) e pós-doutorado (1991) em Psicologia pela Université Catholique de Louvain. Professor aposentado da UFMG. Professor Titular da Faje-BH(Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia).

Barbacena/Vitória, 15 de dezembro de 2023.

Para você, leitor(a)

Desejamos que você esteja bem e que saiba-se muito amado(a) nesta vida.

Nós, Vânia Marta e José Raimundo, estamos bem e, justamente, por reconhecer o quanto fomos e somos amados, decidimos provocar em outras e outros a possibilidade de registrar em cartas o amor. Vaninha teve a ideia inicial e conseguiu um aliado para essa aposta no imprevisível. Cartas são sempre imprevisíveis! Essa proposta tinha lá seus inconvenientes... Quem ainda escreve cartas nesse mundo tão tecnológico dos e-mails e WhatsApps? E logo “cartas de amor”? Quem ainda se põe a deixar marcas no papel daquilo que já está incrustado no coração? Por fim, como o convite era bem amplo, as cartas poderiam ser destinadas a vivos ou falecidos. Derradeiro inconveniente... Escrever cartas para quem já não está mais conosco? Escrever cartas para quem ainda está conosco? Toca-se ali na questão do luto, da perda, mas também do sentido da vida, das partilhas, do perpassamento de um na vida do outro.

Você não vai acreditar... O que parecia ser um inconveniente ganhou ares até terapêuticos, no aspecto, de que a escrita das cartas possibilitou colocar bálsamo em feridas, dizer o que se fazia necessário, aventurar-se a ver-se com outros olhos e deixar-se novamente amar.

Como se trata de um livro, recolhemos aqui, como num abraço onde os braços se abrem em acolhida, as cartas mais singelas de quem se dispôs a escrever não só para o destinatário principal da carta, mas também para você. São cartas que abrem recônditos da humanidade dessas mulheres e homens escritores amorosos e amados. E,



certamente, essas cartas chegarão para além dos destinatários iniciais, pois são cartas-convite a reconhecer um amor presente no nosso cotidiano.

Ao adentrar na leitura, possivelmente, você vivenciará um encontro com muitas vidas. O conjunto de cartas aponta para as mais diferentes relações que o amor faculta a cada um de nós: amor filial; amor paterno; amor materno; amor fraterno; amor conjugal; amor amigo; amor próprio; amor de quatro patas. No mosaico do amor, a cada tempo, uma ou outra dimensão fica mais evidente, mas é sempre na multiplicidade das experiências que vamos nos sabendo amados. Na escola da vida, com cada pequeno gesto, as pessoas que por nós passaram e nós mesmos que no mais íntimo também nos perpassamos, vamos reconhecendo aquele filete de tinta que foi escrevendo e inscrevendo no sulco mais profundo de nossa história as vivências do amor. E, quando as tradicionais palavras, em sua forma mais comum, não são suficientes, vem em nosso socorro a poesia. Assim, também temos cartas poéticas, fazendo com que o amor seja dito com outra sonoridade, ganhando rimas, refrões, pautando-se por uma métrica que ensinou que quanto maior o coração, mais amor dará e receberá.

Você pisará em solo muito sagrado! Cada carta foi escrita com carinho. Muitas foram acompanhadas de lágrimas. São registros ternos daquilo que se fez eterno porque nos deixamos tocar pelo amor, ou melhor, ele tocou-nos e, muitas vezes, demoramos a perceber. Leia cada carta como se encontrasse aquele destinatário e aquele remetente no interior do seu coração. Permita-se acolher com alegria o que essas vidas traduziram, cada qual ao seu modo, dessa experiência maior que é aprender a amar.

A cada pessoa que generosamente acolheu nossa proposta e colocou-se na árdua tarefa de escrever aos seus amores, o nosso muito obrigado. Essa coletânea de cartas é um presente que vocês nos deram e que, de tão grande e profundo valor, compartilhamos agora com o mundo, fazendo com que essas palavras cheguem nos lugares mais distantes, mas também nos mais próximos, desencadeando uma onda de cartas. Muitos desses autores e autoras também não se conhecem, mas estamos todos unidos pelos vínculos do amor-amizade com algum outro(a) autor(a). Estamos nos conhecendo pelas cartas de amor! Essa rede que se forma e que extrapola os limites das proximidades físicas e geográficas.

Especial gratidão ao Sr. Vanir Osvaldo de Paiva que, do alto dos seus 90 anos de idade, faz do colorir mandalas um exercício de embelezar-se no tempo e nos ofertou recortes das mesmas para ornamentar cada carta. Na diversidade de cores e formas também uma motivação para lermos as cartas com olhos luminosos e tão coloridos, capazes de enxergar o belo do extraordinário amor na ordinariedade da vida. Nos fragmentos das mandalas o saber de um colorido que traça sobre o preto e o branco da vida, ressignificando-a. Como marcadores de

páginas, os pedaços das mandalas nos apontam para nossa unidade maior com aqueles a quem destinamos nossas cartas de amor, assinalando aquelas vidas no tempo e na história. Talvez, por serem apenas uma parte de um desenho maior e mais lindo, essas ilustrações nos falem da nossa in-completude a buscar com outros a felicidade.

Nosso agradecimento também ao José Paulo Giovanetti e Cinthya Fonseca Dias e Silva que nos agraciaram, respectivamente, com prefácio e posfácio. A esses corações amigos, nossa gratidão pela leitura, acolhida e disposição a se colocarem conosco nessa aventura. Aos dois, nosso reconhecimento pela atuação na área da psicologia e por serem, com suas vidas e profissionalismo, sinais de muito amor derramado.

Que você, que nos lerá, encontre nossas mãos e coração em cada página e, quem sabe, ao final, arrisque-se também a grafar uma carta de amor.

Abraços

Vânia Marta de Paiva e José Raimundo Rodrigues



Barbacena, 25 de maio de 2022

À minha mamãezinha

Mãe... Mamãe... Mãezinha... Mamãezinha...
Amor...Amorzinho...
Morzinho... Morinho...
Fofa... Fofinha...
Fofucha...
Fofuchinha...
Linda... Lindinha...
Bonitinha...
Flor...
Florzinha...
Minha querida e minha amada...
Hoje 30 dias sem a Senhora...
sem falar com a Senhora...
sem pronunciar os termos acima tão carinhosos...
sem beijá-la...
sem fazer um carinho em seu rosto sardentinho...
Hoje 30 dias que grito... que berro...
A todo instante na alma... no coração...
no pensamento... na memória...
nas entranhas...
de dia...
de noite...
de madrugada...
pela Senhora...
por sua Presença...
Fora de mim minha amada...
É só silêncio...
É só falta...
É só vazio...
É só ausência...
E só Saudade
Mas uma saudade que traz
Paz,
Serenidade,
Doçura...



Porquê sei que está aqui dentro de mim...
Que se mudou definitivamente para dentro de mim...
Para dentro do meu Coração...
E que a Senhora Vive agora mais do que nunca aqui...
Na alma...
Na memória...
No pensamento...
Na emoção...
Na minha aparência...
Na nossa casa de pedra...
Na imensidão...
E já na nossa casa no céu!

Vânia Marta

Aquela que se sente honrada em ser sua Filha.

Barbacena, 29 de maio de 2022

Àquela que me gerou no amor, Conceição

Mamãe, hoje acordei te procurando...
por um minuto achei que iria abrir meus olhos e vê-la em sua cama...

Logo fui assaltada pelo pensamento de que a senhora não está mais aqui...

Aliás, todas as manhãs meu coração fica gelado quando o pensamento me recorda que a senhora se foi...

Hoje diferente dos outros dias, talvez por ser um domingo... e o dia está lindo... já fiz tudo na casa e engraçado, tentando me primar no esmero em tudo que a senhora me ensinou... Coisa que não fazia quando a Senhora estava aqui... Achava que não precisava, pois afinal, a senhora estava aqui, e qualquer coisa a senhora dava seu toque ou me diria para fazer...

Mesmo não tendo nada mais para fazer parece que tenho e na minha inquietação de repente me deparo abrindo suas gavetas... revirando seus objetos pessoais...

Mexendo em seu jogo de xícaras na cozinha...

Em busca de algo...de alguma coisa...

E num átimo deparo-me com sua foto no porta retrato e concluo que estou é te procurando Mamãe...

E daí toda a minha pressa se cessa... e a minha busca é abortada, afinal...

a senhora está e

não está...

Já estive... e

não está mais...

Ou melhor...

Estive, Está!



Mas não como esteve... como estava...

É uma mudança...

A Senhora a caminho da Eternidade deixou sua casa de pedra...

Deixou-nos, deixou-me

em nossa casa de Pedra...

Mas ao fazer o caminho para Eternidade sinto que a Senhora precisa de uma pousada...

E é definitivamente para dentro do meu coração que a senhora está mudando...

Quero lhe dizer que meu coração já era seu e agora mais ainda... pode fazer de todos os cômodos sua pousada...

E agora eu já sei onde te buscar e mais do que buscar..

Onde encontrar a Senhora Mãezinha...

no meu Coração!

Vânia Marta de Paiva



Barbacena, 24 de novembro de 2023.

Papai, te amo, te adoro!

Papai...paizinho... popozão, fofucho, nininho, negão, neguinho, amorinho, amoreco, trem lindo, amor da minha vida...

São 03h50 da manhã em que mais uma vez fizemos a caminhada cotidiana do quarto para o banheiro. Fiquei aqui refletindo sobre o senhor, papai.

Acho tão interessante durante as madrugadas em que acorda para ir ao banheiro e antes de voltar para o quarto seu cuidado em higienizar sua boca, seu rosto e, calmamente, pentear seus cabelos... Desde que me entendo por gente, o senhor tem este ritual... Antigamente fazia sozinho e hoje eu tenho a honra de lhe acompanhar, às vezes, mais sonolenta, outras vezes desperta como estou agora.

Mamãe sempre me disse que desde que eu era pequena eu sempre fui apaixonada pelo senhor... Logo que chegava do trabalho pulava em seu colo e ficava ali aninhada em seus braços... Tenho mesmo uma leve recordação desses tempos.

Quando de minha entrada no primário, era o senhor quem me ajudava nos deveres de casa... Foi o senhor quem encapou meus cadernos... Lembro-me que era um plástico mais encorpado de cor vermelha que mamãe comprou.

Ao me acompanhar nos deveres o senhor, calmamente, ia me ensinando a copiar as vogais e depois com o tempo as consoantes... Recordo-me que o senhor era calmo e, aos poucos, de acordo com o meu grau de dificuldade, se tornava nervoso... Ficava bravo e com o passar do tempo fui percebendo o quanto o senhor era

sério, honesto, correto, mas de tolerância zero ao se relacionar em nossa casa, em seu trabalho e porque não dizer com o mundo.

Na minha imatura adolescência não entendia o porquê do senhor se mostrar assim. Somente no início de minha juventude, já sendo atuante na Igreja é que internamente fui dando um lugar para o senhor dentro de mim... Com a maturidade fui conhecendo sua história de vida e compreendendo seu jeito de Ser no mundo.

Hoje papai, olhando para os últimos 15-20 anos em que o senhor teve uma enfermidade que exigia muitos cuidados, sinto que foi a oportunidade que Deus nos concedeu quando o senhor se permitiu ser cuidado e receber amor... e eu de poder cuidar e oferecer o meu amor.

E o tempo passou... E cá estamos nós nos apoiando diante da falta que mamãe nos faz.

Sinto Papai, que temos um pacto interno... sem combinar nada, de que temos que cuidar um do outro... e talvez seja isso que nos faz levantar todos os dias.

E é assim que temos vivido... costurando nossas lembranças... nossos dias e nossas esperanças.

O senhor, papai, na altura de seus 90 anos tem me ensinado muito:

Que o amanhã é hoje... e que não precisa pressa...

Que a vida é agora... no instante presente...

Que tem se traduzido

No passar do pente em seu cabelo mesmo que seja de madrugada...

Na forma de contar repetidas vezes suas histórias de menino, das peripécias na companhia de seu avô, do DER (Departamento de Estradas de Rodagem), das pescadas...

De seus passos lentos que hoje precisam de aliados: bengala, andador, cadeira de rodas...

De reclamar quase todas as tardes durante o Jornal Hoje porque o jornalista César Tralli fala tão alto... mesmo eu explicando que quem controla o volume da voz dele é o senhor através do controle remoto...kkkk

De olhar pela janela do banheiro, todas as vezes que vai lá... (manhã, tarde, noite e madrugada) e dizer que os pés estão “topetados” de mexericas e goiabas. rrrs

E daí na companhia de um vizinho de duas a três vezes por semana vamos com o senhor no terreiro para conferir se há alguma fruta...

E ao invés de ficar decepcionado de não encontrar as frutas, o senhor nos explica que da janela dá para vê-las e que tem alguém que está fazendo uma brincadeira com o senhor...

E mal sabe o senhor que quem brinca conosco é o senhor mesmo...

Não sei o vizinho, mas eu gosto da brincadeira...kkkk
e tantas tiradas ao longo do dia que não consigo me lembrar todas...
Ahhh papai... eu te amo e te adoro!

Para o senhor não é novidade, pois falo pela manhã quando lhe desperto e à noite quando o senhor se deita e o faço prometer que nunca vai se esquecer; não é mesmo, fofucho?

Nossos dias são preenchidos de muitos casos... outras vezes de silêncios prolongados... de muita música sertaneja pelas ondas do rádio, pelos programas de TV... de sorvetes, picolés e pipocas... de pizzas, empadões e broinhas... e é lógico que os doutores João Renato e Rafaela Machado não são poupados das informações acima... kkk

Das manhãs e final de tarde em que mergulha nas mandalas, nos lápis e vai colorindo os minutos, as horas, os dias...

Papai, quero lhe dizer que te amo muito. Sou muito orgulhosa do senhor e agradeço por todo seu empenho, força e luta que empreendeu sozinho e depois na companhia da mamãe para me trazer até aqui.

Renovo aqui em palavras o que venho escrevendo com minha vida:

O compromisso de estar com o senhor sempre, mesmo se tudo ficar mais difícil, estarei sempre... aqui, ali e lá. Eternamente com o senhor.

Beijos... muitos beijos... “trem lindo”, da minha vida!

Ah... não se esqueça:

“Te amo, te adoro!!!”

De sua filha:

Vânia Marta de Paiva

Barbacena, 30 de novembro de 2023

*Querido Padre
Paulo Dionê Quintão,*

Meu Pai Espiritual, Irmão e Amigo...

Dos 40 anos de Sacerdócio que o senhor celebra neste ano de 2024, eu o conheço há 38 anos.

Padre Paulo, eu sou tão grata a Deus por ter colocado o senhor em minha vida e na vida de meus pais...

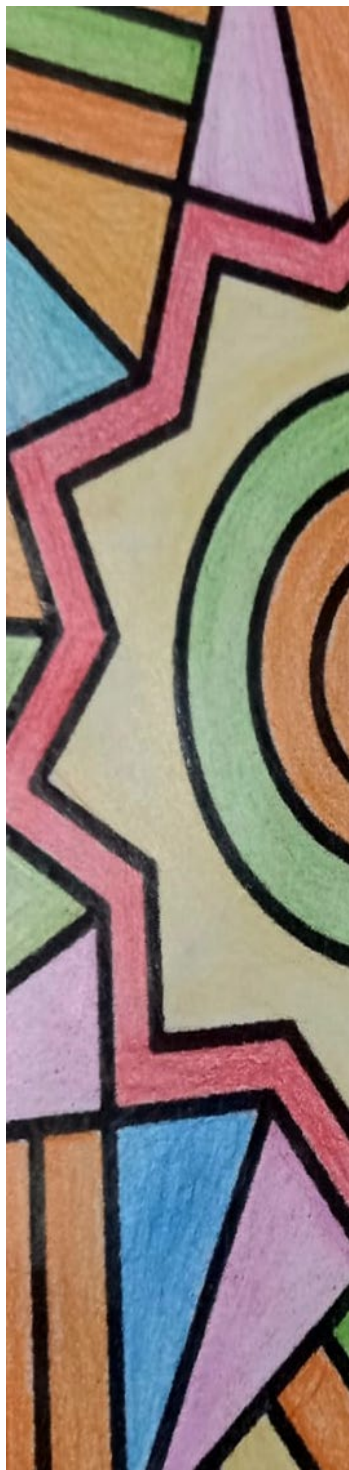
Antes mesmo do senhor chegar à Barbacena eu já tinha o incentivo da Irmã Terezinha Guimarães (minha Professora de Religião, no curso de Magistério do Colégio Imaculada Conceição) e de meu primo Luiz de Cássia, na época Seminarista em Mariana, para que procurasse pelo senhor assim que chegasse.

Parecia que eles conheciam bem a Vânia Marta daquela época... uma jovem sensível, alegre, mas também inquieta, que se angustiava diante do mundo e do sentido de sua vida.

O senhor chegou e eu o procurei... Já no primeiro contato telefônico o senhor marcou uma conversa sendo muito acolhedor e atencioso, aliás, uma característica sua.

Nessa conversa, o senhor nos falou de seus planos, sobre sua missão junto à juventude e de uma nova forma de atuação da Igreja junto aos jovens que se chamava Pastoral da Juventude. Estávamos (eu e outros jovens) assentados numa poltrona e o senhor ao apanhar a sua agenda, para marcar uma nova reunião, ajoelhou-se no chão para ficar na mesma altura que nós.

Na época o senhor usava uma batina cinza e o seu gesto desprezioso de se ajoelhar ali, naquele chão, descortinou para mim Deus e sua Igreja que, até aquele momento, eram tão



distante... tão longe... tão lá em cima, tão ranzinzas e de repente, ali naquela sala... Deus e sua Igreja, de forma tão simples, tão jovial se revelou no meio de nós!

A partir daí, teve início o meu itinerário espiritual, onde Deus, através do senhor, foi escrevendo lindamente a minha história e aquela Vânia Marta de antes foi descobrindo através das celebrações, das missas catequéticas, da atuação na Pastoral da Juventude e na convivência com o senhor, Padre Paulo, a beleza de nossa Igreja, a experiência da presença de um Deus Amoroso e Misericordioso, presente dentro de mim e em cada um de meus semelhantes. Compreendi, que eu também era Igreja, e que tinha responsabilidades em relação ao próximo. Entendi o que era pecado social e que cada um de nós e, inclusive eu, tínhamos uma missão.

Descobri os Profetas e os Mártires de outrora e os daquela época... das décadas de 70, 80, 90, 2000 e até hoje... 38 anos depois...

Ter conhecido o senhor, Padre Paulo, possibilitou-me o encontro com Deus e comigo mesma... deixei-me ao longo do tempo ser arrebatada por Ele... quis viver a radicalidade no seguimento de Jesus... e depois de muitos diálogos com o senhor e Dom Luciano Mendes decidi viver a experiência na Vida Religiosa através da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias, cujo testemunho e a alegria contagiante da Irmã Maria Mônica Rodrigues me desafiaram.

Achava que era a minha maior entrega, mas aí Deus e seus planos... Já noviça discerni que ali não era o meu lugar, que precisava voltar e fui recebida com alegria pelos meus Queridos Pais, pelo senhor, por Dom Luciano e pelos Pais do Coração: Diácono Prado e Dona Wanilda. Aliás, uma amizade linda, profunda, cultivada ao longo destes 38 anos e foi graças ao senhor, Padre Paulo que eles entraram em minha vida e na vida de meus pais para nunca mais sair.

Ao longo dos anos fui percebendo que a radicalidade que busquei na Vida Religiosa não era lá, em São Paulo, África ou Portugal. Mas, em Minas Gerais, em Barbacena, no Bairro Grogotó mesmo, na minha casa, junto de meus amados pais. Nos desafios e na simplicidade do dia a dia familiar Deus me deu e continua me dando a oportunidade de, ao cuidar dos dois, retribuir a vida que recebi deles: de mamãe até o último suspiro e de papai, minha alegria cotidiana!

Sabe uma coisa bonita do senhor, Padre Paulo? O senhor sempre me incentivou a seguir em frente, inclusive na decisão por uma graduação. E quando o senhor foi chamado a doar a sua vida na cidade de Viçosa eu já era Profissional da Psicologia há 3 anos, atuando no consultório.

A nossa amizade, os nossos diálogos, as suas orientações, os desabafos, seus conselhos sempre foram alinhavados pelas orações, sempre costurados em Deus.

Mesmo estando em Viçosa, o senhor continuou presente... presença terna e orante, sempre nos recordando o Amor e a Bondade Deus. Foi assim:

na doença do papai, por 3 anos acamado, sem consciência; no diagnóstico de transtorno de humor da mamãe; quando do reencontro com o moço de minha adolescência, 25 anos depois (o senhor vibrou comigo, fez até uma poesia para nós dois, rsrs... enaltecendo nosso reencontro) torceu por mim, acompanhou o meu entusiasmo e também a minha tristeza quando não se concretizou; ao longo dos 37 dias em que acompanhei mamãe numa internação em um hospital psiquiátrico; quando achei que não daria conta, o senhor, como muitos amigos, naquele momento, rezou e, em todos os contatos, dizia-me da entrega que fazia de nós duas (mamãe e eu) à Senhora Aparecida; quando do diagnóstico de Demência por Corpus de Lewy; quando da piora e da morte da mamãe. E até agora... por papai e por mim na ressignificação da ausência da mamãe e nos altos e baixos da saúde do papai.

E aí, meu querido Pai Espiritual, ao final desta carta, recordo que no início eu disse que sou agradecida a Deus por ter colocado o senhor no meu caminho. Estou aqui pensando, quem encontrou quem? Rs rs...

Na verdade, eu o procurei por inspiração de duas pessoas que me queriam bem e tenho, agora, a certeza de que o senhor me encontrou para Deus.

Estou lembrando da música do Padre Zezinho: “se não fosse a fé que eu tenho, se não fosse a minha fé, minha vida não seria nem metade do que é...” Diante disso digo sem nenhuma dúvida que essa é a trilha sonora da minha história pois, todos os dias eu sou protagonista e ao mesmo tempo testemunha da generosidade e dos milagres que Deus faz em minha vida e de meus pais.

Também sou agradecida pelo Carinho de Deus quando Ele me apontou para o senhor e o senhor, ao longo dos últimos 38 anos faz esse caminho conosco, nos recordando que o caminho é para frente; nos apontando que é para o além. Que não somos daqui, somos do céu!

O que mais posso dizer?

Gratidão!

Gratidão!

Gratidão eterna, querido Padre Paulo, por tudo e por tanto!

Gratidão por ontem e por hoje!

Renovo aqui o meu compromisso como filha, irmã e amiga de sempre estar acompanhando o senhor com minhas orações por sua vida, suas intenções e seu Ministério Sacerdotal! Na alegria de celebrar, com o senhor, seus 40 anos de entrega a Deus, despeço-me pedindo a sua benção.

Um abraço enorme e infinito.

Vânia Marta de Paiva

Barbacena, 31 de Dezembro de 2023

Para os Amores

Jotas As...

Jota L...

Dáblío e

Eme!

Vocês foram Amores!

Foram? Ou São?

Xiii...

Talvez ainda Sejam!

Amor!

Ahhh o Amor...

Amores sentidos...

Alguns vividos.

Amores sentidos e não vividos!

Amores da Adolescência...

Amores da Juventude...

Amor da Maturidade!

Amei

Platonicamente na adolescência...

Apaixonadamente na juventude...

Amo

Intensamente...

Imensamente...

na maturidade!

Amores correspondidos...

Amores não correspondidos!

Algumas vezes

Não amei aquele que me amou...

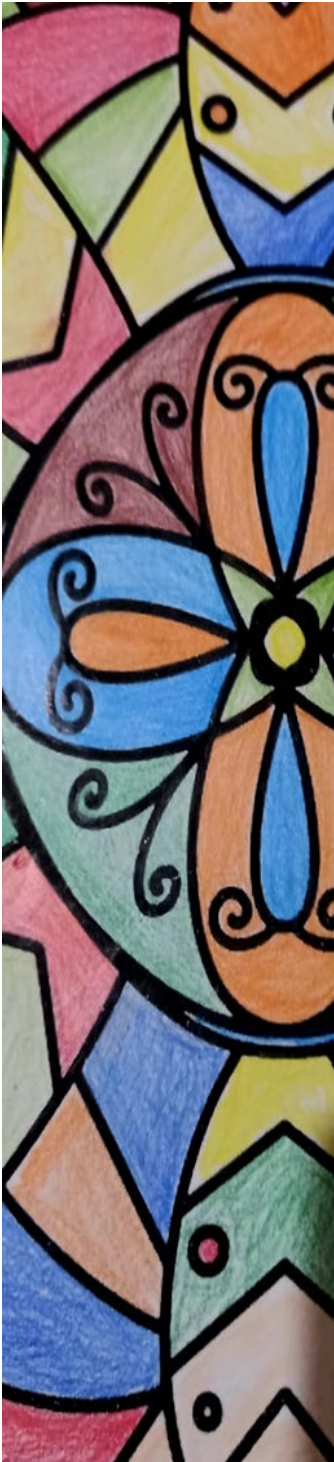
e

Amei quem não me amou!

Foram Amores!

É Amor!

Um Amor...



Tatuado em meu coração...
Impresso em minha história...
Eternizado em minha Alma...
E para além da vida!!!

Vânia Marta de Paiva

Vitória, 25 de abril de 2023.

Querida amiga, D. Conceição

Cumpro aqui a parte possível daquela música que pedia “mande notícias do mundo de lá...”. E, mando-lhe as notícias do mundo de cá. Sei que a senhora, na eterna comunhão conosco, tudo acompanha, mas o poder dizer-lhe algumas coisas é um ato também de fé. Cumprida a sua missão, certamente, agora suas ocupações são outras nesse eterno regozijo da vida junto do Amor.

D. Conceição, a senhora partiu deixando-nos um buraco. Se eu dissesse apenas “vazio” ficaria algo solto, meio alheio. A sua partida deixou um buraco que não pode ser preenchido. Sinto falta da voz, do riso solto, do olhar atento, do jeito cuidadoso. E, pior de tudo, nem sequer nos despedimos devidamente nesse processo. Coisas da vida e da irmã morte a nos ensinarem que tudo é mais rápido do que imaginamos, que “a hora do encontro é também despedida”.

A senhora deixou conosco duas joias muito raras. D. Conceição, elas estão bem cuidadas, protegidas e sei que isso também tem dedos da senhora. São muitas pessoas que admiram e se preocupam em conservá-las bem. A joia mais antiga dá muitos sinais de que sentiu e sente sua ausência. No entanto, é bonito ver aquela joia nonagenária animando-se com o possível de cada dia, deixando-se renovar com uma pescaria, brilhando os olhos ainda com cara de criança ao fazer algo dentro de casa, colorindo o cinza da história, mostrando o fluxo da mandala da vida.

A joia mais nova assumiu muito do seu jeito, D. Conceição. Cuida de tudo, zela pela



outra joia, preocupa-se com os detalhes da casa, faz daquele espaço um santuário de vida, zela pelo jardim, tem muito de seus traços e traquejos. E precisa ver a joia mais rara auxiliando a novata na cozinha! “A vida segue” “diz quem fica” mesmo com o coração muito apertadinho. As duas joias levam a vida com a serenidade de quem sabe que encontrou no outro o verdadeiro presente.

A casa está lá como ninho a nos acolher, mas sem o seu olhar de águia. Ano passado estive naquele espaço aquecido. Compartilhei da raridade das joias acolhedoras. E, nem vai acreditar, experimentei uma herança que a senhora deixou. Lembra-se da receita de brevidades que a senhora ensinou para uma pessoa? Pois, então, comi brevidade feitas por outras mãos, mas fazendo com que a senhora estivesse ali presente na mesa. Vou confidenciar um segredo: acho que as brevidades que a senhora fazia eram as melhores, mais sequinhas! Segredo nosso, tá?! Naquela mesa também me recordei do dia que cheguei “sem ter planos” e acabei ficando para o almoço. Seus olhinhos se assustaram, mas nem sequer a senhora podia imaginar o quanto eu gosto de arroz, feijão, angu, ovo e taioba. Naquela mesa nos refestelamos na alegria da amizade. Somente comemos com quem nós apraz. Daquela casa, quando saio, sempre guardo a certeza: “melhor ainda é poder voltar”. E como o quero!

D. Conceição, a sua presença nos acompanha por pequenos gestos, sinais, lembranças, memórias. No corredor da casa há um quadro com vários momentos de sua vida e ali a gente vê a beleza de Conceição. Passar por ali e não se deter naquelas expressões agradáveis e brincalhonas é perder a oportunidade de receber sua vida no nosso interior. Mas o que somos senão sujeitos de memória? Gente alimentada por um desejo de futuro muito casado ao passado feliz que nos foi permitido viver. Somos isso, não é mesmo?!

“Todos os dias é um vai e vem!” E somos todos tomados por mil coisas que nos forçam a enfrentar com coragem esse trem chamado vida. A senhora partiu num momento ruim desse nosso país. Não que agora já esteja um paraíso. Longe disso! A gente tem respirado com um pouco mais de esperança, acreditando que os dias serão melhores, mas tem muita coisa estranha que tira o sossego da gente, tira aquela calma da alma. Tem dias que o “mundo de cá” parece estar virado de cabeça para baixo. Então, aproveite o tempinho junto do Amado e peça por nós um pouco mais de paz.

Um ano se passou desde que a senhora deixou-se abraçar pelo Pai. Quero agradecer por tudo que a senhora fez e por ter nos deixado com as joias. Na hora certa, no momento oportuno, quando chegar o dia da plenitude, que a senhora esteja na estação para junto com outros que amamos nos receber e já, ao longe, nos ouvir cantar: “me dê um abraço, venha me apertar, tô chegando!”. Obrigado por fazer parte da minha história e torná-la mais bela, elegante,

sensível e confirmar que não estou sozinho quando digo que detesto o inverno. No calorzinho do coração de Deus, olhe por nós e juntos cantemos “é a vida, desse meu lugar, é a vida!”

Não se preocupe em mandar notícias. Sei dos muitos novos afazeres. Suas notícias são esse seu olhar e jeito meigo a nos acompanhar. E, tenha certeza, quando estivermos aí não haverá mais choro, pois não haverá mais “chegar e partir”. Por enquanto, sigo cantando a música que escolheram para homenagear você. E faço coro: “Não sei por que você se foi! Quantas saudades eu senti! E de tristezas vou viver. E aquele adeus não pude dar. Você marcou na minha vida!”

Abraço grande da extensão do mar e cheio de saudades na proporção das estrelas do céu.

Zé

Àquela que ensinou-me a conjugar o verbo “amar”, Silvia Maria

Mãe! Queria agora poder chamá-la e, de imediato, escutar sua voz, sabê-la por perto. Muito cedo você partiu e sei que a vida não lhe poupou sacrifícios. Trago-a no meu interior como a mulher de uma extrema força, uma gana por viver, uma admirável capacidade de superar-se. Aqui, no interior do meu interior, onde agora você mora, de onde faz-me reconsiderar muitas coisas e me permite também ousar ser no mundo. E, daqui, sou capaz de recordar o vivido como se fosse um eterno hoje. E como gostaria que fosse!

Mãe, você se lembra que à noite não havia muito o que fazer na nossa rua. A escuridão chegava decretando o nosso encontro. E ver a noite chegar alegrava meu coração. A TV, em preto e branco, passava imagens a ganhar cores naquele afeto e intimidade que construímos juntos. Não havia sofá na nossa sala, mas duas cadeiras de madeira ou uma cadeira e um tamborete permitiam a união dos nossos corpos. Talvez, eu já tivesse lavado os pés com água morna, usando sabão preto, secado no pano de saco. Não me lembro, mas sei que estávamos os dois. Eu depositava minha cabeça sobre suas pernas, fechava os olhos e, jamais vou me esquecer, sentia o cheiro de fubá.

Era um cheiro quente, agradável, vital. Você, com as mãos calejadas de lavoura ou da lavação de roupas, me aflagava e eu deixava-me repousar. Ali ficaria por toda a vida. Quando hoje, sinto cheiro de angu, broa ou qualquer alimento que no seu preparo levou fubá... volto novamente ao seu colo, minha mãe, e me nutro, me sacio, ali descanso...

Quantas vezes descemos juntos até o moinho de água, iluminados pela lamparina que deixava



nossas narinas com fuligem. Em meio às sombras que se projetavam nos pés de laranja, entremeados pelo barulho do rodíz, da pedra que se moía o milho, era você meu único ponto de segurança no mundo. E sentia um pavor horrível de pensar em perdê-la. Na sua simplicidade, você foi me ensinando uma sabedoria que os livros não me deram. Você, minha mãe, que não teve oportunidade de aprender a ler e escrever, sabia perfeitamente inscrever na minha pessoa os melhores valores, por isso digo que me ensinou a essencial conjugação, a do verbo amar. Foi com você que aprendi a necessidade de perdoar as ofensas recebidas, a capacidade de suportar as dificuldades, preservar a dignidade de nosso nome, evitar tudo o que pudesse nos ser prejudicial. Com você aprendi o quanto os pobres são fortes e capazes de ressignificar cada momento da vida. Você assumiu toda a responsabilidade pela criação de três filhos e mostrou-se excelente educadora. Sua fé inabalável faz-me crer não só no que nos transcende, mas também nas pessoas, naqueles que nos acompanham. Aquela sua devoção à Nossa Senhora Aparecida deixava muito claro o quanto você compreendia que a vida é essa mina escura e funda em que precisamos de uma luz para nos guiar. E nunca me esquecerei do seu carinho para com os mais necessitados. Essa identificação com os mais pobres foi também gravada em meu interior. Afinal, lembra-se mãe, de que tivemos que tirar “atestado de pobreza” para que eu não precisasse pagar o Ginásio?

Mãe, eu demorei demais para criar coragem e pronunciar em primeira pessoa o meu amor para com você. Recordo-me que foi na tarde de 30 de outubro de 2002. Nós havíamos chegado do Paraná. Fizemos aquela sua derradeira visita aos irmãos e sobrinhos. Visita também ao túmulo dos meus avós. Fomos todos tomados pela emoção. Sabíamos bem a encruzilhada que se avistava à nossa frente. Naquela tarde eu rompi uma barreira e disse o quanto a amava. Nossos olhos se encontraram marejados. Sei que, na verdade, não era necessário verbalizar algo que nós dois sabíamos tão bem, mas foi significativo poder dizer “Mãe, eu te amo!” Sim! Amava e continuo a amá-la, reconhecendo com gratidão tudo o que fez por mim para que eu me tornasse quem sou. Em cada pedacinho meu estão também as suas digitais. Você soube me moldar.

Mãe, tem dias que eu queria poder telefonar e fazer aquele convite: “Vamos dar um passeio?!”. Do outro lado, mesmo sem saber para onde iríamos, geralmente, você aceitava a proposta. E tudo ganhava ares de festa, de grande evento. E nossa alegria era plena. Hoje você passeia noutros prados, com outras companhias, com sorriso e brilho nos olhos. Eu, cá, tento caminhar, procurando também encontrar outras luzes para minha vida. Confesso, o abismo deixado por sua partida é enorme. Um dia, naquele do qual ninguém escapa, quando também tiver que partir, quero pedir aos céus uma graça: que você seja me

companhia em meio ao vale da sombra da morte. Desta forma, acho que acolherei mais docilmente essa irmã que tocará meu corpo.

Mãe, tenho ainda uma dúvida bobinha... Santa Zita, a santa cozinheira, não ficou com ciúme quando a senhora adentrou no céu? Sendo muito sincero, não tenho dúvidas de que você cozinha mil vezes melhor que ela... Que Santa Zita me entenda e releve, mas igual à comida que você fazia, mãe, só o manjar celestial!

Sentindo o calor de sua presença em meu interior, qual chama que arde e me faz sentir a vida, despeço-me nesse abraço

Zé Raimundo

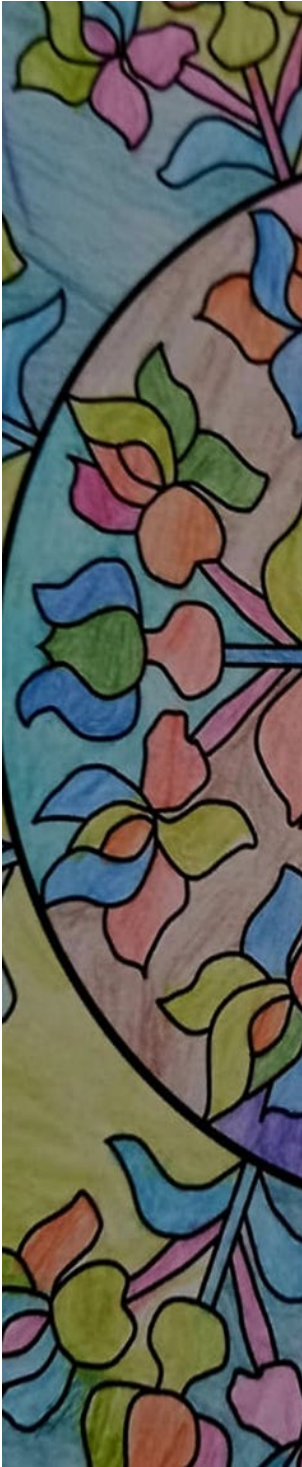
Carandaí, 17 de agosto de 2006

*À Alice Ambrozina Rodrigues,
minha avó*

Vó, imagino o quanto esteja usufruindo da convivência com todos que nos antecederam. Sempre brinco que aprendi com a senhora essa coisa de conversar com desconhecidos. Lembro-me bem de suas investidas. Você não conhecia a pessoa, aproximava-se dela e fazia uma pergunta, por exemplo, “você é filha de fulano?”. Depois disso, era impossível escapar de sua forma de nos enredar pelas palavras. Se a resposta fosse positiva, viria uma sequência de lembranças familiares, uma árvore genealógica falada e falante. Se a resposta fosse negativa, bastaria uma outra pergunta e aquele seu olhar de quem queria atenção. Todos se rendiam. E era assim que funcionava na igreja, na rua, na rodoviária, dentro do ônibus.

Outra coisa que sinto urgência em contar para a senhora é que fui dominado por um amor aos cachorros. Na infância, lá na Ponte Chave, nós nunca tivemos animais domésticos. Inclusive, no miudinho do buchicho de casa, sempre criticamos quem os tinha. Ficávamos indignados com vizinhos que tratavam os cães com carinho e até davam-lhes alguns beijinhos. Pois é, Dona Alice, cá estou eu tal qual casa de Balduína ou D. Margarida ou Agostinha ou Sr. Beijo. Tenho cães e os admiro muito, são uma grande companhia. Aliás, costumo dizer que “são mais gente que algumas gentes que a gente conhece!”.

Dito aquilo que mais de imediato eu sentia há muito necessidade de falar, gostaria de passar a algumas notícias, mas infelizmente, ando desatualizado sobre o necrológio de Carandaí e Capela Nova. Por falar nisso, recordo-me de sua atrapalhada corrida para ver passar um féretro em frente a sua residência que resultou na fratura de seu



fêmur. Acho que herdei essa sua curiosidade, principalmente sobre os mortos do passado que habitam em livros antigos e que, quando os tomo em pesquisa, parecem saltar como meus auxiliares na interpretação do mundo. Mas minha curiosidade não remonta apenas ao passado, é uma curiosidade também sobre o presente, o que me faz também um falador.

Vó, foi com a senhora que o universo religioso católico parece ter me conquistado por inteiro, atingindo meu DNA. Desde a consagração à Nossa Senhora Aparecida, conduzida pelo Pe. Vítor Coelho de Almeida, diariamente às 15h, passando pelas novelas bíblicas da Rádio Aparecida, a contemplação da Bíblia ilustrada adquirida numa de nossas romarias ao Santuário do Bom Jesus de Congonhas, as orações, novenas etc. Encontrava na senhora uma interlocutora com quem podia conversar sobre religião. Ah, e ainda tinha a hora do *Angelus* com Monsenhor Hermenegildo Adami de Carvalho, de Conselheiro Lafaiete. Sem contar a lista enorme de padres da família, completada por aqueles que a senhora conseguia achar algum grau de parentesco mesmo que fosse de enésimo grau.

Aos domingos, a senhora saía cedo de casa, quase duas horas antes do horário da missa. A missa era às 8h. O argumento para tamanha antecedência era o de rezar o terço; mas, nós dois sabemos que não, não é mesmo?! Era mais uma oportunidade de poder conversar com tantas pessoas conhecidas ou desconhecidas. E nesse dia nós sabíamos que antes das 18h não a encontraríamos em casa. Uma verdadeira via-sacra de visitas era realizada. E ali se constituíam laços de amizade, de fraternidade, de convivência. E, como a linha de trem por onde a senhora passava na ida e na volta, andando sobre dormentes, se interligavam estações vida. Penso que foi daí que também herdei essa coisa de gostar de me enfiar na casa dos outros...

Vó, por fim, um pedido... Sou muito de você no meu cotidiano. Sinto-a entranhadíssima em mim. Por favor, apenas ajude-me a evitar algumas coisas que não são tão boas nessas heranças que a vida permitiu-me... Que meu falar, apesar de ser afiado, não fira os outros; que minha curiosidade não invada intimidades; que minhas intolerâncias não se transformem em implicâncias contra ninguém. Relembro da senhora sentada de cócoras próximo ao borralho do fogão, cochilando vez por outra. Ali a vida passava e a senhora deixava-se aquecer. Que eu me aqueça com as vidas que passam por mim.

Zé

Vitória, 03 de outubro de 2023

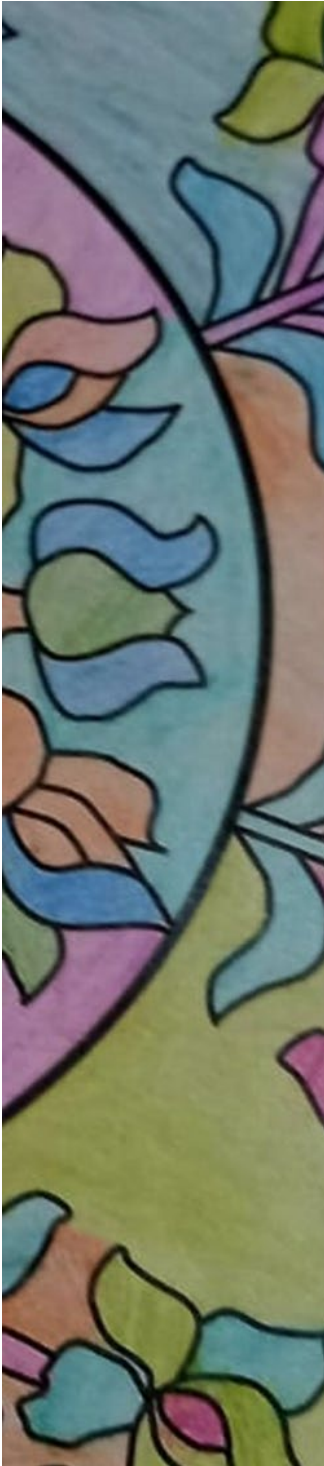
*Ao meu pai,
Raimundo Feliciano*

Pai, a vida tem caminhos nem sempre de fácil compreensão. Era ainda um menino quando idealizava você e o fato de trabalhar no Rio de Janeiro. Você havia nos deixado e depois da morte do vô, seu pai, aquelas visitas que já eram tão espaçadas tornaram-se ainda mais raras. Havia nos guardados lá de casa uma gravata que minha mãe sempre dizia que fora a usada por você no casamento. Servi-me dela muitas vezes para buscar alguma proximidade com você. Instruído pela tia Miquita, passei anos rezando, como Santa Mônica rezava pela conversão de Agostinho, pedindo a Deus para que você voltasse para casa. Como menino não conseguia entender essa “vida que segue” dos adultos.

Foi confuso, quando da audiência de divórcio, eu não tê-lo reconhecido sentado no banco de espera do corredor do Fórum. Minha mãe é que mostrou-me você e insistiu para que o cumprimentasse. E muitos anos se passaram, cada um para um lado. Eu, pelo meu, alimentando dúvidas, incertezas, deixando que boatos crescessem em meu interior. O tempo, esse sagrado terapeuta, foi nos reaproximando. Em função das visitas à sua mãe, vez por outra, ao menos uma ou duas vezes ao ano, o senhor aparecia.

Os primeiros diálogos foram marcados por uma tensão, até mesmo angústia. Era eu diante do homem desconhecido. E, ainda hoje, alguns momentos de nossas conversas ressoam nesse vácuo de existências a se conhecerem.

Aos poucos você foi se fazendo presente em minha história, participando de momentos cruciais. Fomos, devagarinho, fazendo dos fiapos



que nos restavam um outro fio mais denso. Houve uma ocasião em que percebi que precisávamos fazer certo acerto de contas. O senhor com sua ciganice, sempre mudando de endereços, quase nunca nos permitia saber onde estava morando. Em novembro de 2002 pedi o seu endereço com a desculpa de enviar um cartão de Natal. Sua reação de imediato foi dizer que estava mudando e não sabia ainda onde estaria no Natal. Pedi que me desse os dois endereços. Por fim, passou-me o que seria da nova localização. No início de dezembro daquele ano, no domingo à noite, liguei para saber se estava já naquele endereço. Tão logo confirmou, peguei o ônibus para Arraial do Cabo.

Sempre sorrio quando me recorro de sua cara quando me viu diante do portão. “Você?!” Sim! Era eu ali na sua frente, vencendo um monte de bloqueios e querendo conversar. Depois de algum tempo o senhor chamou-me para ver o mar. Nós andamos lado a lado por uma extensão enorme daquela praia sem fim. Andamos em silêncio, acho que afinávamos o que teríamos para conversar. E naquele “não falar” vivido por cerca de quase quatro horas nos aproximamos. No dia seguinte, num quiosque lá em Cabo Frio, tive oportunidade de lavar a roupa de uma vida inteira. Duas questões me incomodavam naquela época: o motivo da separação e se eu era realmente seu filho. Essa última dúvida se justificava pelas incontáveis discussões entre sua mãe, D. Alice, e minha mãe. E nelas, com muita frequência, a vó dizia que eu não era seu filho. Passei umas duas décadas escutando aquilo. Agora, quando me olho no espelho, e vejo minha testa, recordo-me de seu sorriso e sua fala: “Que você é meu filho, eu nunca tive dúvidas!”. Sou, de fato, parecidíssimo com o senhor. Também foi importante entender todo o contexto que o senhor viveu ao ter ido morar no Rio e, pouco a pouco, distanciar-se da família. A vida nos conduz, não é pai?

Tivemos essa conversa praticamente um mês antes de minha mãe falecer. Ela morreu ainda desejosa por reatar com o senhor. E tenho comigo que aquela nossa conversa que tocou em tantos pontos delicados, fazendo-me evadir rapidamente daquele lugar, foi fundamental para que pudéssemos nos constituir como filho e pai. Ao senhor, pai, sou grato pela vida na sua mais misteriosa manifestação prodigiosa. Aprendi a amá-lo, a desejar o seu bem, a encontrar alegria ao estar junto do senhor. Carregamos, cada qual, essas coisas que nos confirmam que somos feitos do mesmo barro, queimados por chamas semelhantes, feridos e curados pelas mesmas labaredas. Talvez, a nossa história não seja história para ser ter explicações, mas apenas uma experiência para sabermos que somos mais intensos do que os outros podem imaginar.

José Raimundo

Vitória, 10 de novembro de 2023

***Aos meus familiares, Luiz Carlos,
Chiquinha, Matheus, Evandro,
Vanessa, Miguel, Gael, Luiz Antonio,
Maria Augusta...***

A cada um de vocês o meu apreço e afeto, com votos de saúde, paz e força para vencerem as dificuldades. A vida pede isso da gente a cada dia, muita coragem para enfrentar o que nos vem. A vida é sempre desventura, no sentido de que não é possível traçar tudo certinho, há percalços, acertos, imprevistos mil e a gente ali fadado a dar conta de seguir em frente, mesmo que carregando com dificuldades o peso de tudo que vivenciamos.

Estou considerando aqui a família no sentido mais estreito do termo como aquele conjunto que está mais próximo. Sempre me incomodou o fato de sermos uma família tão pequena. No Natal, quando estávamos todos, éramos, às vezes, seis pessoas. Pensava na família do Tio Alcebiades e Tia Maria com tantos filhos, casa sempre cheia. Ou a família da Tia Conceição com tanta gente se movimentando pela casa. Outro fato que me incomodava era que nossa família iria acabar. Entra aqui aquela coisa do pensamento tradicional machista em que o sobrenome do homem é que vai sendo passado para gerações futuras. Nós acabaremos. O ramo da família Rodrigues do José dos Santos Rodrigues não progredirá!

Ainda mais um pouco e o sobrenome de nosso lado desaparecerá! Coisas da vida! Mais um motivo para eu escrever para vocês.

Luiz Carlos, você atualmente é o patriarca da família. Que responsabilidade, heim?! Talvez, nada de novo esteja presente nisso. Você sempre



foi nosso apoio em diversas circunstâncias. A sua entrada em nossas vidas permitiu que muito se transformasse. Quantas vezes você nos socorreu? Em momentos delicados, quando do falecimento do nosso avô, por exemplo, foi você quem nos deu o suporte financeiro imediato. Durante o tempo em que morei junto com vocês, foi de você que pude espelhar os melhores valores e o sentido do trabalho com responsabilidade. Quantos plantões feitos e você sendo requisitado pela empresa nas horas mais improváveis. Luiz, você sempre foi o homem da manutenção. Por debaixo da aparente indiferença sobre muitas coisas, existe o homem sensível, capaz de gestos altruístas, preocupando-se com todos. Você é um pai!

Chiquinha, poderia dizer que você ocupou o lugar de “mãe” dessa família tão masculina. De nós três, talvez, seja a mais determinada, corajosa, forte. Sei que isso não se dá sem uma série de sofrimentos ou dificuldades. Você carrega com elegância a cruz de cada dia e mantém-se como fiel da balança em muitas situações. A você, minha gratidão por ser a irmã com quem pude e posso compartilhar tanta vida e tudo que nos angustia e também nos traz esperança. A vida não te poupou de muitas coisas. Mas, você soube fazer de cada ocasião um momento oportuno de se renovar. É uma mãe, uma águia. Às vezes, uma onça, protegendo as crias (família) com toda a força.

Matheus, você é uma joia rara que a vida nos deu. Sua inteligência ultrapassa aquilo que nós conseguimos mensurar. Admiro muito sua coragem de ser. Não é fácil escapar às expectativas, aventurar-se em projetos pessoais, impor sua marca sobre a própria existência. Você faz isso do seu jeito. Nem sempre a gente concorda sobre as mesmas coisas, mas carregue você comigo. Que sua vida profissional na educação conduza você a realizações. Você é uma presença na vida de muitos e, como tal, precisa estar sempre atento às marcas que deixa como educador. E, já sei, os alunos gostam muito de você. Parabéns pelas conquistas. Desejo que você seja feliz e consiga encontrar-se como pessoa feliz e que merece também fazer a tantos felizes. Sobre a continuidade do sobrenome Rodrigues há uma chance com você, pois Assis já têm muitos...

Evandro, te carreguei no colo, menino! Agora, quando vejo você com os seus filhos, eu fico babando diante do pai que você se tornou. Fico encantado com seu amor para com Vanessa e os meninos. Que coisa linda! Continuo admirando suas molecagens, sua capacidade de repensar as coisas, sua abertura aos aprendizados da vida. Seu estilo galante e debochado é sempre muito divertido. A barba começou a ficar branca, moço, portanto, mais juízo daqui para frente porque é preciso cuidar dessa família maravilhosa que vocês formaram. Aliás, acho que é hora de pensar sobre o futuro. Não estou sugerindo mais um filho, pode ficar tranquilo. Mas de pensar que rumos profissionais você ainda pode

dar, considerando essas mudanças todas de nosso país. Daqui a pouco ninguém precisará de lotérica... Ou será que não?! Só o tempo dirá!

Vanessa, sobrinha que a vida me deu, presente feminino nessa família, obrigado por ser quem você é. Seu jeito sincero e perspicaz ajuda a discernir muitas coisas. Você também é marcada por uma coragem ímpar. Aos poucos, vai se acostumando com a roça de Carandaí. Já avançamos, pois já temos até semáforo. Um dia outras benfeitorias chegarão. Brincando... Você é uma mãezona e os meninos sabem que podem contar com você como porto seguro. Isso é muito bom. Além disso, sua presença é capaz de nos fazer enxergar detalhes que nos escapavam. Obrigado por me acolher como “Ti Zé”.

Miguel, Miguelzinho, Miguelito, quando você souber ler, essa carta é também pra você. Menino, faça muita bagunça! Você está crescendo rápido e seu pai e sua mãe demonstram todo o cuidado para que seu desenvolvimento seja o melhor. Mas, bagunce muito. Seu pai era um tremendo bagunceiro. Tem um ditado que fala que “o galho não cai longe do tronco”. Pois é, “filho de peixe, peixinho é”. “Quem não sai aos seus é monstro”. Peça ao seu pai para te contar uma história de um almoço de casamento que ele foi com seus avós; no final foram parar no hospital! Quase você não vem ao mundo rapazinho... Seu olhar terno é uma alavanca para cada um de nós. Sua rapidez em fazer as artes é um convite a não nos acomodarmos. Então, espero que um dia você leia essa carta. Miguel, você tem pais e avós maravilhosos. Uma pena que não pode conhecer seus bisavós paternos e a bisavó materna. O Sr. Vicente e D. Vanda eram formidáveis. Ele amava bandas de música, passava horas ouvindo “dobrados” e, da janela desta casa ao lado da de seu avô, ficava olhando com binóculos o movimento de Carandaí. Miguel, se Carandaí já é uma cidade quietinha, imagine lá em 1980-90... Sua bisavó Vanda era ótima para conversar, aguerrida na política, divertida. E sua bisavó Silvia fazia doces, carnes e bolos inigualáveis. Você perdeu de não poder gozar férias na casa dela. Rapaz, aproveite todas as oportunidades que a vida conceder a você. Pode parecer um simples conselho, mas estude, menino. Pode ser útil! Por outro lado, aprenda com seus pais a se relacionar com todos, a fazer amizades, a ser querido! Seja um cara legal com sua família. Retribua com amor esse amor que todos dão a você. Desejo que seja muito feliz.

Gael, Gaelzinho, Gaélico, menino fofo, bichinho esperto que está tendo bom professor. Você é muito querido, rapazinho. Mesmo de longe eu curti acompanhar sua gestação, seu nascimento. Até fui em seu batizado. Você é sempre muito simpático. Você vai demorar para ler isso aqui, mas, por favor, não perca a sua alegria de viver. Você é muito risonho e leva tudo na brincadeira. Esse é o segredo da vida, moço: menos seriedade e mais riso. E você aprende rápido. Isso é maravilhoso. Não sei que rumo você vai tomar na vida quando

crescer, mas tenha em mente que todo o amor dedicado a você precisa ser replicado em amor para com os outros, para com o mundo. Apronte também e faça sua mãe e seu pai ficarem com cabelos brancos. Eles também fizeram isso com os pais deles. Mas, nada que seja preocupante demais! Uma tatuagem sem autorização é permitida! Gael, você consegue despertar brilho nos olhos das pessoas, conserve essa marca carismática de agregar a todos à sua volta. É meu afilhado de coração. Um dia seu pai te explica isso em detalhes...

Luiz Antonio, meu irmão mais velho, porto seguro também para minha vida. Luiz, na ausência do nosso pai, você foi um pai para mim em muitos momentos. Era de você que vinham os diversos cuidados e preocupações. Se eu pude fazer um primeiro tratamento dentário foi graças a você. Minha gratidão por tudo que você fez por mim! Você passou por várias situações delicadas e foi capaz de se reerguer. Contigo aprendo essa resiliência diante da vida. Sua sinceridade e objetividade, estranhas a alguns, são extremamente importantes para que a vida funcione dentro do que é esperado e, às vezes, também fora dele. Sempre tive você como irmão, mas preciso recordar que foi um abraço que nos demos quase no final do velório de nossa mãe que, ao meu ver, selou definitivamente nossa irmandade. Era muito difícil para nós dois. Você é um exemplo de caráter, de trabalho, de responsabilidade, de cuidado e proteção, de amizade. Obrigado por você existir!

Maria Augusta, nossa Guta, que chegou como se já fosse de casa há muitos anos. Seu jeitinho mineiro é cativante e nos faz perceber que a vida pode ser vivida com mais suavidade. Guta, o mundo dá muitas voltas. Lembro-me que tinha contato com sua família por causa do ônibus de estudantes que o Sr. Totonho Nogueira dirigia. E, depois de anos, a gente está na mesma família. Você também é de uma família grande e sempre souberam conservar a unidade, mesmo nos momentos mais delicados. Eu considero você como esse elo que nos ajuda a compreender cada momento da vida e nos convoca à união, à superação das dificuldades, à reconciliação. Você tem inúmeros talentos e eu fico sempre a imaginar qual a coisa nova que você vai fazer. Criatividade não te falta. E, posso estar enganado, você tempera bem o imediatismo do Luiz Antônio e ele, por sua vez, a sua insegurança em alguns momentos. Gosto da forma como vocês são casal.

Então, cada família é essa bênção que se dá no cotidiano. Obrigado por vocês serem a minha família e por terem me acompanhado em cada momento. A sabedoria de vocês também auxiliou-me a ter forças para que eu pudesse ser eu mesmo. Carregamos, como todas as famílias, as marcas de nosso tempo, mas também a capacidade de nos adaptarmos a cada nova situação. E família é sempre esse exercício adaptativo ao outro, às mudanças, às transformações. A única coisa que não pode nunca mudar é o amor que nos une.

Que vocês tenham muita saúde para continuar a fazer o bem aos outros
como fazem a mim.

Abraço grande

Zé, Ti Zé, Zé Raimundo

Carandaí, Contagem, Juquiá, São Paulo,
Mariana, Barbacena, Belo Horizonte, Vitória,
dezembro de 2023

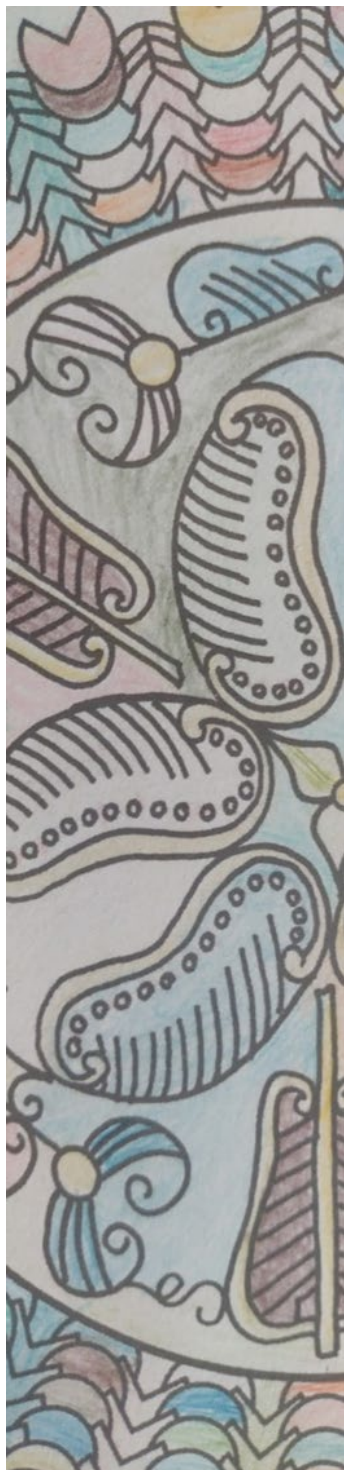
Ao meu companheiro de 52 anos

Não sei por onde posso começar... Talvez, pelo fato de que não sei o momento exato em que me dei conta de que não estava sozinho no mundo, de que tinha você como meu eterno companheiro. Difícil precisar a idade que tinha quando percebi que era com você com quem eu caminharia até o fim de minha existência. Você sempre foi uma presença marcante, acompanhando-me a cada instante, fazendo-me perceber o sentido da vida. Quero compartilhar coisas de minha vida, certamente, bem sabidas por você, mas que ao escrever acabo fazendo certa aposta da capacidade terapêutica da escrita. Afinal, grafar é algo que fere o papel, a pedra, a madeira, ou seja, fere até mesmo o coração que se põe a escrever.

Num primeiro registro que tenho na memória, talvez seja apenas uma criação de uma lembrança e não um registro como tal, vejo-me dentro de um caixote de madeira, erguendo-me com um pescoço curioso, percebendo o mundo ao meu redor, uma cozinha de fogão de lenha com seus cheiros e sabores. Estou ali, um menino pequeno aprendendo a segurar-se para manter-se de pé.

Estou eu ali, aprendendo a elevar o pescoço sempre mais em busca do que se pudesse dar a conhecer. Vejo-me pescoçudo, curioso, atento, e a luz perpassa pela janela da cozinha e incide em mim. Possivelmente, você não se recordasse disso...

Lembro-me dos primeiros anos na escola e como fui decodificando que tipo de comportamento, escolar e fora da escola, se esperava de mim. Um olhar, uma palavra, uma



repreensão, um elogio, tudo ia se configurando como meu modo de entender como sobreviver ao mundo, sentindo-me, sem dúvida, muito alheio àquele mundo. Acho que aqui nossa amizade já se fortalecia. Era com você que eu entabulava muitas coisas. Nos momentos de angústia eu me refugiava em nossos diálogos. Nem sempre ouvia seus conselhos, ainda bem! Sua voz em meu interior ecoava o melhor e o pior do que eu experimentava nessa vida.

De repente, quem sabe você pudesse me ajudar a entender isso, o menino que era mais solto foi ficando mais contido e tímido, assumindo quase uma outra personalidade, parecia mais um adulto em corpo de adolescente. O fator religioso foi preponderante para isso. E você e eu víamos o mundo como um eterno perigo a nos rondar e ameaçar-nos com o fogo eterno dos infernos. Como temíamos o inferno. E, em reação quase imediata, fui buscando o que podia significar o céu aqui na terra, embrenhando-me na Igreja e assumindo uma série de responsabilidades. E junto com isso vinha aquele sentimento de a ninguém poder decepcionar. Parecia que eu tinha uma dívida infinita com a qual precisava lidar cotidianamente. Acho que por vezes você também me recordava dessa dívida...

Nós dois nos tornamos confidentes, os melhores amigos e também os mais atrozinhos inimigos. Não sei quem cobrava mais do outro um ser que não se adequava ao esperado. Com você expus meus desejos mais profundos e minha busca mais sincera não só por felicidade, mas para cumprir uma missão que considerava sagrada. Havia em mim um temor sobre o futuro. Inúmeras vezes chorei e senti os desafios do amadurecimento que a vida nos exige. Eu estava no mundo, mas não me sentia dele. Sair de casa foi um exercício de in-dependência. Um certo sufocamento familiar me era sentido e precisava tentar escapar daquilo como podia. Mas, porém, veio a dependência ao vincular-me a um processo formativo que fazia-me crer que era incapaz de ser eu mesmo, incompetente para assumir minha vida, uma pessoa heterônoma insegura e temerosa sobre a vida. Quantas descobertas fizemos juntos nesse período.

E as distâncias em relação à casa foram se aumentando. Um outro eu se formava. A experiência com a alfabetização de adultos foi fundamental nesse processo, fazendo redesabrochar aquela pessoa criativa, animada, crítica, sensível. E, aliás, sempre muito perfeccionista. Quão bem aqueles alfabetizando e as pessoas da comunidade, como Marlene Martins, Rita Vieira e Patrícia, que atuavam como monitoras conosco, ensinaram-me outras possibilidades do viver.

O período em que vivi em Juquiá foi, certamente, o tempo em que mais ficamos juntos. Tínhamos horas de sobra para sonhar, idealizar futuros, aprender a cozinhar, ler e orar. Naquele final de rua onde ficava nossa casa, enterrada no pé de um morro, eu me permiti sentir muito da umidade do chão. Os passeios

no antigo parque da cidade eram momentos em que podia aliviar minha solidão com a sua presença. Falávamos de quase tudo e de quase todos. O mato e os pernilongos, num calor incomum, deixavam-nos numa certa harmonia com aquela natureza. Sim, você se recorda que esse foi um hábito por anos: refugiar-me na natureza. Foi um ano bom também de leituras. Até mecânica quântica eu andei lendo, recorda-se? E muitas outras coisas de filosofia oriental e também grandes clássicos da literatura latinoamericana. Juquiá foi muito da minha Macondo. Aquele universo fantasioso febril-me de maneira extraordinária. A ele somava uma Gabriela, cravo e canela.

Mudei-me para São Paulo cheio de inseguranças e experimentei aquele um ano com raros suspiros. O curso de Teologia exigia-me uma estabilidade que não era possível naquele período. Sentia que precisava redefinir meus caminhos, mas não sabia ao certo por onde. Tive bons professores, mas talvez, o mais importante foi ter tido um professor extremamente humano que lecionava Introdução à Teologia Moral. Darci Marin havia colocado no final de sua prova uma pergunta em que sugeria a nós, alunos, partilhar com ele o que estávamos vivendo e como aquilo impactava na assimilação da disciplina. Deixei ali o meu recado de que vivia um momento de discernimento e que tudo estava bastante embaralhado, embaçado, embolado, enviesado. Aquele professor anotou ao lado da minha resposta: “Por favor, procure-me ao final da aula”. Foi uma conversa que ajudou-me a perceber muitas coisas e a não me cobrar um desempenho excepcional nos estudos quando vivenciava internamente um sério processo de discernimento. O José do Egito era minha trajetória bíblica e decidi voltar para Minas...

Minha entrada no Seminário de Mariana foi um marco decisivo. Você também se recorda de minha entrevista com a psicóloga durante a semana vocacional de janeiro de 1996. Ela perguntou-me sobre minhas motivações para o sacerdócio. Falei das motivações e mencionei também que, se em algum momento eu não me sentisse feliz sendo padre, não teria receio em deixar o ministério. Vivi bem intensamente os quatro anos do curso de Teologia. Li muito, criei uma paixão pela interpretação bíblica, experimentei o quanto eu podia desenvolver-me intelectualmente. Você e eu sabemos o quanto amadureci. Amadurecimento que também veio acompanhado de outro amadurecimento, o diagnóstico de câncer de minha mãe. Tempos que ficaram delicados, marcados por incertezas, por angústias sobre essa coisa que o adoecimento por uma doença traiçoeira que parece ter sido eliminada, mas, quase sempre, retorna com força. Assim passamos quatro anos e foi bom por ter estado mais perto de casa.

Em meio às festividades do Grande Jubileu do ano 2000 fui ordenado por Dom Luciano Mendes de Almeida, um homem bom como Deus é bom! O fato de ter realizado um desejo cultivado desde a infância não me deixou plenamente

realizado. Enquanto pessoa eu sabia-me em transformação, em mudança, em rota de colisão até comigo mesmo. Tenho comigo que vivi bem cada momento. Algumas situações, como determinadas celebrações ou formações, eram assumidas por mim com todo o amor. Sentia-me realizado, mas desejava também mais. Não foram raras as ocasiões em que a roupa parecia muito apertada para meu corpo ou que muitas pedras tinham entrado no sapato. De vez em quando ainda me pego perguntando-me o sentido de ter vivido aqueles anos de sacerdócio. Consolo-me a mim mesmo, com a sua ajuda, ao dizer-me: “Se você ajudou para que apenas uma pessoa se salvasse, já está aí o sentido de você ter sido padre por um tempo!”. Recordo-me de Pe. Nilton Guimarães Gonçalves, meu amigo, com quem compartilhei que deixaria o ministério e ouvi que era uma loucura pois aquilo estaria tão enraizado em mim que, como as camadas mais finas de uma cebola, eu não conseguiria acessar mais quem eu era ou quem eu gostaria de ser depois de ter sido padre. Vou me desacebolando aos poucos...

Preciso aqui fazer uma confissão de algo que a vida ensinou-me e que nunca procurei comprovação científica. A morte de minha mãe, ainda tão nova, com seus 63 anos, fez-me dar conta de que precisava redefinir as rotas de minha vida. Novamente, sendo eu e com sua ajuda, caro amigo, fiz projetos, idealizei possibilidades e fui em busca do que acreditava. Ah, você deve estar se perguntando sobre o aprendizado que mencionei acima. Posso formulá-lo da seguinte maneira: “Depois que a mãe morre, ninguém é o mesmo e não precisa sequer desejar ser o mesmo. Depois que a mãe morre, nasce em nós uma liberdade inaudita!”

Fiz da educação um caminho de vida. E tenho feito da vida um caminho de educação. Nesse entremeio é que agora sou afetado por uma série de outras questões que escapavam-me por completo. Sou um especialista na certeza de que a educação é terreno movediço e incerto, novo a cada dia, irrepetível na sua cotidianidade. E, não queira entender, aliás, tem muitos dedos seus nessa coisa; acabei indo parar na história da educação de surdos. Com um detalhe que, por vezes, traz alguma angústia, não sei libras e não tenho contato com surdos. Curiosamente, grande parte do pessoal que tem entrado nessa área é oriundo de vivências religiosas, mas tenho andado por outros trilhos.

Queria combinar algumas coisas com você. Quem sabe pudesse ser mais generoso comigo e menos exigente. Um pouco mais paciente e menos ansioso. Ah, deixe um pouco de lado o perfeccionismo e permita-se errar mais vezes, desafinar, andar amarrotado, abotoar na casa alheia, pisar no pé durante a dança, trocar os sapatos – inclusive usar o sapato furado. Não se cobre salvar o mundo, nem me desgaste sugerindo que um projeto messiânico passaria por minhas mãos. Ajude-me a assimilar que no nosso anonimato, nessa coisa do miudinho de cada dia, do instante que se vai como a própria respiração e mais rápido que

um piscar de olhos, ali estou eu, contigo, é claro. Estamos nesse balanceio que é a vida. Se te amo? Você sabe que sim! Mas, também tem ciência do quanto alguns dias eu gostaria de não ter que conviver com você tão proximamente. Um dia de cada vez, não é assim?!

Você, mais que ninguém é conhecedor de toda a minha história, acompanhou cada passo, senti cada vibração de meu coração. Então, é com você que conto para continuar a caminhar, mesmo com o chão escorregadio, ou com meus deslizes. Somos dois e somos um e somos muitos. Quem me vê certamente não sabe que somos, no mínimo, “aqueles dois”. Achou que iria falar dos filmes e do quanto amamos cinema. Nem que seja rapidamente, quero sim. Rapidamente, apenas sugiro que amo muito *Los Abrazos Rotos* de Almodóvar. Quero mesmo concluir evocando a poesia, outra mestra que compartilhamos com tanto sabor. Encontro-me em Pessoa e seu *Sou um evadido*:

Sou um evadido.
Logo que nasci
Fecharam-me em mim,
Ah, mas eu fugi.

Se a gente se cansa
Do mesmo lugar,
Do mesmo ser
Por que não se cansar?

Minha alma procura-me
Mas eu ando a monte,
Oxalá que ela
Nunca me encontre.

Ser um é cadeia,
Ser eu não é ser.
Viverei fugindo
Mas vivo a valer.

E como dizia o saudoso Dom Hélder Câmara: “Feliz de quem entende que é preciso mudar muito pra ser sempre o mesmo”. Abraços na cumplicidade que conosco nasceu no 7 e no 14 de outubro de 1971.

José Raimundo Rodrigues

Vitória, 15 de novembro de 2023.

Aos meus amigos e amigas de minha Betânia

Impossível não ser tomado pelos textos das Escrituras. Eles afloram em mim como o suor ou oleosidade natural da pele. Estão consubstanciados à minha pessoa e, por isso, insistem em me falar de um passado como também me fazem ressignificar o presente. Começo com essa recordação porque, ao lembrar-me de vocês, sempre me recordo de um texto do Evangelho Segundo João. Nesse livro bíblico aparece com muita ênfase que Jesus mantinha um vínculo de amizade com uma família de Betânia. Uma família de irmãos: Lázaro, Marta e Maria. Betânia era o lugar do repouso de Jesus, espaço em que se refazia para suas missões. Escrevo a vocês de minha Betânia.

Quantas não foram as ocasiões em que compartilhei com vocês a vida que se entrega das mais diversas formas. Na condição ou não de ministro de Deus, soube-me sempre acolhido por muitas casas e pude constituir naqueles lugares sagrados a tessitura da amizade. Sim! A amizade é dessas tapeçarias muito finas que vai sendo tecida fio a fio, com movimentos delicados, com perfurações e atravessamentos da agulha no tecido, mas também da abertura do tecido ao outro que a invade com a novidade da existência.

Nomeio vocês como amigos de minha Betânia por ter a cada um como casa, no sentido amplo da palavra, que me oferecia e ainda oferece a possibilidade de refazer-me como pessoa. Casas que não são simples construções, mas santuários onde a vida é conservada e conversada. Casas que se fazem como extensão de corações e



manifestaram a mim o quanto a grandiosidade de vocês perenizava e atualizava o que existe de mais belo no humano: a capacidade de conviver, de dar-se no conhecer, de entregar-se na gratuidade. Em cada casa eu podia experimentar o repouso necessário para dar continuidade aos trabalhos, para aliviar o peso de inúmeras situações vividas e ter a capacidade de seguir em frente.

Tudo nascia de um convite quase sempre muito desprezioso. “Passa lá em casa!”; “Tem tempo agora? Entra para tomar um café!” “Já tem onde almoçar amanhã? E semana que vem?” “Importa de entrar um pouquinho?” Convites ganham o tom do interior do anfitrião. É a porta da casa sendo aberta com antecedência. É a liberalidade do chamar a si um desconhecido. É o desejo de fazer com outro um movimento novo e criar vínculo. Convites são expressões de amabilidade e, por vocês, nunca foram feitos como simples formalidade. Pulsava no convite o coração hospedeiro.

Convite aceito despertava sempre ansiedade. E tal qual Jesus ansiava por estar com Lázaro, Marta e Maria e eles por estar com o Mestre; a gente criava expectativas: O que dizer? Como portar-se? Quanto tempo permanecer?. Tocar a campainha era ato envolto num certo tremor que logo seria substituído pela amistosidade do encontro de irmãos e irmãs. Porta aberta fisicamente, mas já há muito escancarada antecipando o encontro. A timidez que também me acompanhava, outrora marcada por muita formalidade, cedia espaço a certa espontaneidade, a brincadeiras na fala, a trocadilhos. E sempre havia um fio solto a começar o desenrolo dos relatos: falar algo da família; contar sobre a formação; partilhar uma percepção; expressar um sentimento. Herdei de minha avó a capacidade de alinhar quase tudo e, assim, íamos nos dando no diálogo.

O coração da casa parece ser a mesa de refeições e sua proximidade com a cozinha. A cozinha está mais para o pulmão da casa. Da cozinha não saem apenas os alimentos preparados com extremo carinho, saem também uma coragem enorme de enfrentar o fogo das crises, a fumaça dos momentos delicados, o desejo de saborear o que o olfato se farta antes dos olhos. Considero a mesa de refeições como coração por ser nela que, numa igualdade de lugares, nos sentimos “com” o outro. Mesa que ocupa uma centralidade nos relatos evangélicos. Jesus fala do Reino como banquete, celebra seu testamento de amor com uma ceia e assume-se pão e vinho. Na amizade a mesa também é central. Sobre ela colocamo-nos junto com o que comemos e bebemos, fazemo-nos alimento uns para os outros, nutrimo-nos, saciamos não só o corpo.

Entre sabores tão diversos e toques culinários originais, temperava-se nossa amizade num aprendizado de gostos, de saberes, numa fartura que era, ela mesma, prenúncio de banquetes celestiais. Nos evangelhos, os poucos pães e peixes doados na generosidade fizeram acontecer o milagre da multiplicação.

Em cada casa, sobre a mesa, cada um de nós colocava seus pães e peixes e permitiam-me experimentar os mais diversos milagres traduzidos em olhos vívidos de amor. A lista seria infinita! Como gostaria de passar para o papel os mais diversos sabores apreendidos na mesa de vocês! Não os coloco aqui, mas as memórias de minhas papilas gustativas, associadas ao meu olfato quase canino, fazem-me transportar nas lembranças.

E, não raro, como cozinha também tem uma coisa de ciência, aconteciam pequenos incidentes: uma lasanha que se ensopou; um frango xadrez que salgou; um bolo que queimou; um pudim que esborrachou; um leite que azedou; um peixe cuja espinha insistiu em cair no buraco errado; um pão que mofou; um biscoito que ficou seco demais; esquecer de fazer arroz justamente no dia que fez estrogonofe. Mas tudo se ajeitava na amizade e no riso que, a essas alturas, já nos contagiava. E, ali, em torno da mesa, atualizava-se aquela refeição em que dois fugitivos desanimados experimentavam um novo ânimo ao partir do pão e recordar como os corações se abrasavam. E imagino que o pão não era tão novo... Passado um tempo os amigos se permitem chegar sem anúncio. E era em torno da mesma mesa que partilhávamos o que tínhamos e o que éramos. E da comida mais simples poderia se saborear a mesma certeza da amizade. Um arroz, feijão, taioba e ovo frito são iguarias quando experimentados na alegria do encontro. Serralha com mortadela pode se transformar numa recordação de infância. Pão passado no ovo e frito nos leva ao colo de casa. Penso que até poderíamos criar um livro de receitas: *Os sabores da amizade!* E que o Masterchef não nos copie...

As conversas ali dadas perpassavam os mais diversos assuntos, mas, acima de tudo, faziam-nos amigos. Não apenas o café era coado, coávamos a nós mesmos, deixando-nos passar pela água quente da amizade e exalávamos o melhor de nós. Tenho saudades do tempo gasto em volta da mesa que, depois de algum período, nem precisava de nenhum alimento para ser lugar da cumplicidade, da partilha, das trocas. Um copo d'água assegurava o fôlego para esticar a conversa. Esse dom que a água tem de nos converter em fonte. Conversas que se estendiam no portão e que pediam ao tempo que cessasse seu movimento para que continuássemos naquela entrega de corações. Infelizmente, o tempo não nos obedecia...

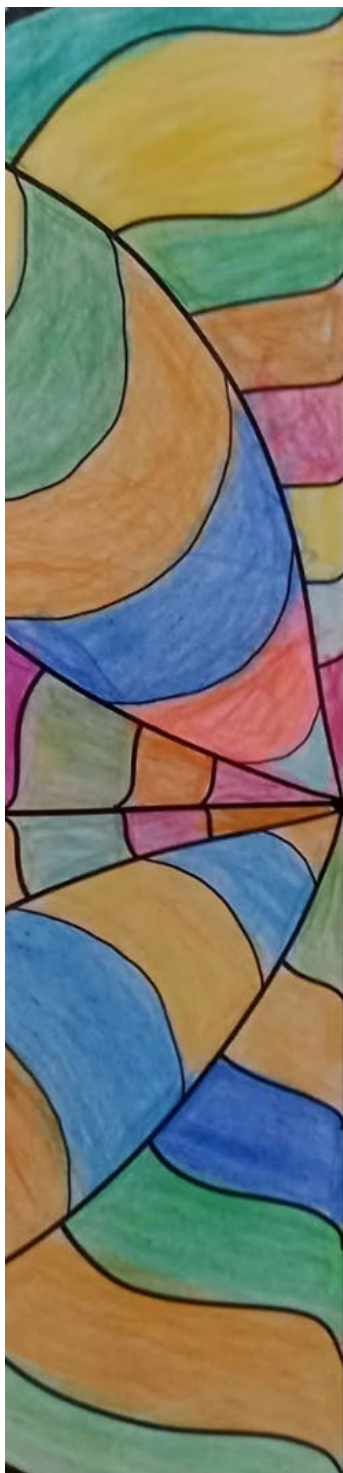
Mas havia um rescaldo da casa, do café, da mesa... Havia sempre a possibilidade da carona para casa e ali, dentro daquela tonelada de ferro pulsavam os corações, esticava-se um ponto da conversa, por vezes não podido mencionar na presença dos filhos, tomavam-se decisões, até aquelas de ter ou não filhos... E quantas vezes foi também no carro que pude compartilhar minhas angústias, expressar meus sentimentos mais profundos, dizer de mim com mais liberdade. Betânias motorizadas...

Você que me lê, sabe que faz parte de minha Betânia. A você e família eu agradeço por me ingressarem nesse espaço tão sagrado que é o lar onde habitam. A vocês eu atribuo também o fato de terem sempre me ofertado aquela unção de Betânia. Diz a narrativa bíblica que foi também numa refeição que uma mulher ungiu o Senhor com bálsamo perfumado. Nossas conversas foram, para mim, bálsamo que cura e afaga a alma. Nos evangelhos diz-se que a casa enchia-se de perfume. Um perfume que, certamente, acompanhava quem de lá saía. Assim, posso dizer que, do bálsamo de maravilhoso olor derramado sem miséria em nossos momentos, pude sair perfumando o mundo. Vocês foram e são essenciais para que eu possa ser quem eu sou! A casa de vocês exala o mais precioso e caro perfume, tão raro para muitos, um privilégio para mim: amizade sincera.

Essa carta é apenas um jeito de dizer que vocês são amados por mim. No texto de João, comunicam a Jesus que Lázaro, aquele a quem **amava**, estava doente. O evangelista usou ali o verbo grego de amor-amizade. Que nossas casas-corações continuem a ser esses espaços de abertura ao mistério da vida, que nossas mesas sejam fartas de gratidão, que nossas conversas sejam anúncios de outro mundo possível. Que nas amizades que Deus nos reservou possamos encontrar esses irmãos e irmãs que a vida nos presenteia. Felizes de nós por nos sabermos unidos por vínculos mais fortes que a morte.

Abraço de e-terna gratidão por tudo!

Zé, José, Zé Raimundo, Zenga



Perth, Austrália, novembro de 2023.

***Para Marlene de Fátima Martins
Jacinto, minha mãe***

Bênção, mãe! Espero que esta carta te encontre com sorriso aberto e olhinhos brilhando.

Dizem que somente quando nos tornamos pais/mães passamos a entender os nossos...

Não é uma afirmação falsa, porém quando penso em nossa relação, vejo que há uma cumplicidade que ultrapassou a imaturidade da primeira infância e me permitiu reconhecer toda sua genialidade, desde sempre.

Lembro-me de sentir sua ausência nas reuniões escolares, porém consigo sentir o cheiro dos primeiros plásticos e etiquetas que a senhora, caprichosamente, embalou meus cadernos. Também me vem à memória a sua busca por pessoas que pudessem me auxiliar nos exercícios escolares e outras atividades, que pudessem colaborar com meu desenvolvimento escolar, que por vezes você não se sentiu capaz de fazer (quanta inocência a tua!).

Algumas angústias suas foram claras para mim, porém me recordo de ouvir suas queixas não verbalizadas em palavras, mas expressadas na tristeza do seu olhar. Como toda pessoa naturalmente sábia, você sempre nos preservou da tentação de reclamar da vida e, principalmente, das pessoas, mesmo quando ambas te cortavam a alma sem nenhuma piedade. Jamais me esquecerei das inúmeras vezes que você foi para passeios em lugares em que claramente não era bem recebida, mas não deixava de ir para me permitir ter acesso ao que você supunha que eu merecia ter e você não tinha condições de oferecer. Lembra-se de quando no meio da noite

de um desses passeios acordamos com muito frio? Você jamais deixaria uma visita passar por isso em sua casa. Pelo contrário, deixou sua cama inúmeras vezes para que outros tivessem o melhor conforto. Seguindo os passos Daquele que nos guia, oferecia o melhor vinho aos convidados.

Quando penso nos conflitos que você viveu com meus irmãos na adolescência, posso viver novamente a sua tristeza e preocupação com o excesso de álcool e falas abusivas que só um filho adolescente é capaz de reproduzir e nos afetar com tanta maestria.

Dei minha contribuição rebelde no final da adolescência e início da juventude, mas sei que dentro de mim sempre havia um cuidado em te preservar e não cometer as mesmas falhas e falas.

Sigo falhando na missão de não causar dor, pois sei que a distância que nos separa fisicamente não me permite ser o suporte que você realmente merece, entretanto sei também que a distância nos permitiu uma intimidade pouco provável entre mãe e filha, da geração anos 90.

Esforço-me para abrir mão da minha vida privada em alguns momentos, como você o fez e faz, diversas vezes dedicando seu tempo ao outro. Orgulho-me quando ouço a senhora citar Paulo Freire, para exemplificar comportamentos sociais. Se não fosse sua entrega ao outro, muito provavelmente você não teria tanta propriedade para falar sobre um tema que, por anos, ficou preso em meios acadêmicos e altamente elitistas.

Olhar para seu passado, e ver suas renúncias pessoais em prol de amigos, família e casamento, reforça-me para a importância de renunciar menos a minha individualidade, pois o equilíbrio nas relações também devem passar por um pouquinho de egoísmo.

Amo ser sua filha, mas queria ter sido sua irmã. Queria ter acalmado seu choro quando seus pais reproduziram tratamentos cruéis. Queria ter aprontado peraltices ao seu lado.

Queria ter sonhado no futuro, mesmo sem elementos para tanto.

Queria ter visto você desafiando dogmas religiosos, padres autoritários, carolas hipócritas, militares abusivos, políticos safados, leigos repressores, entre tantas outras formas de autoritarismo que ousaram atingir quem estava à margem.

Queria estar em um posição neutra ouvindo você contar o quanto seus filhos e netos, são geniais e, ao mesmo tempo, responsáveis por tantas decepções no seu dia a dia

Sei que de alguma forma me tornei essa irmã, mas queria ocupar integralmente esse posto e te lembrar diariamente quem você é, com a devida credibilidade que os anos vividos juntos nos oferece. Mas, me contento em estar aqui aplaudindo tudo que você é e relembrando diariamente que sua eternidade

está dentro de cada coração que você tocou e ainda tocará.

Parabéns por ter erguido uma família com todas as suas particularidades, mas que tem como base principal o amor e a fraternidade.

Obrigada por ser a minha mãe.

Thalita Cristina Martins dos Santos

Contagem, 20 de dezembro de 2023.

Para uma pessoa muito especial...

Nem seria necessário, mas eu quero fazer porque foi o que o movimento dessa carta despertou em mim, minha filha.

Sou Marlene, tenho 66 anos, mãe de 03 filhos, sendo 02 meninos e 01 menina. Aos 19 anos casei-me com uma pessoa humilde e muito honesta. Passamos por dificuldades, mas criamos os nossos filhos com todos os exemplos mais positivos possíveis. Meu esposo, tendo desempenhado a profissão de açougueiro por um grande período, depois de alguns anos, passou no concurso de motorista da Prefeitura de Contagem. Recebia sempre um salário mínimo, mas nunca deixando de honrar com as demandas e a educação de nossa família.

Quando os meninos ainda eram pequenos, passamos por mudanças políticas dos últimos anos da Ditadura, aumentando ainda mais a desigualdade social e a miséria. Os primeiros anos da redemocratização foram marcados por alta inflação. Tudo tornava a vida mais complexa. Após alguns anos você nasceu. Era a caçulinha que veio para renovar nossas forças e trazer ainda mais orgulho para nossa família.

Seu pai, incomodado com as mazelas que vivíamos aqui no bairro (como falta de água e esgoto, ruas sem asfaltamento, poucos ônibus), engajou-se num trabalho social muito sério com apoio dos padres de nossa comunidade religiosa. Hoje, muito do que é usufruído no bairro, é fruto de inúmeras reuniões, manifestações, brigas com políticos, chás de cadeira em gabinetes. Eu, além da participação religiosa, no início dos anos 1990, quando você, menina, ainda era pequena, comecei a trabalhar na alfabetização de jovens e



adultos. Imagine, eu que nem era formada, mas que pela proposta do projeto, era o vínculo da comunidade com quem vinha da formação acadêmica. Aí conheci o Zenga, que continua nosso amigo em todo esse tempo, independente de questões religiosas. Juntos na alfabetização, fizemos, desde a perspectiva de Paulo Freire, coisas muito inovadoras. Quantas pessoas foram beneficiadas com nossa atuação. O Bairro Nacional destacava-se por suas fortes lideranças religiosas e sociais. Você, minha filha, participou de um monte dessas reuniões, por vezes, chupando os dedos médio e anelar, a ponto de calejá-los.

Os meninos foram crescendo, trabalhando e construindo família, conforme os exemplos que nós demos. A menina sempre esforçada em tudo o que fazia, trabalhando e estudando, sempre desejando alcançar seus objetivos. Um dos filhos, na idade de 20 anos, foi para os Estados Unidos fazer intercâmbio. Rezávamos todos os dias para que os seis meses passassem rápido.

Após alguns anos, todos foram construindo seus sonhos, ficando eu, meu esposo e a menina mais nova em casa. Um belo dia ela decide ir morar na Austrália, e eu logo pensando que seria um local perto e de fácil acesso, uma que tínhamos certeza que “filhos são para o mundo”. Lá, ela foi morar com seu namorado que também é brasileiro, enfrentando bastante dificuldade, eles foram caminhando, estudando e trabalhando. O tempo passava ágil e a saudade aumentava ainda mais, sentindo uma dor gratificante por saber que estavam bem.

E, de repente, um dia essa menina pede para entrar em chamada de vídeo com ela. Qual não foi a surpresa que me fizeram. Era seu casamento, tudo organizado numa casa, um momento único para os dois, marcado por muita emoção. A menina estava lá na escada, no último degrau, vestida de noiva. Na sala, os convidados, o noivo e o responsável pela cerimônia. Na hora eu pensei: Cadê a igreja? A família? O seu pai entrando etc? Depois senti muito orgulho da coragem do casal, da determinação em relação aos seus objetivos. Chorei muito, uma mistura de amor e raiva ao mesmo tempo.

Passado alguns anos recebemos a notícia de sua gravidez, porém, por escolha da menina, não se quis saber o sexo com antecedência. E todos já amávamos o bebê. Em meio à pandemia nasce a pequena Liz, vinda ao mundo por um parto humanizado, natural. E eu acompanhando todos os momentos, cada minuto do nascimento de minha neta. Após o parto eu tive certeza que minha menina era uma guerreira. Mais uma vez senti o coração explodindo de alegria com um sentimento de que era para eu estar lá, ao lado dela. Apesar da distância, fomos acompanhando o desenvolvimento de minha neta. Isso nos deixou ainda mais próximas, passamos a nos falar duas vezes ao dia.

O ano de 2021 não foi um ano fácil! Enfrentamos perdas: meu cunhado, minha irmã, meu marido e, por último, minha mãe. Certamente, um dos

momentos mais difíceis da minha vida, mas com a garantia de que se Deus me deixou foi para eu cuidar da minha família por mais alguns anos. A minha filha do outro lado do mundo, totalizando um fuso horário de 11 horas, dando-me apoio e conforto. E eu me convencida ainda mais da guerreira que eu havia dado ao mundo.

Em 2023 tive a oportunidade de ir para Perth, na Austrália, e conviver um pouco com eles. Cada minuto que passava eu percebia e presenciava o quanto ela e ele são uma família dedicada, sempre fazendo tudo para conceder uma educação exemplar para a Liz. Conheci lugares maravilhosos que jamais pensaria em ir. Após 04 meses retornei ao Brasil e sinto que voltei ainda mais forte, mesmo com tantas saudades. E, alguns dias depois, outra chamada de vídeo e a notícia de uma nova gravidez. Eu já sabia, mas recebi a notícia junto com todos como se fosse novidade. A parte triste foi saber que eles não poderiam viajar para o Brasil, como haviam combinado, até o nascimento do segundo filho. Nessas horas é que tenho certeza de que Deus está à nossa frente, cuidando de tudo.

Sou grata a Deus por ter 03 filhos maravilhosos, noras, genro, netos, amigos. Hoje posso dizer que todos me ajudaram e continuam me fortalecendo ainda mais. Thalita, minha filha, pensar em você despertou-me todas essas recordações e não foi fácil colocar um ponto final. Nós somos muito próximas e você sabe do quanto eu compartilho de toda a sua felicidade. A você, ao Thales, a Liz e essa preciosidade que você carrega no ventre, desejo que os melhores sonhos se realizem. Independente da distância geográfica, estamos unidas num amor incondicional.

Abraços e beijos de sua mãe. Obrigada por ser minha filha guerreira!

Marlene Martins

Perth, Austrália, novembro de 2023

“Eu me vi vendo você”

Zenga, Início essa carta com a frase que despertou o desejo de escrever para você, sobre você! Você viu o vídeo de minha filha, encantou-se pela semelhança dela comigo e soltou essa frase...

Quantas pessoas já cruzaram o seu caminho? Quantas vidas as suas palavras, o seu olhar e, até mesmo, o seu tom sarcástico, tocou?

Vendo você, lendo você ou ouvindo você, me sinto segura e reconfortada com tamanha intimidade, que prefiro não dimensionar, pois não quero que carregue uma responsabilidade extra nos ombros pela minha idealização.

O mundo sabe que nos anos 90 você atuava em teatros improvisados de festas juninas? Quando vejo seus vídeos me sinto abraçada por uma infância gostosa e muito feliz! Ao mesmo tempo, reconheço um jovem tímido, mas com muita vontade de ser agente de transformação na vida do outro, nem que fosse na busca pelo riso.

Já na minha juventude, suas homilias me despertavam atenção e o desejo de participar da próxima missa, foi quando o Cristo pregado no púlpito passou a fazer real sentido pra mim.

Através de você e do seminário, eu conheci os traços de humanidade dentro da instituição religiosa, tanto pelas ações que visavam acolher ao outro, quanto pela pressão de vivenciar uma “vida santa”, porém baseada no pensamento individual dos inúmeros membros da comunidade.

Perdemos muito quando, provavelmente depois de inúmeras batalhas internas e noites sem dormir, você optou por buscar um novo caminho; porém as inúmeras sementes que foram lançadas e regadas, já tinham forças o suficiente



para seguir crescendo sem precisar do jardineiro que por tantos anos dedicou sua vida a cada uma delas.

Sinto-me imensamente honrada por ter você como parte das minhas memórias do passado e poder trocar sobre nossas angústias e alegrias do presente.

Vendo você, eu me vejo!

Te amo, meu querido amigo.

Thalita Cristina Martins dos Santos

Barbacena, 15 de novembro de 20 23

Querida Vó Lica

Bença!

Como vão as coisas por aí? Aqui a saudade é grande, mas as lembranças são maiores e me pego muitas vezes pensando na senhora e no testemunho de vida que nos deixou.

Hoje com a graça de Deus já vivo meu momento de vó, que é uma benção. Eu não tinha noção da minha capacidade de amar tanto assim meus netos. É um amor tão maravilhoso, que até dói aqui dentro do peito, seja nas alegrias ou nos momentos desafiadores. Como seria bom se a senhora estivesse aqui pra partilhar esse momento comigo! Agora entendo aquele carinho e cuidado conosco.

Lembro-me que nós duas vivemos muitos momentos juntas, desde o debulhar o milho, cuidar da tartaruga, andar pela horta colhendo algumas frutas, ajudar a senhora a carregar o cacho de bananas e depois a senhora dividia e pedia para entregar para os primos. Sempre partilhava. Aqueles que não moravam perto também não deixavam de ganhar. Sempre nos ensinando e aconselhando. Era tão bom ficar na sua casa. Recordo-me de um dia que tivemos que correr – estou rindo aqui –, eu achando que era grande, para apagar o fogo que pegou no camiseiro.

Depois descobrimos o motivo, pois a senhora tinha colocado uma vela para queimar. Aí me pergunto: sabe-se lá pedindo pra quem? Ou para algum santo? Mas era sempre a senhora se importando com os sofrimentos da família ou agradecendo por uma dádiva alcançada.

Com seu jeitinho nos mostrava o amor a Deus e aos irmãos. Sempre tinha um senhor que capinava a horta ou cuidava do jardim, e ali eu



via o cuidado de fazer um suco, levar uma água fresquinha, colocar um pedaço de carne ou um ovo frito na marmitta quando ele pedia pra esquentar. Preocupava tanto com todos e quando tia Dora faleceu, a senhora assumiu a casa dela, os filhos e até os cuidados com o viúvo, cuidando dele como se fosse um filho. Foi um tempo delicado na vida de todos, muito sofrimento na vida daquele nosso tio e algumas situações ainda tornaram mais complexo aquele momento. Quantas vezes a senhora o tirou do carro e o levou para a cama para terminar a noite. Na grande maioria das vezes, os filhos dele, meus primos, nem viam, pois já estavam dormindo. Aí, eu também me vejo lá! Eu e minha irmã sobre os seus cuidados, nossa mãe impossibilitada de nos cuidar, internada, e nosso pai tendo que trabalhar nos deixava com a senhora. Então eram quatro filhos da minha tia e duas da minha mãe aos seus cuidados. Por várias vezes dormíamos lá. A senhora acordava a gente no horário da escola já com a mesa posta para nos alimentarmos. Quando chegávamos, o almoço, o lanche da tarde, o jantar e tudo sempre acompanhado de muito carinho.

Eu sempre gostei de ajudá-la e ouvia muito a senhora dizendo para mim, minha prima e minha irmã: “Vocês têm que aprender a fazer, porque se no futuro tiverem uma empregada vão saber mandar; se não tiverem, vão saber fazer”. E nos dias de domingo, ah como era bom! Minhas tias iam pra lá com os filhos e nós brincávamos muito. Quando minha mãe não estava hospitalizada e nós estávamos com ela, íamos também para esse convívio. Na minha memória eu achava que a senhora já era velha, e hoje vejo o quanto era nova. Era mais nova que eu hoje. Seguiu sua missão até meu tio se casar novamente. Voltou a morar perto de nós e cuidar daqueles que estivessem precisando no momento. A senhora não tinha renda nenhuma, mas jamais a vi reclamando. Passado o tempo começou a receber devido à idade. Fazia conserva de legumes para vender. Todas as vezes que chegávamos na sua casa, tinha sempre um doce de leite de colher, feito com os restos de leite, e, diga-se de passagem, que era uma delícia.

Lembro-me de quando acolheu em sua casa seu filho mais velho, que devido a um adoecimento e várias internações, já não conseguia ficar mais com a esposa e os filhos. A sua casa, vó Lica, era uma casa acolhedora! Quantas vezes eu chegava lá, a porta da sala só no trinco, rádio ligado, a casa arrumada, janelas abertas e a senhora tirando uma soneca tranquila. Aquela soneca me lembrava da forma que Deus nos fala que devemos nos entregar aos seus braços, confiantes no Pai. E a vida foi passando, e aquele coração generoso, mais uma vez atuou acolhendo o meu namorado que morava fora. Ele ficava em sua casa nos finais de semana quando ele vinha e com direito a tudo: café da manhã com omelete, mingau, pão assado e por aí vai. Dias passaram e casei, morei fora por oito anos e a senhora foi nos visitar, dava os conselhos com tanto jeito

que sempre eram bem vindos. O nosso primogênito nasceu e faleceu com quase três meses de vida, não foi fácil. Só Deus sabe como foi tudo, fiquei um bom tempo aqui e lembro-me da sua presença que mesmo não podendo “fazer nada”, fazia muito. E Deus em sua infinita bondade nos concedeu mais duas filhas maravilhosas. Voltamos para Barbacena, moramos em vários lugares e depois, com a graça de Deus, conseguimos construir nossa casa, ao lado da sua. Quantas vezes a senhora passava e dizia: “Estou indo para minha casa, se eu precisar te chamo”. Tinha dias que a campainha tocava e lá estava a senhora com um doce ou um guisado de legumes, para nos oferecer. Quantas vezes eu arrumando a minha cozinha a senhora debruçava na pia e ficava contando casos. Nossas filhas tinham um carinho imenso pela senhora. Vimos a senhora conquistando gerações: netos, bisnetos, tataranetos e os que agregavam a nossa família.

A senhora gostava de comemorar seu aniversário, fazia questão de convidar as pessoas e nós dávamos os nossos pulos para providenciar mais uma festa bem gostosa, com direito a balão, bolo, gelatina nos copinhos, refrigerantes e salgadinhos. Lembra? E de presente quando perguntávamos o que queria a senhora dizia: “Pode ser um envelope com um trocado”. A casa enchia de gente, cada um com sua gratidão à Vó Lica por causa de um determinado tempo da vida ou será que por causa de toda a sua vida?! Lembro-me de pessoas que não eram parentes, mas faziam questão de partilhar o dia do seu aniversário e se faziam presentes de várias formas no seu dia a dia. Ouvíamos alguns dizerem “Dona Lica é uma mãe, foi parteira dos meus filhos, hoje somos comadres e compadres”. Aliás, acho que poucas pessoas sabiam o seu nome: Maria Marques Kern. Para todos era Dona Lica. Quantas histórias eu ouvia.

E como tudo é presente de Deus, vamos vivendo e envelhecendo e a senhora depois dos seus 85 anos mais ou menos começou a ficar com a saúde um pouco mais debilitada, mas nada que a desanimasse. Tomava seus remédios e a vida seguia. Todos os meses vinha com a lista de remédios pra eu fazer orçamentos e comprar pra senhora. E assim nossa parceria de sempre só fortalecia. Quantas vezes desabafava algo e pedia que não contasse a ninguém. Quando foi agravando a debilidade da saúde, foi morar com um tio. Lembro-me de ir lá e a senhora pedir pra eu ajudar a rezar o terço de Santa Terezinha. Quando era preciso ficava com a senhora de companhia. Pediu-me que eu ficasse responsável pelo seu dinheiro, administrando aquele “pouco” que fazia muito. Quantas vezes fomos para as consultas médicas, o que era pra ser desgastante, transformava-se até em momentos de alegria, desde tirá-la do carro e colocá-la na cadeira de rodas até retornar. Minha irmã nos ajudava nesses momentos, pois eu não dirigia. Então para poder facilitar, fiz meu esforço e consegui tirar carteira.

Até que um dia, minha tia me liga dizendo que a senhora não estava bem

e pediu que eu fosse lá. Fui, liguei pro médico, fizemos o que nos foi passado. Após os procedimentos necessários, dei a senhora a janta, uma sopinha batida, o remédio, conversamos, lhe dei um abraço, desejei boa noite, pedi que tivesse juízo, palavra que eu dizia sempre e vim embora. Daí a senhora adormeceu e não acordou mais. No domingo bem cedinho minha tia me ligou desesperada dizendo que achava que a senhora estava morta. Rapidamente meu marido me levou lá, chamamos o médico, que constatou o óbito. Depois dos encaminhamentos necessários, foi levada para a funerária e eu que fui com a senhora. Nada mais justo, unidas durante a vida, também juntas no momento derradeiro.

Então, vó Lica, eu só tenho que agradecer a Deus por ter me dado uma avó tão especial, que passou pela nossa vida deixando muitas marcas. E peço ao mesmo Deus maravilhoso e bondoso que me conceda a sabedoria de viver meus dias, agora como vó, com intensidade e amor com meus netos e todos aqueles que passarem por minha vida. Sei que devido à minha pequenez sou falha, mas desejo deixar do fundo do meu coração um rastro de Deus por onde eu passar, como a senhora o fez. Que um dia, eu possa ser lembrança de alguém, assim como a senhora, Vó Lica é uma lembrança preciosa para mim. E que agora, a senhora na eternidade, junto à Trindade Santa, possa interceder por nós que ainda caminhamos rumo a Jerusalém Celeste. Que nesse mundo tão egoísta em que vivemos, eu possa verdadeiramente fazer a diferença.

Pois é Vó, depois de tanto eu falar e saber que a senhora não pode me responder como vão as coisas aí, deixo aqui minha gratidão por tudo e por tanto. Saiba que sua neta Cláudia, agora vovó Cláudia, tem vontade de quando “crescer” ser igualzinha à senhora. Grande abraço. Fica com Deus! Juízo heim!

E até...

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (Saint Exupéry).

De sua neta

Cláudia Alves Moreira dos Santos

Barbacena, 15 de novembro de 2023

Meu amado irmão Juninho,

Não preciso me apresentar, você já me conhece tanto. Nossa relação é muito além desse mundo, é do céu. Mas escrevo essa carta para você, pois a mãe me despertou isso esses dias ao falar de algo que está fazendo. Fisicamente sei que essa carta não chegará, mas no coração eu tenho certeza que Deus irá entregá-la para você.

Ah meu irmão, como é engraçado pensar em você sem ter te conhecido fisicamente. Minha maior saudade é do que não tive a oportunidade de viver com você, dos momentos que eu sempre pensei... “e se eu tivesse o Juninho aqui?”, do que você acharia, das bagunças, das implicâncias... e do amor... esse sem dúvida aperta o coração.

Queria te contar tanto desses 33 anos que eu estou aqui, mas sei que você sempre foi meu anjo, guardando-me tanto. Sinto você, meu irmão!

Mas queria te contar de algumas pessoas... o pai e a mãe. Você deve ter muita saudade deles, né?! Eles têm muita saudade de você. Você foi o primeiro amor deles! Imagino toda a expectativa deles ao terem descoberto você na barriga da mãe. Quantos sonhos, quantos desejos. Eles são maravilhosos, temos tanto orgulho deles.

Opai é um homem maravilhoso, trabalhador, tão dedicado à família, e a todos ao seu redor. Guarda tantos sentimentos no coração, sempre se doou inteiramente a nós. Ele transborda amor. É um tesouro que Deus nos deu. Se você tivesse aqui sentiria isso. A mãe sempre tão preocupada conosco, tão dedicada em tudo que faz. Muito correta, e com uma fé que nos faz experimentar sempre Deus. Ela também transborda amor! É uma peça rara, aliás uma joia rara! Quero te falar também da nossa irmã. A Cris é minha pequena,



meu orgulho. Ela é bem menor que eu, sabia? Fico pensando se você seria mais baixo ou alto...! Mas a Cris, é batalhadora, se doa tanto por nós. Como eu a amo. Igual a você. Daria minha vida por eles. Mas vivo também por cada um deles. Você tem um sobrinho, Nicholas. Um príncipe, um menino com um coração lindo, adora uma aventura, muito inteligente. Sou a dinda dele, me considero uma mãezinha dele também, sinto por eles morarem longe.

Ah, preciso falar de mim. Sou uma pessoa especial, você iria adorar conviver comigo: esperta, debochada, companheira, amiga, sensível. Eu me casei com o Fabrício, meu grande amor. Estamos juntos há muitos anos. Sempre imaginamos se você estivesse aqui conosco. Será que gostaria de carro como ele? Acho que vocês iriam se dar bem. Ele tem um irmão que faz aniversário no mesmo dia que você, olha que bacana. Te dei um sobrinha também, a Alice. Minha princesa, minha vida. Ela é muito sapeca, inteligente e tão amorosa. Você ia amar receber um abraço dela.

Acho que gostaria de te contar um pouco de cada pessoa da nossa família, mas não daria. Será que no céu a gente conversa? Um dia espero poder estar aí ao seu lado, terei tanto prazer em te abraçar e te contar como foi viver sem você...

Meu pequeno anjinho Juninho, penso muito na dor que o pai e a mãe viveram. Depois que fui mãe, pensar em tudo que eles passaram chega a me sufocar. Mas sei também de todo cuidado que você tem com eles aí do céu. Ter um filho no céu é receber bênçãos diariamente e força para chegar um dia aí. Saiba que eu farei sempre a minha parte, cuidarei deles com todo meu amor, sempre.

Obrigada por ser meu irmão, obrigada por cuidar de nós. Interceda sempre a Deus por todos nós. Com sua pureza e inocência, Deus não irá te negar nenhum pedido. Peça sempre saúde, sabedoria e sede de vivermos o céu. Pois queremos todos te encontrar um dia.

Eu te amo meu irmão, deixo um abraço que nunca pude te dar... mas que sei que irá receber. Você é um guerreiro!

Minha eterna saudade do que não vivemos aqui. Até um dia, no céu.

De sua irmã

Carla Alves Moreira dos Santos Mendes

Barbacena, setembro de 2023

*Aos meus amados pais,
Zélia e José,*

Já não os tenho fisicamente em minha vida, mas, a cada dia, sinto forte uma parte de vocês em mim. Bendito o dia 2 de fevereiro de 1959, quando vocês, José Miranda de Assis e Zélia Filardi de Miranda, uniram-se com as bênçãos de Deus em matrimônio. Agradeço muito a Deus e a intercessão do sempre querido São José em nossas vidas. Quanto aprendizado, quanto amor demonstrado e vivido em nossa família. Quanta grandeza de vocês, que apesar de tantas dificuldades e sofrimentos na vida sempre viveram na busca sincera e bem-humorada de superar tudo e nunca desesperar.

Lembro-me muito bem de você, meu pai, chegar em casa, depois de um dia duro de trabalho, ir para sua carpintaria fazer seus móveis, que pegava de encomenda, e lá ficava até tarde da noite. Só não agradava do trabalho ruim que dava a mim e meu irmão, passar uma lixa em todos os móveis. Eu, como mais velha, tinha mais trabalho a cumprir. Mas aprendi que tarefa dada, precisa ser realizada. Quantas vezes na carpintaria, enquanto trabalhava, me tomava a tabuada. Tremia quando me chamava: “Elizabeth, hora da tabuada!” Acho que é por isso que não gosto quando me chamam assim, prefiro “Beth”.

Você tinha uma bicicleta pesada, com um suporte fixo na parte da frente, onde punha os móveis para fazer entrega. Meu coração ficava apertado, pois você parecia pedalar titubeando pela rua, com o peso da carga que carregava. Foram anos e anos assim!

Você mãe, era uma amiga que muitos queriam ter. Alguns diziam que parecíamos



irmãs, de tão unidas, de tão transparentes, coisa muito necessária na vida. Muita saudade mãe! Você me ensinou a ser intensa no que faço, a ter uma exagerada alegria, até diante de uma casa limpa, organizada, e no servir sempre com compromisso e amor sem medidas. Devo isso a você.

Sinto que vocês nasceram mesmo para o matrimônio e o amor que tinham um pelo outro foi demonstrado em cada chamada de atenção, em cada carinho, em cada ponta de lápis que você fazia, pai, nos meus lápis que minhas amigas invejavam! E você, mãe, com seu dom na costura, sempre tinha umas roupinhas diferentes para mim. Digo diferente, pois, muitas vezes, você transformava roupas usadas em outras peças, punha um detalhe para esconder outro e eu ficava me achando. Nunca me preocupei com isso! Quando comecei a trabalhar, comprava algum tecido, aliás, eu lhe dava o dinheiro e você comprava para mim. Escolhia o modelo e mãos à obra! Era bom demais!

Lembro muito mãe, quando minhas dificuldades surgiram e você era a primeira a me encorajar com palavras firmes, sábias, mostrando-me que com a força da oração e a esperança em Deus, tudo se ajeitaria! Como eu gostaria de passar sempre isso para os meus filhos!

Quando tive meu primeiro filho Tiago, e o perdi, você foi incansável ao nosso lado, digo nosso, pois meu esposo também estava firme a meu lado, sei que sofrendo também, mas foi e é meu grande apoio. Meu pai, mais calado, também sofria, mas, nos mostrava que devíamos continuar e não desanimar de nossos objetivos.

A preocupação de vocês para termos uma casa própria – também foi uma grande luta para conseguirmos –, e mais uma vez vocês estavam lá nos ajudando. Vocês tinham o dom de doar a vida por nós, mas, ao mesmo tempo, com seus exemplos nos ensinavam a lutar demais também. Nos mostravam que as coisas conquistadas com o nosso trabalho honesto, tinham um grande valor.

Ficaria aqui escrevendo e recordando muitas coisas, mas encerro com meu coração cheio de gratidão por tanto amor doado, por tanto trabalho realizado para nos educar, nos ensinar os verdadeiros valores; o caminho da fé, ver sentido nas coisas simples da vida e a ser os sujeitos da nossa caminhada.

Mãe e pai, espero que minhas ações tenham pelo menos mostrado o quanto eu os amei, o quanto a presença de vocês foi de extrema valia em minha vida. Vocês foram sem dúvida nenhuma, a presença viva de que Deus existe.

Gratidão eterna,

Sua filha, Beth.

Caetano, meu amado esposo,

Se existe uma coisa que me enche de orgulho, foi a escolha feita por mim ao aceitar seu pedido de namoro.

Desde o semestre do ano de 1974 te conheci, simplesmente indo levar um bolo, a pedido de minha avó em sua casa, quase em frente à casa dela, como forma de dar as boas-vindas, pois sua família acabava de chegar de Cipotânea, e eram famílias conhecidas, vindas da mesma cidade. Eu era muito tímida, mas muito obediente. Cheguei na casa, fui muito bem recebida e ao ver você, fiquei entusiasmada, principalmente com seu sorriso largo, que vinha do coração. Mas, tempo passando, seu pai e sua irmã me dizendo que você se interessou por mim. Sinceramente, não acreditava muito, pois, passava por mim na rua e, às vezes, aquele sorriso não aparecia. Abaixava a cabeça, atravessava a rua e nada! Com isso foram três anos, você estudava fora e não te via mais.

Mas a vida é surpreendente! No dia de minha formatura do magistério, você, Caetano Thiene de Carvalho, surge todo impecável na porta de minha casa com sua irmã. Eu havia dado a ela um convite para o baile de formatura e ela disse que você iria no lugar dela. Foi uma emoção grande!

Até hoje me lembro e agradeço a Deus por ela ter feito isso por mim. Chegando no clube, ficamos juntos e com meus pais. Você pediu a eles autorização para dançar comigo. Ai deles se não permitissem! Dançamos muito e foi feito o pedido de namoro. Aceitei rápido, devia ter feito um charmezinho, mas não! Ainda bem! Mas lembra, não durou muito! Você terminou alegando dificuldades, pois estudava em Viçosa e



eu também tinha meu trabalho e fazia faculdade à noite.

O tempo passou e novamente você apareceu depois de alguns anos pedindo para voltar e dessa vez seria para valer. Aí fiz um charme: disse que mandaria uma carta dando minha decisão. Essa decisão nos levou a completos 38 anos de casados. Muita benção de Deus! Agradeço sempre essa nossa união, alicerçada na fé, na amizade, compromisso de um com o outro, no cuidado amoroso de todos os dias.

Quantas lutas vivemos juntos, e o melhor de tudo, faria tudo do mesmo jeito.

Você é o meu amor eterno, meu suporte. Acho que é por isso que, às vezes, te perturbo com meu ciúme, mas minha mãe falava: “Beth, quem ama cuida”.

É tão divino isso, que quando você sai, sinto saudades, até hoje, meu velho! Lembro-me do trecho de uma música; “O meu olhar vai dar uma festa, sempre que você chegar”! Verdade!

Sua presença firme ao meu lado, desde a luta para engravidar, até hoje nos momentos que adoeci e você do meu lado, sempre me dando força e sem reclamar. Você é agitado, mas, nos seus ombros sempre senti a calma. Muita gratidão mesmo!

Com a chegada dos filhos, onde meu médico disse que foi um milagre a vinda deles, nossa vida mudou para melhor. Novas aprendizagens, alegrias, frustrações e o amor mais fortalecido ainda.

E o que sempre concordamos, sentíamos em tudo a presença de Deus. Só Ele, com tanta generosidade, bondade infinita, poderia nos oferecer.

Falando da presença de Deus em nossas vidas não posso esquecer o nosso trabalho como catequistas que há mais de 30 anos fizemos juntos com jovens e adultos. Também contribuímos com os jovens vocacionados da Arquidiocese de Mariana. Íamos com tanta vontade de fazer acontecer o Reino de Deus na história de cada um, mas, quem acabava sendo presenteado éramos nós, lembra?!

Quantas boas amizades ganhamos, quantas alegrias, conversões que tivemos todo este tempo. Tenho muita gratidão a essa Igreja que sempre nos acolheu e que nos tornou melhores como pessoas. O trabalho na comunidade, sempre juntos e atuando onde éramos chamados. Passamos por alguns perrengues, mas nada que não nos fortalecesse.

Às vezes, por conta dos filhos, ficávamos numa correria danada para dar conta de tudo. Quantas vezes eles iam conosco, reclamavam um pouco, mas na maioria das vezes gostavam bem. Foi muita graça de Deus.

Pensando nos filhos, tenho esperança que ainda virão muitas alegrias proporcionadas pela nossa família e, se for vontade de Deus, alguns netinhos para nos tornar mais plenos ainda.

Obrigada meu esposo, gratidão pela nossa caminhada, pela cumplicidade, pelos olhares que dizem tudo, por eu não saber mais quando sou eu ou quando é você. Te amo!

Sua esposa

Beth

Francisco e Gabriel, vidas da minha vida!

Depois de um bom tempo em tratamento para engravidar, fui agraciada pela sua chegada Francisco Thiene Filardi Miranda de Carvalho, em dezembro de 1989. Após quatro anos, também fazendo tratamento, fui mais uma vez presenteada com sua chegada, Gabriel, em novembro de 1993.

O amor é força vital e vocês são a mais pura gratuidade de Deus em minha vida, algo tão especial que me faz ser e viver com sentido, coragem e esperança sempre, mesmo diante das dificuldades diárias.

Lembro-me sempre da infância de vocês, dos tempos de escola onde ficava toda orgulhosa com os desafios que venciam, com as limitações, onde não tinham dificuldades em pedir ajuda e me deixavam muito felizes quando também sabiam ajudar que precisasse.

Quando chegava a época dos aniversários de vocês, a rotina da casa mudava com muita ansiedade pela espera da festa. Gostava muito dos preparativos, eu contava sempre com a ajuda da minha mãe.

Seu pai pintava traves na parede da área para o jogo de futebol que sempre rolava nas festas, lembram disso?

Vocês pediam até para faltar na escola para ajudarem a enrolar os doces. Comiam mais do que ajudavam! Mas escola nem pensar em faltar! Tempo passando e isso foi sendo substituído por shows, festas até altas horas. Aí, meus filhos, perdia o sono! Seu pai os buscava; às vezes, nos tapeavam com a questão de horário. Não eram fáceis, mas nós éramos mais difíceis. Mas, não me



arrependo de nada, valeu à pena, pois vocês se tornaram homens de muito valor.

Você, Francisco, sempre curioso! Gostava de aprender coisas novas, comidas diferentes. Lembro quando fomos à padaria do bairro e você todo... todo, viu o cartaz indicando o preço do pãozinho francês de cada dia e disse: “nossa, sou doido para comer um pão francês!” Foi lindo ver seu rosto me pedindo para comprar. Quando mostrei o que era o pão francês, você ficou indignado!

E você, Gabriel José Filardi Miranda de Carvalho, num domingo à tarde, enquanto eu tirava um cochilo, simplesmente comeu sozinho quase um vidro de azeitonas. O bom que deixou rastro. Ao chegar na cozinha deparei com todos os caroços de azeitona sobre a mesa e bem enfileiradas. A fila era grande! No outro dia, você apareceu com uma erupção por todo o corpo. Levamos você ao pediatra. Tinha esquecido da refeição do dia anterior. O médico foi vendo e me perguntou: “— Mãe, o que você deu de diferente para o seu filho comer?” Sempre a mãe...! Fiquei morrendo de vergonha quando me lembrei das azeitonas... e ele me deu uma boa chamada! Mãe sofre!

Tempo passando e vocês sempre indo bem na escola, no inglês. Nunca me deram trabalho para estudar. Agradeço muito por isso. Nas reuniões de pais, parecia dia de festa para mim, para seu pai também!

Passamos pelas formaturas, muita festa e gratidão a Deus! Mas, para mim, vinha o mais difícil, saber que chegava a hora de vocês baterem asas. Como é difícil ficar longe das nossas crias, mesmo sabendo que os criamos para a vida, que eles precisam bater asas. Uma das atitudes do nosso tempo é ter a consciência da realidade, a capacidade de manter os pés no chão. E nossa realização é ver a cada dia, que vocês sabem que são pessoas situadas num contexto histórico concreto, e têm a capacidade de se transformarem, cada um do seu jeito, com suas habilidades e criatividade, na busca constante para inovar e realizar coisas boas. Sempre respeitando o outro e querendo o melhor onde trabalham. Isso, para mim, é importante demais, pois acho que conseguimos passar para vocês essa questão de se estar presente junto com os outros.

Não posso deixar de agradecer às minhas noras, Luciana e Beatriz, que com toda certeza, fazem vocês felizes. Vejo também, o amor de vocês por elas. Peço sempre a Deus que esse amor cresça a cada dia e, quando as dificuldades vierem, terem a sabedoria, amor e muito diálogo para superá-las. E isso conquistarão com oração e muita fé. Só assim se tornarão maduros de verdade e sempre farão boas escolhas. Nunca se esqueçam disso! Só a intimidade com Deus é capaz de nos transformar para melhor viver o nosso dia-a-dia. As grandes coisas da vida, geralmente são fruto de ouvir o que Deus quer de nós, de nossa ousadia de viver como casal e também em grupos.

Terminando, quero dizer que aprendo muito com vocês a cada dia com

o carinho demonstrado, aprendizado constante, jeito de ser de cada um, com o cuidado que têm conosco, o respeito, a alegria e atenção que sempre percebo. Com vocês aprendi a ser resiliente.

Uma coisa que está no meu coração e não posso deixar de dizer: “— Acho que vocês serão ótimos pais!” Que seja feita a vontade de Deus!
Gratidão meus filhos, amo muito vocês. Um grande abraço.
Sua mãe

Elizabeth Filardi Miranda de Carvalho

Barbacena, novembro de 2023

Querido irmão Braz,

Lembro-me muito bem do dia em que você, Braz José Filardi Miranda, nasceu, 13 de fevereiro de 1966. Nossa querida tia Regina me acordou dizendo que nossa mãe estava no hospital e eu tinha ganhado um irmãozinho. Foi muita emoção! Emoção maior foi ir ao hospital ver minha mãe toda plena e você nos braços dela. Era o hospital São José que existia na praça do Jardim do Globo, depois se tornou um colégio e hoje um imponente edifício. Depois de te pegar no colo, minha amada avó me deu um cacho de uvas graúdas, que só vi no hospital. Não era comum em casa. Deveria ser caro e meu pai só comprou por ser uma festa seu nascimento. Confesso que queria ir ao hospital todos os dias também, na expectativa de comer essas delícias. Antigamente, uma mulher que fosse submetida a uma cesariana, ficava no hospital por uma semana. Foi difícil ficar longe de todos. Confesso que chorava e recebia o consolo da tia Regina. Ela assumiu o trabalho de casa.

Sua chegada foi um alívio e, logo, nossa mãe o colocou no berço, que foi o mesmo que eu usei e o mesmo usado pelos meus filhos.

A rotina de casa mudou. Ficava colada em minha mãe vendo os cuidados dados a você. Rapidinho, eu já trocava suas fraldas, fazia tudo que minha mãe mandava.

Tempo passou e ela me dava mais responsabilidade. Chegava a sair de casa e me deixava cuidando de você. Éramos e somos muito unidos, graças a Deus, e aos ensinamentos que nos deram. Lembra quando eu chegava em casa com um presentinho para você? Era uma alegria!



Você foi crescendo, tinha crises terríveis de bronquite, lembra? Já esfreguei muito suas costas, você dizia que aliviava. Lembro-me muito quando você mexia com nosso primo com apelidos. A briga era certa. A mãe te batia e não demorava muito você começava a chiar. Um dia a peguei chorando por causa disso e eu com raiva disse: “— Por que bate nele, então?” Mas, são coisas de mãe que ama os filhos. Também já apanhei, fiz até xixi na calça, na cozinha. Adorei, ela teve que limpar tudo! Só porque estava jogando bola com nossos primos. Mas hoje entendo muito bem, ela estava certa.

Tempo passando e nós crescendo, buscando nosso espaço na sociedade. Mas nunca nos perdemos no cuidado de um para com o outro, muita graça de Deus! Em todos os momentos de nossas vidas estávamos juntos, respeitando o jeito de ser de cada um, nos alegrando com cada conquista realizada e também sofrendo juntos com nossas dificuldades.

É próprio do amor doar a vida, ser apoio, ser amigo e sensível às questões da vida. Você me buscava no Colégio Estadual tarde da noite depois que eu acabava de dar as aulas, lembra? Você ia a pé! Quanto cuidado e amizade! Você ia com a carinha boa!

Lembra quando casei? Você, após o casamento e a festa, nos levou, eu e Caetano para a casa que morávamos. Você nos deixou na porta, com os olhos brilhando e pediu ao Caetano que cuidasse bem de mim. Não esqueço disso!

Depois foi sua vez, no dia do seu casamento, lá na casa de nossos pais e com nossos familiares queridos, fazendo a maior farra; foi o momento dos discursos. Lembra do que eu te disse, você também ficou muito emocionado! Disse-lhe: “— Meu irmão, você tem obrigação de ser feliz! Não pode ser de outro jeito.” E sei que você é feliz! Construiu uma família linda, uma esposa que te ama, companheira, boa mãe e que zela por todos com carinho. Meus sobrinhos são um encanto, amo-os demais.

Perdemos nossa mãe. Foi muito difícil! Mas conseguimos superar as dificuldades. Nosso pai parecia perdido e precisava de mais atenção. Nós o trouxemos para minha casa. Novos desafios e dificuldades de adaptação. Logo em seguida a pandemia, que nos afetou a todos.

Nesse período você adoeceu. Como sofremos! Você foi para São Paulo, cirurgia, radioterapia. Tempo cruel, mas foi superado, com a graça de Deus. Senti muito em não te acompanhar, pois o pai, estava muito abalado com tudo, a pandemia, sua ida para São Paulo. Foi muito difícil para ele. Ficamos aqui rezando e consolados, pois Andréia, sua esposa foi uma guerreira e não te abandonou em momento algum. Ela e seus filhos foram seu suporte.

Guardo no coração o cuidado que foi dado a você por eles. Em nenhum momento os vi reclamando, se desesperando. Muito pelo contrário. Muito

bonita a atitude deles. Isso só nos mostra como o amor é fundamental na vida, a misericórdia e a bondade infinita de Deus para nós.

Esse ano perdemos nosso pai. Outro baque! Mas, com nossos corações abertos e generosos, vamos levando nossas cruzes com esperança e muita fé, pois isso devemos também aos nossos pais que fizeram tudo por nós.

Encerro te agradecendo por tudo, por sempre me ajudar e ser meu irmão querido, companheiro de todas as horas, principalmente naquelas em que estive doente, e olha que foram muitos. Gratidão irmão! Te amo.

Sua irmã

Beth

Barbacena, novembro de 2023

Querido irmão e amigo
José Raimundo,

Lembramos como se fosse hoje quando você foi nos apresentado, na porta da casa paroquial da Paróquia São José Operário, Barbacena. Foi um **encontro marcante** em nossas vidas, pois jamais poderíamos imaginar que a partir dali surgisse uma grande amizade entre nós e nossas famílias. Você sempre exercitou por nós a capacidade de nos estender a mão, abrir o coração, ser solidário, nos ouvir, acolher. De ser um **verdadeiro amigo** na gratuidade. Muita gratidão a Deus por você nos acompanhar por ser sempre essa presença amiga.

Desde o tempo de sua caminhada por Barbacena, Carandaí, dava sempre um jeitinho de nos colocar no seu caminho. Como isso era enriquecedor para nós! Víamos sempre suas atitudes nas comunidades, o seu senso crítico e de unidade. Sempre em busca de ajudar as pessoas a conhecerem mais, a se integrarem buscando os verdadeiros valores.

Lembra quando fazíamos visitas à antiga Clínica Santa Isabel? Você tem um coração grande, e muito amoroso. E os aniversários aqui em casa, sua presença enchia a casa. Muitas risadas, casos que encerrávamos tarde da noite, após coar e tomarmos um cafezinho.

Outra lembrança que, às vezes, eu Beth, me pego rindo sozinha: uma vez indo para uma reunião da comunidade, você estava com pressa, ia sair para um compromisso. Vi sua bolsa na sala e não pensei duas vezes; a escondi. Fui para a reunião e após alguns bons minutos, você abre a porta onde estávamos, diz boa noite, e olhando para mim disse: “Ordinária, onde está minha



bolsa?” Simplesmente fiz cara de paisagem e disse: “Fica tranquilo, vou te ajudar a procurar!”

Fomos abençoados com sua capacidade intelectual e espiritual que nos motiva sempre a abrir novos horizontes, a sermos mais dóceis e atentos aos sinais de Deus em nossas vidas.

Às vezes achamos que você não dorme de tão ativo e criativo que é. Dá conta de tudo, impressionante! Difícil de acompanhar! O bom é que você é respeitoso, não nos deixa perceber que somos limitadíssimos e nós lidamos de igual para igual. Grande qualidade sua, a humildade.

Minha mãe não cansava de dizer: “Zé Raimundo é um filho que eu tenho”.

E quando íamos para sua casa em Carandaí? Ficávamos todos em volta de sua mãe, Dona Sílvia, contando casos e apreensivos ao mesmo tempo com o estado de saúde dela. Mas mesmo assim, não dispensávamos o cafezinho. E o arroz doce que ela fazia! Nunca comemos um igual; minha mãe ficava com ciúme toda vez que lembrávamos disso. De Dona Sílvia aprendemos a ter paciência, resiliência e a simplicidade que nos encantava.

Percebemos que você também fala muito através das músicas e elas chegam sempre em nossos corações. Muito boa essa estratégia pedagógica. Você consegue manter diálogo com o todo da vida: corpo, esporte, trabalho, pessoas... sua conduta é sempre de comprometimento em tudo.

Particularmente, eu Beth, acho engraçado quando me diz: “— Vou meter minha colher de pau!” referindo-se a determinada situação familiar. Chego a pensar: “— Aí vem bomba!” Mas não, você vem com seus conselhos, alarga meus horizontes, me faz sentir tranquila sem perder a força para caminhar e lutar.

E eu, Caetano, em especial, tenho além do que já dissemos aqui, te agradecer muito pelos ensinamentos dados em relação aos estudos do Antigo Testamento. Você consegue transmitir e mostrar que a nossa vida é arte eterna de buscarmos o encontro com Deus em todas as coisas, através da nossa seriedade, comprometimento com a vida em todas as situações.

Nos nossos momentos de angústia, doenças, nunca nos faltou seu ombro amigo, suas preocupações conosco. Deus lhe pague sempre!

“A ousadia e a coragem de amar é a única experiência que nos faz verdadeiramente livres”.

Obrigado, meu Deus, por nos refazer sempre, e poder contar com pessoas especiais, que fazem a diferença em nossas vidas.

Gratidão sempre Zé Raimundo!

Grande abraço dos amigos,

Caetano e Beth.

Barbacena, 09 de maio de 1997.

“Ao Sr. Ziquito, meu pai”

Para quem eu escreveria a minha primeira carta? Não poderia ser para outra pessoa que não fosse o senhor, José Lucindo Ribeiro, meu querido Ziquito, como eu o chamava carinhosamente. Mas não é a primeira vez que eu escrevo para o senhor, fiz muito isso em 1997/1998 para aplacar a dor da sua ausência.

Papai, o senhor nunca me ouviu dizer o quanto eu o amava porque éramos de uma geração que não tinha o hábito de abraçar, dar beijos e declarar amor. Porém, quando o senhor se foi, inesperadamente, em 1997, as pessoas me disseram que o senhor sabia o tamanho do meu amor.

Nós éramos tão ligados! O senhor fez papel de pai e mãe para mim. Eu amava o posto de princesa que me deu, o que suscitou o ciúme em todos da casa. Uma vez eu me rebelei e disse: “Será que eu não tinha o direito de ser a predileta do meu pai? Ser a preferida de alguém?”

Sabe, papai, muitas coisas que o senhor fez eu não aprovava. Ao contrário do que a minha mãe e irmãos pensavam, eu não as ignorava de propósito. O senhor foi muito rigoroso com todos nós e, em particular, com a minha mãe. Mas ela não era fácil também.

Eu, por ter presenciado muitas coisas, nunca tomei partido e sofri pelos dois.

Papai, eu considero que o maior erro que cometeu foi ter permitido que os seus parentes se envolvessem em nossas vidas, dando palpites no que acontecia em nossa casa. Foi não ter deixado que cada um deles fosse viver a própria vida, correr atrás do que era necessário. Isso magoou bastante a minha mãe; e nós, resignados, tínhamos que aceitar o fato de o senhor se dividir entre tanta

gente. Pessoas essas que se mostraram ingratas mais tarde. Na verdade, nós tínhamos ciúme em ter que compartilhar um pai, que era um líder, com tios e primos, além de bens financeiros. O senhor cuidou muito bem da vovó Tita e isso foi louvável. Mas dos outros? O senhor poderia tê-los deixado caminhar com as próprias pernas.

Com isso, papai, o nosso lar não foi um ninho de amor e eu, durante a vida toda, vi nos meus olhos e nos dos meus irmãos a tristeza que se refletia nos seus.

Havia no senhor um lado que eu venerava e ter o seu amor foi o maior alento que eu recebi, pois, apesar de eu ser a única Maria que restou de suas filhas, desbravar a vida não foi fácil para mim. Todavia, herdei a sua coragem e determinação, bem como as desorganizações com as coisas terrenas.

Quando o senhor se foi em 1997, papai, eu sofri muito, chorei demais e perdi o interesse pela vida. Mas o senhor sabe disso, pois me acompanhou durante todo o tempo em que eu não aceitava a sua partida. Eu o sentia perto de mim, me dando forças, ficando do meu lado e aparecia sempre em meus sonhos, todo de branquinho.

Eu tenho muito orgulho de ter herdado tantas de suas qualidades e falo no senhor com carinho e respeito, porém, nunca ignorei o seu lado não muito virtuoso do qual preferia não falar. Desconfio que à medida que foi envelhecendo, se arrependeu de muitas coisas que aconteceram na nossa família. O senhor também sofreu com o descaso de minha mãe, não teve uma boa vida e nem a proporcionou a nós. E após o seu falecimento, tudo ficou mais triste em nossa casa, pois minha mãe não conseguia unir os filhos. De minha parte eu me senti órfã, uma vez que: era com o senhor que eu compartilhava os meus sucessos e derrotas; era com quem eu buscava refúgio; era quem cuidava de mim quando eu estava doente e me acompanhava nos hospitais. Eu perdi tudo isso e mais o posto de princesa. Não foi fácil, papai, seguir em frente, mas a força que eu herdei do senhor não deixou que eu entregasse os pontos. Mas de uma coisa eu tenho certeza: minha vida nunca mais foi a mesma e um pedaço de mim também morreu quando o senhor se foi.

Eu amava as gororobas que fazia, lembra-se? Quando cozinhava para nós, punha todos os ingredientes numa mesma panela, fazia uns mexidos, que ficavam uma delícia. E os meus prediletos eram o tutu doce que fazia só para mim e os bolinhos de carne que fazia de vez em quando.

Ah, papai, como lamento nós não termos sido mais felizes, o senhor não ter vivido só para nós, passeado conosco. Apesar de tudo que presenciamos, nós fomos bons exemplos de seres humanos, íntegros, honestos, honrados, como o senhor e a mamãe nos ensinaram. E de uma forma ou de outra, somos unidos, atendendo ao que pediu em sua última cartinha.

Papai, eu o amava de todo o coração e, por um longo tempo, para aceitar melhor a sua ausência, idealizei que nos encontraríamos novamente num belo lugar no céu. Com o passar do tempo, porém, eu deixei de acreditar nisso. Concluí que temos só uma vida e o que é para ser vivido, dura apenas uma vez. As chances desperdiçadas não voltam mais. Penso que não o encontraria novamente como na minha fantasia.

Imagino que Deus deva me deixar no limbo por algum tempo, pois algumas coisas que fiz O desagradaram. O senhor dizia que eu era egoísta e eu não discordo, porque fui criada para viver só e não dividir nada com ninguém. Eu não convivi com outras pessoas, com garotas como eu. O senhor me trancou numa redoma, pensando em me proteger dos perigos do mundo. Mas, a vida passou e eu a vivi como pude e cá estou eu, escrevendo uma carta de amor para o senhor, que há 26 anos habita o reino de Deus. Para mim, que ainda não tinha completado 36 anos na época, o senhor partiu cedo demais! Ainda tínhamos muito que compartilhar. Eu ingressei num outro trabalho para complementar a minha renda e fiz muitas melhorias na casa que o senhor nos ajudou a construir. Isso o deixaria muito feliz.

Ah, papai, como o senhor me fez falta! Como eu precisei do seu apoio de lá para cá e demorou para que eu entendesse o motivo de Deus o levar tão cedo!

Mas o que eu queria dizer para encerrar a minha carta é que o senhor foi o grande amor da minha vida, não precisava ter sentido ciúme do meu marido, pois eu jamais poria em seu lugar qualquer outro amor. Tenha certeza disso. Eu honrei todos os seus ensinamentos, tenho muito orgulho de ter herdado as suas boas qualidades, de ser destemida e verdadeira. Só não consegui fazer amizade com o seu santinho São Vicente de Paulo.

E pode se orgulhar, papai, pois seus filhos viveram na retidão que o senhor os ensinou. Somos pessoas dignas, íntegras, corretas. O seu legado foi cumprido.

Um grande beijo e abraço, com amor.

De sua filha,

Maria Solange Lucindo Magno



Barbacena, 14 de março de 2015.

*“À minha mãe,
Walderez Fonseca Ribeiro”*

Quando a senhora se foi em 2015, eu fiquei muito mal e não foi só porque havia falecido, mas porque ficou uma grande lacuna entre nós, coisas que não foram apuradas e nem ditas. Não passamos nada a limpo. Eu a perdoei, mamãe, por não ter sido a mãe que eu precisava. Entretanto, levou um grande tempo para que eu me perdoasse.

Até hoje a senhora não aparece em meus sonhos e quando acontece, está sempre escondida numa aura de mistério e eu não vejo o seu rosto.

Queria lhe dizer que eu nunca desejei ter outra mãe que não fosse a senhora. Muito me surpreendeu quando disse para mim que eu gostaria que a minha mãe fosse estudada, doueu bastante a impressão errônea que a senhora tinha sobre mim. Nunca chegou a me conhecer, nunca mereci um elogio seu. Embora não tenhamos aprofundado a nossa relação, a senhora foi a mãe que eu tive e eu não a trocava por outra. Admirava a sua altivez, elegância, classe e inteligência. Como lamentei, mamãe, a senhora não ter tido vida própria, não ter se desprendido do meu pai. Entendo ainda que as mágoas que trouxe de sua casa paterna influenciaram bastante para que sua vida fosse tão infeliz.

Nem nós, seus filhos, trouxemos o acalento que precisava e preenchemos o vazio que a senhora sentia.

De vez em quando tenho uma fantasia de que se Deus me concedesse um último desejo, eu O pediria para me deixar passar um dia inteiro de 24 horas com a senhora. Só nós duas, a exemplo

daquele personagem do filme *Inteligência Artificial*, quando o garoto, que era um robô, finalmente encontra a mãe que ele procurou a vida toda.

Poderíamos falar sobre muitas coisas. Eu apenas evitaria aquelas que magoaram a nós duas. Eu iria paparicar a senhora, pentear os seus cabelos, pintar as suas unhas. Na minha fantasia a senhora estaria serena, com um semblante leve e meio brincalhona, o que era muito raro. Nós comeríamos os quitutes doces dos quais a senhora tanto gostava. Eu ouviria as histórias que a senhora contava várias e várias vezes, sem mudar uma vírgula. Eu falaria para a senhora que não havia motivo para se sentir diminuída e que era para tentar apagar de seu coração todas as mágoas acumuladas.

De verdade, mamãe, quando penso na senhora, me dá um pesar muito grande por tudo aquilo que viveu de ruim e um lamento por não ter realizado as coisas boas que sonhou. Concluo ainda, que a sua tristeza e insatisfação eram crônicas, pois ninguém conseguiu ajudá-la. E por isso não sinto uma saudade alegre, mas sempre melancólica também. E o mais importante: ter uma relação de mãe e filha com a senhora, me fez muita, muita falta.

Enfim, mamãe, creio que agora, depois de um longo debate com Deus, esteja bem e em paz eterna.

De sua filha,

Maria Solange Lucindo Magno

Barbacena, 18 de dezembro de 1982.

***“Ao meu companheiro de 41 anos,
Clairton”***

Quando o conheci, Clairton, ainda não tinha 18 anos e de lá para cá sempre estivemos juntos.

Não posso dizer que a nossa vida foi perfeita, mas foram muitas experiências e obstáculos enfrentados juntos. Uma parceria nem sempre harmoniosa, mas uma certeza: nunca ficaríamos um sem o outro.

Você, Clairton, com a sua irreverência descuidada, deu sentido à minha vida, me trouxe alegria numa casa onde havia tanta tensão. Conquistou todos da minha família e passou a ser um membro dela.

Não foi fácil, meu querido, vencer a sua resistência por muitas vezes. Mas com a minha tenacidade e algum sofrimento, fui conseguindo fazer você mudar de ideia sobre várias situações.

O nosso maior projeto, que foi termos um filho, nós não conseguimos realizar e não foi por falta de tentativas. Todas foram feitas, graças a Deus. Mas não estava nos planos Dele que fôssemos pais e creio que há uma razão para isso. No entanto, temos dois peludos que amamos demais e cuidamos com o maior zelo.

Queria dizer a você que nunca imaginei que não estivéssemos juntos, a despeito de todas as vezes que me magoou. Com a experiência de tantos anos juntos, aprendi a relevar muitas coisas. Tenho a consciência de que cumpri a minha promessa de ter respeito por você, de não ser agressiva ou discutirmos na frente dos outros. Sempre abominei esse tipo de comportamento e não me desviei do meu propósito. Sinto que



aprendemos muitas coisas um com o outro e quase nos tornamos um só. E é bacana quando um casal se torna referência pela sua conduta, pelo hábito de se respeitar.

Assumo os meus erros e peço perdão. Contudo, mesmo errando bastante, nunca desistimos um do outro. Você me fez rir e chorar, mas eu escolhi ficar com você.

Sou eternamente grata por cuidar tão bem de mim, você que é, naturalmente, tão gentil e caridoso, uma alma pura, como já me disseram. Com o seu jeito especial, conquistou o meu pai, que conseguiu entregar a sua única filha.

Clairton Vidal Magno, sei que me ama bastante, só não consegue se expressar em palavras. Muitas vezes eu cobre isso, inclusive por elogios e apreciação de sua parte, porém, não é de sua natureza e eu acabei tendo que me conformar, sem sofrer por isso. A vida vai nos ensinando a lidar com as limitações do outro e a valorizar o mais relevante. Afinal, como disse alguém: “somos dois seres imperfeitos que não desistiram um do outro”.

Também tenho dificuldade em dizer “Eu te amo” porque não fomos criados com esse hábito, mas tento demonstrar de várias outras maneiras e, principalmente, sendo transparente com você, como faz parte de minha maneira de ser.

A exemplo do que eu pensava em relação a meu pai, acho que você será eterno, que nunca vai embora. Não consigo imaginar a minha existência sem que você esteja comigo. Isso não é bom, pois essa realidade não existe. Um de nós vai primeiro e é preciso se acostumar com a ideia.

Através desta carta, quero agradecer por todos os bons momentos que tivemos e por todas as vezes que se preocupou comigo, cuidando de mim com desvelo. Peço desculpas pelas indelicadezas, os chilikues, por todas as vezes que fui injusta e não o compreendi. Mas dentro do nosso “contrato oculto”, fomos e somos felizes e abençoados por Deus. Amo você!

Com amor,

Maria Solange Lucindo Magno



Barbacena, 21 de julho de 1963.

***“Ao meu querido irmão,
Robson da Fonseca”***

Ei, Robinho! Quando eu o chamo assim, você diz que eu vou pedir alguma coisa. De vez em quando até pode ser, mas sempre é uma necessidade de ser carinhosa.

Quando você nasceu, Robson Fonseca Lucindo, três anos depois de mim, eu não podia imaginar que o amaria tanto e o protegeria também, desde os seus primeiros anos. Eu quase fiz o papel de mãe com você, uma vez que a nossa mãe tão sofrida se absteve dessa função. Eu, com o meu instinto maternal aguçado, percebi desde cedo a sua fragilidade, o que passou despercebido por nossa mãe, sempre tão voltada para os seus próprios afazeres.

Nós brincávamos juntos, lembra-se? Eu não tinha irmãos e me apeguei muito a você e desenvolvemos uma espécie de cumplicidade. Fazíamos artes juntos, contávamos mentirinhas. E o pouco que saía de casa, tinha que ser com você.

Nossos irmãos tinham ciúme de nós dois, mas eu não o estava trocando por nenhum deles. Você sempre foi aquele em quem eu pude confiar, aquele que me apoiou nos momentos mais difíceis e vibrou com cada vitória minha. Foi através de seu incentivo que eu me tornei escritora.

Fica tão mais fácil falar com alguém que se ama tanto sem reservas e sem ter tido motivos para mágoas. Por muito tempo eu não tive a noção de que o sobrecarregava com os meus problemas, fazendo tantas confidências.

Quantas vezes você me acompanhou nos hospitais por ocasião de minhas cirurgias. No

período em que tive suspeita de endometriose, me deu muito apoio.

Ó, querido irmão, você é muito especial para mim e se eu pudesse, não permitiria que sofresse jamais. É tão bom quando nos divertimos juntos!

Eu queria nessa oportunidade pedir o seu perdão por tudo que eu fiz que o tenha magoado. Nunca nos falamos sobre isso, mas eu me lembro do que já fiz, principalmente quando era mais jovem e muito instável devido à criação conturbada que tivemos. Quando penso nisso, me dói o coração, me desculpa, por favor.

Lembra que todos tinham ciúme de nós dois? O papai dizia que quando você chegava, eu não dava confiança para mais ninguém.

Clairton sempre teve que me dividir com você e os outros irmãos também se sentiam preteridos. O que todos precisavam entender, é que nós tínhamos uma história. De vez em quando a gente se desentendia, mas era raro e nesse período eu ficava mal.

E você também não queria me dividir com ninguém, lembra-se? Ah, se tanto ciúme que sentiram de mim fosse transformado em amor!

Eu me lembro que virava uma onça quando os outros irmãos faziam troça de você. Eu o defendia mesmo e o faria com qualquer outro que ousasse maltratar você. Eu tento alertá-lo sobre algum falso amigo porque sei o quanto parece carente, às vezes, e pessoas maldosas se aproveitam disso.

Enfim, querido e especial irmão, perdoe-me se chego a ser invasiva, mas é por excesso de amor e de cuidados. Quero o melhor para você e sei também do grande amor que sente por mim. Isso me conforta: ter um lugar especial em sua vida e em seu coração.

Costumo brincar que tenho três amores especiais na minha vida, como a Santíssima Trindade: meu pai, meu marido e você. Os três têm lugares especiais em meu coração e nenhum toma o lugar do outro.

Um grande abraço com amor e ternura,

Maria Solange Lucindo Magno

Barbacena, 23 de novembro de 2023.

***“Aos dois peludos de minha vida,
Tchutchuca e Aladim”***

Vocês, são cães, não ouvem com compreensão as minhas palavras e não poderiam entender eu falar do meu imenso amor por vocês, mas acredito que sintam o quanto são especiais para mim.

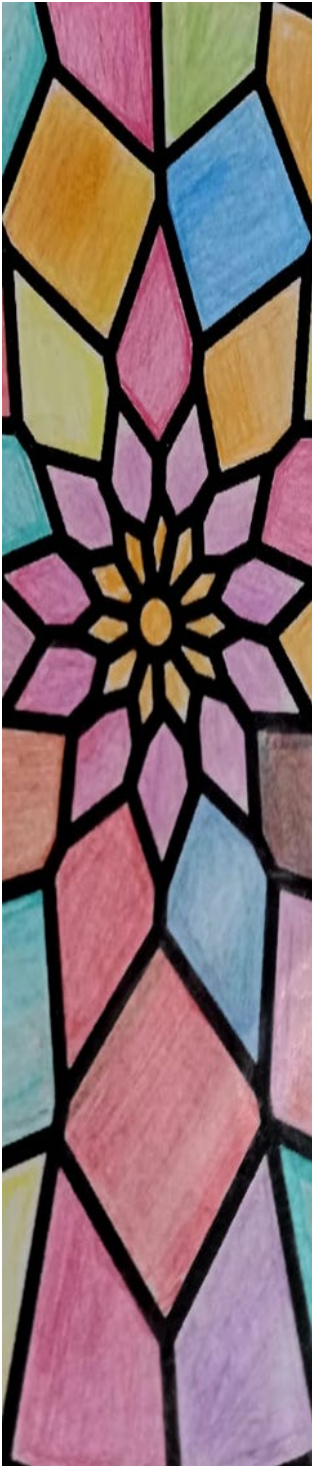
Dois seres peludos que entraram na minha vida em 2015 e 2017, respectivamente, e a modificaram totalmente, derrubando os meus paradigmas.

Eu vinha de um processo de luto, doenças, dores e decepção e você, Tchutchuca, chegou primeiro em maio de 2015. E eu me apeguei a você quase como se fosse uma criança. Você era rebelde, voluntariosa, não obedecia, o que criou alguns atritos entre mim e o Clairton. Eu não queria podar você, lhe dar limites, pois entendi logo a sua natureza rebelde. Mas foi criada com tanto carinho, que se tornou dócil, dengosa e fácil de lidar.

Você, Aladim, já chegou encantando com sua alegria. Fazia artes demais e se divertia com tudo. Quantas risadas eu dei por causa de você, seu bagunceiro! E como me afligi quando você comia meias, papelão, pedaços de pano.

Cachorrinho metido que só chega perto quando quer carinho, mas vira a cara quando a gente chega perto.

Vocês encheram o meu coração de amor e eu me tornei mais terna, mais tolerante, abri os olhos para muitas coisas. Vocês trouxeram alegria para a nossa casa e agora é difícil imaginar ficar sem vocês. Estão caminhando para ficarem idosinhos. As doenças e limitações estão chegando e a gente se prepara para cuidar de vocês com mais amor ainda. É a hora de retribuir todo o afeto que nos deram.



Eu costumo dizer que somos uma família de dois humanos e dois caninos, dois machos e duas fêmeas. Agora são o centro de nossas vidas, tudo que fazemos envolve vocês dois e o bem-estar de ambos. Não exigem nada, não cobram e nos dão o mais puro amor.

Tchutchuca, você me ajudou a viver o meu luto pela perda de minha mãe e a enfrentar as dificuldades com o diagnóstico de um tumor na garganta. Você chegou na hora certa e me tomou tanto tempo com a sua adaptação ao novo lar que me fez viver os infortúnios de maneira mais suave. Eu a amava incondicionalmente. Enfrentamos juntas todos os problemas que você teve, desde as suas crises psicológicas até agora quando tornou-se diabética. Cuidamos de você com o maior amor e paciência. Não deixamos nada lhe faltar. Dizem que os cães são os nossos para-raios, que o que acontece com vocês é para nos poupar de algo, porém, eu dispensaria, se pudesse.

Aladim, você trouxe uma alegria grandiosa para a nossa casa. Sempre ativo, bagunceiro e extremamente carinhoso, nos dá menos preocupação que Tchutchuca em relação à saúde.

Quem nunca teve o privilégio de ter um animalzinho de estimação, não sabe o que é amor de verdade. Nada é tão especial que chegar a casa e ser recebido com festa, como se tivéssemos ficado muito tempo fora. Que fofo quando chegam de mansinho e quase não dá para ouvir o barulho de suas patinhas. E quando nos querem confortar? Ah, meu Deus!

Eu queria acreditar que vocês também têm uma alma e assim, quando virassem “estrelinhas”, teríamos uma conexão.

Portanto, meus dois cachorrinhos, espero que no entendimento de vocês, identifiquem o quanto eu os amo e o quanto me transformaram numa pessoa melhor. Através de vocês passei a amar todos os animais e a vê-los com compaixão.

De sua dona e tutora,

Maria Solange Lucindo Magno



Vitória, 17 de novembro de 2017 e 30 de setembro de 2019.

Amados Miguel e Clarice,

Eu não sei explicar o tamanho do amor que sinto por vocês, meus filhos. Sei, apenas, que ele é enorme, gigante. Tão gigante que nem sei. Alguns dias me pego pensando quanto tempo ainda teremos juntos nesta vida. Fico divagando se terei a chance de, do meu jeito, poder mostrar tudo que já aprendi durante minha passagem pela Terra.

Meus escritos, aqui, devem lhes servir para que, de alguma forma, vocês possam sempre lembrar as lições que aprendi até hoje (muitas delas por meio do convívio com vocês) e o quanto elas vêm carregadas do amor incondicional que tenho por vocês dois.

A atividade de tentar enxergar o mundo através dos seus olhos é a minha tarefa diária preferida. Ela me faz perceber o quanto as pessoas podem ser duras e ríspidas umas com as outras simplesmente porque não exercitam a empatia. Ser condescendente com o próximo é se colocar no seu lugar. Tentar sentir o que nosso semelhante está sentido nos torna mais humanos e nos aproxima de lugares onde a bondade e a caridade prevalecem.

Eu faço isso com vocês porque sou seu pai e quero sempre entendê-los da melhor maneira possível. Mas é preciso que façamos isso com todos, principalmente com aqueles que temos mais dificuldades de nos relacionarmos. Amar o próximo é uma dádiva. Exercitem-na.

Não se sintam sozinhos na jornada da vida. Às vezes esse sentimento pode querer florescer em nossos corações, mas eu lhes garanto: aqueles que amamos e que nos amam habitam em nós. E se

manifestam em diversas ocasiões e por inúmeras razões. Vejam só: neste exato momento, meu pai, o avô de vocês, está, de certa forma, aqui, presente comigo. O corpo dele já morreu, mas todo o resto permanece. Neste caso específico, as ideias e informações que trago para vocês, aqui, são fruto, também, do meu amor e convívio com ele.

Não se afobem. Tem certas coisas que não têm jeito: só o tempo pode nos dar as respostas. Elas vêm. Quando precisam chegar.

Sejam gentis. O mundo está repleto de gentileza, mas nem sempre é fácil enxergá-las. Por vezes, é preciso que sejamos nós a fonte que desvela novas gentilezas e assim por diante. Lamentem quando se depararem com pessoas que têm dificuldade nessa área, mas não as tentem corrigir. Sejam apenas gentis com elas. Uma hora a vida se encarrega de lhes mostrar o quanto elas podem ser mais legais.

Dar é bem melhor que receber. Deem amor. Deem afeto e carinho. Não se prendam ao que estão recebendo. Sintam. Não façam cobranças. Amor é sentimento que vem na contramão da cobrança. Amem.

Cuidem um do outro. Ter irmão é muito bom. Saber que podemos contar com quem nos conhece tão bem é um privilégio.

Adultos sentem medo também. Sentir insegurança não é fraqueza. Para mim, tem mais coragem aquele que consegue falar de seus medos e inseguranças. Esse é o primeiro passo para superá-los.

Sejam pacíficos. Violência nunca é uma forma de resposta.

Honestidade é sinônimo de amor. Sejam honestos em tudo que fazem, em tudo que pensam. Tenham, contudo, a sabedoria de não magoar o próximo. Saibam dosar honestidade com empatia quando a situação exigir.

Amem. Demonstrem amor, mas protejam-se: nem sempre demonstrar amor é a melhor atitude. Há de se ter empatia, lembram?

Sejam felizes. Trabalhem em busca da felicidade. Sucesso é ser feliz. Não é ter o carro do ano ou o melhor emprego. Sucesso é ser feliz.

Sua mãe e eu lhes amamos muito. Saibam disso. Sintam isso.

Meu amor por vocês é tão gigante que nem sei.

Um abraço com muito afeto e carinho,

Seu pai,

João Gabriel De Conte Carvalho de Alencar

Vitória, 30 de novembro de 2023

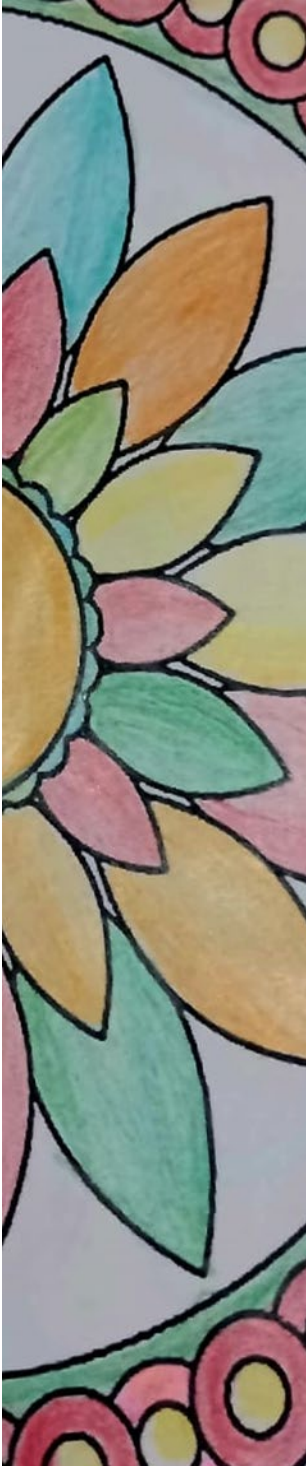
Benção, Mãe!!!

Lembro como se fosse hoje do nosso último encontro... fui até o seu serviço para poder ver algo da minha formatura e a Senhora tinha ido até à padaria do supermercado que ficava ao lado do escritório. Fui até lá e ao vê-la me deu uma vontade enorme de abraçá-la. Exitei num primeiro momento (já que eu não tinha esse costume), mas algo dentro de mim insistia em dizer que devia fazer, e assim o fiz. A Senhora estranhou e, por causa do abraço, perguntou-me se eu queria um “pãozinho”, eu neguei e disse “não posso abraçar minha mãe?” Mal sabia eu que seria nosso último abraço.

Agradeço sempre por ter lhe dado aquele abraço. Não tenho dúvidas que era Deus me dando a chance de me despedir. Depois daquilo uma dor imensa se abateu sobre eu e os meninos. Quão desesperador foi saber que a Senhora tinha sido atropelada e estava em coma. O mundo parou naqueles longos 3 dias. Quantas orações, e pensamentos perturbadores perpassaram aquelas horas infinitas. Tinha certeza que daria tudo certo e que a Senhora acordaria, mas infelizmente isso não aconteceu.

Deus a levou para seu lado e como foi difícil aceitar isso... Acordamos cedo naquele dia para ir à missa, e Flávia pediu ao Padre que fosse até o hospital para rezar pela sua melhora. Fomos com ele até lá, mas os médicos só permitiram a entrada dele no quarto. Ao sair, lembro que o Padre disse que a Senhora estava bem fraquinha e que tínhamos que ser fortes. Assim que o Padre saiu do quarto, você se foi... Sempre tão religiosa, com certeza só estava esperando por isso para descansar.

Fiquei indagando a Deus porque estava fazendo isso conosco, porque estava nos deixando sozinhos, porque nos fazer passar por mais essa



provação. Com o tempo pude ver que naquele momento era o melhor para a Senhora. Não tínhamos condições de dar a estrutura médica que precisaria devido ao traumatismo craniano. Como cuidaríamos de sua saúde?

Naquele mesmo ano eu me formei na UFES... estava realizando o seu sonho, ter uma filha formada na Universidade. Como senti sua falta... queria vê-la toda orgulhosa da sua “negona”, queria me irritar com seu excesso de zelo, cuidados, e “invenções de moda” nesses momentos “especiais”. Sei que estava lá junto de mim, curtindo cada momento, senti sua presença, mas queria tanto um abraço seu...

Querida que a Senhora sentisse que nada foi em vão, que suas atitudes e decisões tinham sido assertivas e que com toda a dificuldades que passamos, tudo estava dando certo. Estávamos no caminho certo, e a partir daquele momento tudo melhoraria em nossas vidas.

Essa sensação de vazio se repetiu em todos os momentos importantes de nossas vidas: no casamento de Flávia; nas minhas conquistas profissionais; na compra do primeiro carro; do apartamento; no mestrado; na formatura de Flávia; no nascimento dos seus netinhos... É a Senhora tem 2 netinhos (e não são vascaínos, rrsrs). Fico pensando como seria a “Vovó Marlúcia Silva dos Santos”, ainda mais sendo filhos do seu “neguinho”, que babação seria, rrsrs... Mas estaria orgulhosa do pai que ele se tornou, presente, responsável, preocupado, participativo na educação deles, carinhoso, cuidadoso, muito diferente do que vivenciamos com o nosso pai.

Hoje em dia compreendo a frase “Ninguém morre enquanto permanece vivo no coração de alguém”, porque estamos sempre repetindo suas falas, ações, tradições, e ensinamentos, mesmo que quando feitos pela Senhora, achávamos exagero, brega ou chato. Lembro-me da sua fala quando eu me recusava a ir ao cemitério visitar um parente: “Quando eu morrer ninguém vai me visitar, vou ficar abandonada”. E eu dizia: “Quando for a Senhora eu vou”. Confesso que vou sempre ao cemitério por causa disso, levando suas rosas vermelhas como sempre pedia.

Espero que a Senhora esteja feliz com nossa trajetória... Não foi fácil mas aqui estamos! Muitos duvidaram, mas somos pessoas de bem, com nossas famílias formadas (tá bom, eu não, kkkk), nossas casas, formados, trabalhando, com uma vida estável, e unidos... Como nos unimos com sua partida!!! Nos tornamos pais e filhos uns dos outros. As brigas continuam, claro (irmão briga mesmo, rrs), mas nos apoiando, incentivando e cuidando um do outro.

Sei que tivemos muitos embates. Devido à forma como nos criou, não compreendia muitas coisas, ações, preocupações e zelos, mas tenho muito orgulho de ter sido sua filha. Sei que posso não ter demonstrado isso enquanto

estava aqui, mas saiba que se sou uma pessoa realizada, bem sucedida e cheia de amigos, a responsável é unicamente a Senhora. Desculpa por todas as palavras duras que lhe disse! Arrependo-me de cada uma delas!

O tempo ameniza a dor que sinto por sua ausência, mas em muitos momentos é difícil controlar. Agora mesmo, escrevendo essa carta, quantas lágrimas rolaram por meu rosto, a ponto de não conseguir escrever. Como é difícil aceitar que vivemos tão pouco juntas. Como é difícil não ouvir seus conselhos, mesmo que não concordasse. Como é duro não ter seu colo, seu cafuné, seu carinho, seu sorriso.

Beijos no coração de sua “negona” que lhe ama hoje e sempre,

Fernanda Silva dos Santos

madura sem ilusão?! Pois é, sinto muito em dizer-lhe que isso não é real. Não existe mar de rosas, até porque tá uma poluição danada nos oceanos.

Amiga, todas as pessoas têm problemas, ainda que não pareça. Umhas mais, outras menos. Quando você fez uma cirurgia, eu me lembro de você falar sobre como ficava olhando as pessoas e pensando que podiam estar sentindo alguma coisa fisicamente e não demonstravam. Porque você teve que fingir muitas vezes que estava tudo bem, sem perder a pose e andar com aquela dor insuportável! Lembra-se disso?!

Pois é! Ninguém sabe o íntimo das pessoas e o que passam em suas vidas. Só vemos as aparências.

Vou ser muito franca com você, afinal, quero o seu bem. Eu acho que Deus é até muito paciente e magnânimo contigo. Sou testemunha do quanto ELE já fez e continua fazendo por você. E olha que você nem agradece!

Você se acha a criatura mais infeliz e não vê o quanto você é importante para outras pessoas. Quanta coisa boa você faz pros outros, pessoas que confiam em você, no seu trabalho...o que você representa pra tanta gente que chega te fala e agradece o que você fez por elas.

Tá certo que você acha que pode resolver o problema de todo mundo, é perfeccionista e não admite falhar e que se acha a Rainha da cocada preta!

O que eu posso te dizer, analisando seus problemas, de fora do seu quadrado? Bem, penso que você faz muita tempestade em um copo d'água. Sei que você vai me dizer aquela frase clichê: "Só quem tá sentindo a dor de barriga sabe o quanto ela dói!" Mas é isso mesmo! Nem a dor do parto ou da morte é para sempre. Ela passa, se acomoda, se camufla. De vez em quando volta, mas tá tudo bem. Não tem problema sentir dor, chorar, sofrer... Faz parte do processo. E cada vez que você supera, é sinal que ficou mais forte, mais experiente ou resiliente, como é a palavra da moda.

Tenha certeza que nesse momento, Deus, feliz com sua performance, orgulha-se da sua criatura, que é você!

E sabe por quê? Porque ELE está o tempo todo te acompanhando (como uma grande mãe) e junto com a Mãe d'Ele, aquela que tem um manto infinito que nos envolve. Você está careca de saber, que como naquela mensagem, ELES estão no último vagão, e que diversas vezes você mesma pôde conferir.

Então, siga em frente! Não tenha medo, mantenha a serenidade. A viagem é segura. Despeço-me com todo amor no coração e na razão.

Até breve, conte comigo!

Virgínia Queiroz

Carandaí, 24 de novembro de 2023

Minha amada vó Tita

Os encontros aconteciam em tardes de domingo, na pequena varanda em frente à casa. Você sentava-se no cantinho do primeiro degrau da escada e ali as mulheres da família se juntavam. Podíamos contemplar um cenário de indescritível beleza, respirar o ar puro, apreciar o sol dourando as tardes, beber da água fresca que brotava da terra, límpida e cristalina, saborear os frutos colhidos das laranjeiras, ameixeiras, goiabeiras. E a conversa agradável nos enchia de alegria.

Tudo parecia perfeito, nada fora do lugar. Éramos nós e a natureza. E o amor era comunicado naquela convivência.

Carrego o cheiro da terra molhada, do perfume da dama-da-noite; do sabor da goiabada feita no tacho de cobre, do arroz-de-forno de Natal, dos bolinhos-de-chuva, em tardes frias e chuvosas... Que delícia!

Trago na memória as tradicionais festas populares, culturais e religiosas, celebradas com a participação calorosa da comunidade: os grupos de Congada; o Carnaval do tio Vigário, com seus bonecos gigantes fantasiados a desfilerem pelas ruas, que se assemelhavam aos famosos bonecos do Carnaval nordestino; as animadas festas juninas, com fogueira enorme e barraquinhas na praça; os doces de São Cosme e Damião da Dona Rosa, de cujo grupo de doceiras você fazia parte.

A vida era simples. As pessoas importavam mais do que as coisas. Havia tempo para prosas, sem espaço para solidão. As tarefas do cotidiano não comprometiam os encontros entre vizinhos, familiares e amigos.

A casa da minha avó era um cantinho do céu. O amor se expressava no aconchego do



ambiente, no colo, no abraço, no olhar. Os valores se aprendiam pelo testemunho de vida. Não bastava ensiná-los com palavras apenas, era necessário vivê-los. Eu sempre a admirei. Seu jeito delicado e paciente com que cuidava de nós – meus irmãos e eu. A gentileza com que tratava as pessoas. Sua sabedoria, coragem e fé. Ouço sempre sua voz cantando: “*Coração Santo, Tu reinarás, Tu nosso encanto, sempre serás!*” e “*A nós descei, Divina luz e em nossas almas acendei o amor de Jesus!*”

Também era elegante, educada e altruísta.

Vó, agradeço a Deus pelo tempo feliz que vivemos juntas. Você, D. Cristina Maria Loures, minha vó Tita, me fez sentir amada e me ensinou a amar. Foi minha mestra, minha inspiração, meu porto seguro!

Onde estiver, quero que saiba que a amarei eternamente!

Sua neta

Adelaide Terezinha do Nascimento Vitoreti

Barbacena, 16 de novembro de 2023.

Minha Querida Mãezuca
Selma Marília Camargo Gomes

Já faz cinco anos, dois meses e dezesseis dias de sua partida e sinto como se tudo tivesse acontecido ontem. A dor ainda é latente e a saudade só aumenta a cada dia, a cada aniversário, a cada Natal.

Hoje é seu aniversário... prefiro dizer assim, no tempo presente, porque sinto tão fortemente sua presença, que me recuso a acreditar que a senhora não está mais fisicamente aqui.

Pensei que depois de sua partida, sorrir seria impossível, mas quando me lembro da senhora, não tem como não sorrir. A senhora sempre foi tão alegre, tão feliz com a vida e sempre tinha uma palavra de otimismo, mesmo quando a situação não era tão otimista assim.

Como gosto de conversar com a senhora, ouvir seus conselhos!

Vou ao cemitério onde a senhora e o pai estão enterrados e, mesmo sabendo que lá é tão somente a “última morada física de vocês dois”, gosto de estar lá e pensar que vocês escutam meus lamentos, minhas vitórias, minhas dúvidas e minhas histórias.

Ainda espero todas as noites, seu telefonema para saber se eu fechei as janelas, se tranquei a porta direito e se desliguei o ferro de passar roupas. Parecem atitudes simples, né? Talvez, para algumas pessoas, até soarão como simplórias e sem importância, mas que, para mim, eram essenciais, pois demonstrava todo o seu cuidado, não só comigo, mas com as minhas irmãs também, visto que a senhora ligava para “suas meninas” todas as noites. Acho que a senhora pegou essa mania



do Vô, né? Ao organizar suas coisas, achamos cartas que ele escrevia para a senhora para ter notícias de todos por aqui.

E por falar em cartas...

O que dizer das cartas que a senhora e o pai trocavam nos tempos de namoro e noivado? São simplesmente poéticas e deveriam ser publicadas para que as pessoas entendessem que o amor é a única forma de sobrevivermos neste mundo caótico.

Sem contar as cartas que a senhora recebia de suas amigas de Mercês, quando estudava em Santos Dumont, para fazer o Magistério no Colégio São José... Essas cartas são fantásticas, pois davam conta de todos os passos do pai, que já estava flertando seriamente com a senhora. Ou seja, ele era muito bem vigiado. Penso que os reality shows devem ter tido origem nesse período...

Sinto falta de tanta coisa, Mãe.

Sinto falta do seu colo, que era pequeno para caber nós três, mas que a gente tinha a impressão de que ele era enorme, pois nós conseguíamos deitar juntas nele...

Sinto falta de seus conselhos, de sua sabedoria, pois a senhora sempre tinha a palavra certa na hora certa, nos conhecia como ninguém e nada passava despercebido aos seus olhos e aos seus sentidos.

Sinto falta da sua sobriedade e sensatez para conseguir resolver os problemas e enxergar as soluções onde ninguém mais via nada.

Sinto falta da sua paciência e da sua resiliência, pois mesmo no momento em que a doença chegou (e olha que a senhora tinha pavor de pensar que um dia ficaria doente), a senhora foi capaz de ter um olhar completamente compassivo e de amor, apesar de tudo.

Sinto falta de dizer: “Bença, Mãe!”. E de ouvir: “Deus te abençoe, minha filha!”.

Sinto uma saudade imensa dos aniversários das minhas bonecas, que a senhora fazia com tanta dedicação e carinho para me alegrar.

Sei que nunca terei a sua força, o seu carisma, a sua bondade, a sua competência, pois a senhora foi uma mãe incrível, uma mulher incrível, uma profissional incrível, uma irmã incrível, uma cunhada incrível, uma tia incrível, uma madrinha incrível, uma sogra incrível, uma avó incrível... Porém se um dia eu conseguir ser para sua neta Mariana um décimo do que a senhora foi pra nós, vou me sentir uma verdadeira heroína, pois é o que a senhora é para mim.

Organizar seus documentos, suas anotações e as coisas que a senhora mantinha guardadas não é fácil, pois ainda não conseguimos olhar tudo, mas descobrir que mantinha cuidadosamente guardados bilhetinhos de seus alunos, quando a senhora começou a lecionar, nos idos de 1967, não nos surpreendeu, pois só confirmou o quanto de amor tinha nesse coração...

Os bilhetinhos que nós escrevíamos para a senhora estavam todos lá, impecavelmente protegidos por plásticos, para que o papel não rasgasse, mesmo amarelados pelo tempo.

As lembrancinhas de Primeira Comunhão dos seus sobrinhos também estavam lá, guardadas, e olha que não são poucas, mas tê-las é um sinal da importância de cada um em sua vida.

Os convites de casamento, 15 Anos, formatura das pessoas que a senhora amava estavam em caixas, pois não podiam amassar.

Poderia ficar aqui escrevendo para a senhora todas as lembranças, que são tão vivas em mim e que me fizeram a mulher que sou hoje, mas talvez não teriam linhas para descrever tantas emoções, tantos sentimentos, tantas vivências, mas o que posso dizer é que tenho dentro de mim, uma gratidão inenarrável a Deus por ter me dado a oportunidade de, nesta vida, ser sua filha e ter desfrutado da sua presença.

Muito obrigada por tudo, tudo, tudo!

Amo você de uma forma que não sei explicar e sinto seu amor tão forte dentro de mim que a tristeza que, inevitavelmente, me abate, é substituída por lembranças inesquecíveis!

Um beijo enorme de saudade lambuzado de muito amor da sua caçulinha

Cynnara Camargo Gomes

“Bença, Mãe!”

Barbacena, 27 de novembro de 2023

Meu Querido Pai
Darcy Gomes da Rocha,

Sua partida ainda é recente, tem exatamente um ano e seis meses e, às vezes, penso que o senhor vai chegar e vai falar que tem médico marcado às 15h e que precisamos sair de casa exatamente às 14h25' para que não haja atrasos e que, desde 13h55', o senhor estará sentado na cadeira de balanço da sala esperando e a gente vai abrir a porta e dizer: "Bença, Pai!".

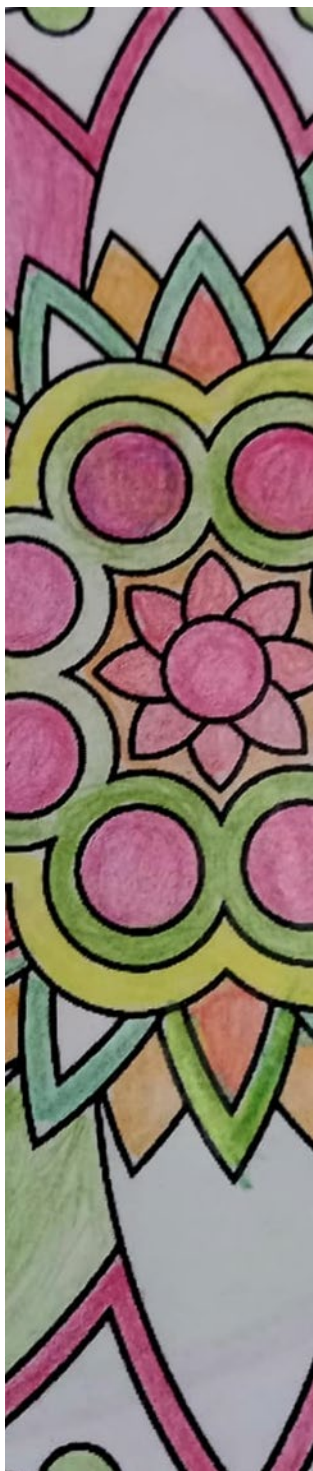
Sabe, Pai, tenho tanta coisa para falar, mas ao mesmo tempo, me pergunto se seria necessário, pois penso que o senhor sabe bem o que eu gostaria de dizer.

Na música "Pai", composta e interpretada pelo cantor Fábio Júnior há um trecho que me toca profundamente: "Pai, você foi meu herói, meu bandido. Hoje é mais, muito mais que um amigo"

E consigo sentir isso de uma forma muito forte, muito intensa, pois ao mexer nas inúmeras coisas, recordações, livros, documentos e fotos que o senhor deixou, consigo perceber que, apesar de querer parecer "durão", o senhor tinha um profundo respeito pelas pequenas coisas que vivemos em nossa casa, como por exemplo, estarem guardadas no cofre as cartas que escrevemos para o Papai Noel.

E as fotos que o senhor sempre fez questão de revelar? Afinal de contas, ver fotos em computador e celular não tem graça nenhuma, né?

Manusear nossas fotos de criança, brincando, nos aniversários (que o senhor adorava), nos eventos da escola, nas festas de família, no Natal, no Ano Novo, na Páscoa é uma confirmação linda das lembranças que temos (foi o senhor que nos



ensinou a soltar pipa e a andar de bicicleta) e que não se dissiparão nunca das nossas mentes nem dos nossos corações.

E as coisas que achamos relacionadas à sua profissão? O senhor tinha uma estratégia muito pessoal, para que tudo saísse da forma mais perfeita e organizada possível, e fazia isso com muito esmero.

Ver as fotos e os documentos do Colégio Tiradentes, por exemplo, é uma volta ao Túnel do Tempo onde eu e minhas irmãs temos as melhores lembranças. O senhor queria ver o Colégio “no topo” e dizia que não mediria esforços para isso. E não mediu mesmo. Em um tempo em que ninguém pensava nisso, o senhor abria o Colégio aos sábados para que os alunos praticassem seu esporte favorito, e não ficassem na rua “aprendendo coisa errada”, como o senhor dizia.

E as fotos dos desfiles de Sete de Setembro do Estadual? Ou, melhor dizendo, da Escola Estadual Professor Soares Ferreira... As pirâmides meticulosamente estudadas e desenhadas, para que tudo saísse perfeito e o desfile fosse um sucesso. Os alunos adoravam e o senhor sentia um orgulho indescritível, sem contar que, após o desfile, eles iam com o senhor para outros municípios para desfilarem e demonstrarem o quanto tinham ensaiado e se esforçado para estar lá.

E não posso deixar de falar da seriedade e da honra que o senhor tinha de pertencer à Polícia Militar de Minas Gerais. O arquivo do *Sentinela da Mantiqueira* é imenso e agora, ao manuseá-lo percebemos o quanto pertencer ao quadro da PMMG foi uma missão cumprida com louvor.

Nesse período de organização das milhares de coisas que o senhor tinha (nunca vi uma pessoa guardar tanta coisa – como o senhor conseguiu acumular isso tudo, Pai?), o momento que mais mexeu comigo foi a doação dos seus livros e dos livros da Mãe para a Biblioteca Pública Municipal.

O acervo era enorme, com títulos muito interessantes e alguns raros, além de todo o material didático e paradidático dos conteúdos de História, Geografia, Educação Moral e Cívica, OSPB, Educação Física e do Ensino de 1ª à 4ª série.

Demorou um tempinho, mas consegui catalogar todos os livros, do jeito que o senhor faria e fizemos a doação de todos eles. A entrega desse material mexeu muito comigo, a emoção tomou conta e não consegui me controlar (lembrando, que neste ponto, sou bem parecida com o senhor, tento segurar a emoção ao máximo), as lágrimas deslizaram na minha face e eu resolvi que as deixaria correrem livremente. Desde a morte da minha querida Janice, que foi 29 dias após a sua partida, que eu não chorava de forma tão intensa, tão forte, tão profunda e tão sincera.

Sei que a vida tem ciclos que precisam ser fechados e que o senhor e a mãe estão satisfeitos de termos tomado a decisão de doar algo que era tão importante

para vocês, tão forte em nossa casa e fundamental em nossas vidas: os livros. Mas confesso que não olhar mais para todo aquele material, me fez entender o quanto vocês lutaram por nós e que fizeram de tudo para que tivéssemos a melhor educação, e que isso também chegasse a tantos alunos que passaram pelas mãos de vocês.

Sua partida foi repentina e sem aviso, mas o senhor é tão ansioso, que não quis nem esperar um pouquinho para que pudéssemos, pelo menos, nos acostumar com sua ausência. Se bem que o senhor disse várias vezes que “não queria ficar entredado numa cama” e penso que Deus o atendeu de forma primorosa, pois Ele achava que o senhor merecia essa graça. Eu também acho que merecia.

Vou me despedindo por aqui, com uma saudade imensa da sua ansiedade (teve o episódio inesquecível do tombo que levei de bicicleta, em frente à nossa casa e que, na hora do nervosismo, ao invés de o senhor colocar água oxigenada no machucado enorme que eu tinha no rosto, o senhor colocou acetona), da sua preocupação em saber com quem iríamos sair (é filho de quem? é filha de quem?), de ligar para que o senhor nos buscasse e levasse todas as amigas pra casa também e de ver o senhor engatinhando no chão para que a Beatriz e a Mariana aprendessem a engatinhar mais rápido (e deu super certo, né?).

Fique bem aí e cuide da mãe.

Obrigada por ter sido “meu herói, meu bandido”.

“Bença, Pai!”

Um beijo

Cynnara Camargo Gomes

Barbacena, 25 de outubro de 2023.

Oi, Nininha,

Tudo bem por aí?

Quanta saudade!

Não há um dia que eu não pense em você, sabia? Já me perguntei várias vezes porque você se foi tão cedo...

Aí eu me lembrei de uma das músicas do Renato Russo (que você adorava), na qual ele dizia o seguinte:

“É tão estranho

Os bons morrem jovens”.

E morrem mesmo... Concordo com ele. Você foi cedo demais, minha Prirmã (era assim que nos referíamos uma à outra, lembra?).

Penso que uma pessoa como você, culta, inteligente, sensível, amorosa, doce, uma romântica incorrigível, não conseguiria envelhecer nesse mundo que anda tão mesquinho, tão carente de amor, tão desastrosamente triste... Você era especial demais para se deixar envenenar por essa brutalidade toda.

Ah! Janice Camargo Brandão! Como trocamos confidências! Há segredos meus que só você sabia e segredos seus que só eu sei e que estarão guardados comigo para sempre, pode ter certeza.

Sabe de uma coisa? No período de sua doença, conheci uma Janice que eu não pensei que existia em você: forte, paciente e capaz de lidar com tantos desafios de uma forma tão lúcida e determinada. Uma grata surpresa vinda de quem aparentava ser tão frágil! De repente me deparei com uma leoa, que lutava pela vida, pois ainda tinha sonhos para realizar.

Eu falei pra você, várias vezes, o quanto eu admirava a sua força, o quanto você estava

me ensinando e você dizia: “Que isso, Naná... não tenho nada pra ensinar pra ninguém”. Lembra?

Como não tem nada pra ensinar pra ninguém? Você deixou um legado de amor, de respeito, de carinho, de generosidade, de empatia que você não tem noção do quanto isso foi importante para quem teve a alegria e honra de conviver com você.

Deus, generosamente, me deu a oportunidade de acompanhar muitas de suas sessões de quimioterapia e ver a sua disposição, chegando linda, vaidosa e com coragem para enfrentar quase 4 horas de remédios fortes injetados em você. Isso me fez entender o quanto eu ainda precisava evoluir como pessoa e que precisava aprender a reclamar menos e saber que a vida tem alguns mistérios que nunca entenderemos, mas que vivê-los é fundamental para que valorizemos cada pessoa que passa pela nossa vida e cada desafio que nos é imposto.

Às vezes, não acredito que você se foi, penso ser um sonho, um pesadelo, mas a realidade vem e aí não ouço mais a sua voz, não recebo mais seu telefonema no dia do meu aniversário, não tenho mais as conversas demoradas que nos faziam tão bem!

Dói, dói muito, vai doer sempre, mas procuro pensar em você com a luz que você sempre teve e de repente me vem uma vontade de sorrir e lembro das gargalhadas que soltamos juntas e das aventuras que vivemos.

Sei que você está bem. Nos sonhos você me disse isso. Então, continue bem aí, que nós vamos seguindo aqui e estamos cuidando da Tia Célia; essa tia/mãe maravilhosa que você, Marcos e Maurício tão generosamente “dividem” conosco.

Beijo enorme, recheado de saudade.

Cynnara Camargo Gomes

Barbacena, 29 de novembro de 2023.

*Minhas lindas e amadas irmãs,
Cynthia Camargo Gomes
Cybelle Camargo Gomes Vieira*

Vocês vão se perguntar por que eu não escrevi uma carta pra cada uma, né?

Inicialmente, pensei em fazer isso mesmo, mas quando comecei a escrever, vi que o que eu queria dizer a uma, era o que eu queria dizer à outra, então resolvi fazer uma carta só...

Sabe, Lindas, fiquei pensando sobre o que é ser a caçula de três irmãs e me senti uma pessoa muito privilegiada. Quando somos crianças, não temos a dimensão da importância de termos irmãs e o quanto elas vão influenciar em nossa vida!

Tenho o melhor de dois mundos ao meu alcance: Cynthia, com sua calma, serenidade, equilíbrio. Cybelle, com sua impulsividade, sua emoção à flor da pele, sua explosão. E o mais interessante é o que vocês duas têm em comum: a sensibilidade, a emoção, a fé e o coração derretido. E isso é lindo! E me ajuda em minha racionalidade aguçadíssima e em minha forma bem pouco romântica (como dizia nossa mãe) de ver o mundo.

Vocês conseguem “colorir” o que pra mim será sempre cinza e fazem isso sem sentimentalismos baratos nem forçando emoções que não são suas. Vocês têm isso genuinamente, na pele.

E por falar em pele, nossa tatuagem de corações é uma das mais belas expressões de nossa amizade, de nossa cumplicidade e de nossa união. Esses são os sentimentos mais lindos que carrego comigo e que nós, incansavelmente, passamos para nossas pequenas (que já não são mais pequenas) todos os dias.

Mas voltando a falar sobre ser a caçulinha...



Fiquei pensando nas inúmeras vantagens dessa posição, e vou aqui citar algumas delas: a proteção incondicional das irmãs, o fato de ter algumas preferências, as “brigas compradas” e saber que posso pedir qualquer coisa que vocês farão (talvez não seja qualquer coisa, mas muitas coisas vocês fazem, né?).

Os melhores conselhos e “puxões de orelha” vêm de vocês. E sei que devo segui-los sempre, pois não ouvirei nada mais sensato ou mais absurdo, mais engraçado ou mais bravo, mais doce ou mais invocado que não seja vindo de vocês.

Vocês são as minhas melhores amigas. Sei que posso contar com vocês sempre, a qualquer hora, em qualquer lugar, em qualquer circunstância e quero que vocês saibam, que a recíproca é verdadeira, que apesar de ser a caçula, também sei algumas coisas da vida, mas principalmente, quero que vocês saibam que estarei sempre com vocês, para o que der e vier.

Sempre fomos muito unidas, nossa mãe dizia que deveríamos nos apoiar em tudo, pois éramos somente três e que sempre seríamos o suporte uma da outra. E não é que ela estava certa?

Desde que nossa mãe partiu, tivemos que ter uma força que nem sabia que tínhamos. E fomos seguindo com dignidade, fazendo o que ela mais queria que fizessemos: cuidar do pai. Fizemos isso, mesmo ele dizendo que não precisava de nada daquilo, que a gente se preocupava à toa, que ele não era um inválido (no fundo ele adorava ser paparicado, pois viveu essa experiência nos 48 anos de casado com a mãe) e no dia em que ele passou mal e foi para o hospital, estávamos, as três, junto dele.

Eu queria muito curar a dor que vocês sentem, mas não sei como fazer isso, não tenho competência para tal, mas agradeço a Deus e a nossos pais por terem permitido ser a caçulinha de vocês, por eles nos terem criado tão unidas, pela Mariana e Beatriz terem três mães, pois se não fossem vocês, eu não sei se teria forças para contar essa história.

Muito obrigada por tudo sempre!

Muito obrigada por serem do jeitinho que vocês são (não mudem nunca, ta?).

Muito obrigada por serem minhas irmãs!

Amo vocês infinitamente e de um jeito inexplicavelmente lindo!

Da Cynna e da Nira...

Barbacena, 29 de novembro de 2023.

*Meus amorzinhos,
Beatriz Camargo Gomes Vieira
Mariana Camargo Gomes de Paula*

No dia 24/6/2009 conheci um amor que nunca havia experimentado antes: o de tia.

Nasceu você, Beatriz, pequenina, magrinha e com os olhinhos mais espertos que eu já vi.

Como você foi esperada e desejada... Como queríamos ter você por perto!

E você era tão calminha, tão tranqüila, nem chorava... Era uma alegria poder cuidar de você e sentir o seu cheirinho!

A cada dia, uma gracinha nova, uma descoberta, e você ia crescendo, para nossa alegria e orgulho!

A Vovó Selma enlouquecia em cada loja que ela entrava e comprava todas as roupinhas, de preferência amarelas, que ela encontrava, além dos brinquedos.

O Vovô Darcy responsabilizou-se em adquirir os mais diversos DVDs infantis para que a estadia na casa deles fosse mais divertida e mais interessante.

O tempo foi passando e decorar as músicas do Cocoricó e dos Backyardigans tornou-se uma obrigação para mim, pois tinha que cantar e dançar junto com você. Como eu gostava de “pagar esses micos”! Na verdade, acho que gosto até hoje. E ver você fazendo a sua cara de deboche quando eu ainda faço isso é muito divertido e mostra o quanto você cresceu. Tinha também a Casa do Mickey Mouse e a Dora Aventureira (acho que a sua paixão pelo inglês nasceu ali).

Quando eu estava grávida, antes mesmo de eu perceber, você com sua intuição infantil,



percebeu e mudou seu comportamento comigo: ficou mais agarrada a mim.

Foi então que essa história ganhou um novo capítulo e um novo membro. Descobri, no susto, que você chegaria, Mariana. Um misto de sentimentos e sensações que não saberia descrever aqui. Não pensava em ser mãe, não estava nos meus planos, já tinha planejado continuar meus estudos e ser tia já era muito emocionante, mas como não comandamos os planos de Deus, você estava crescendo dentro de mim e isso já era algo inacreditável e, ao mesmo tempo, emocionante.

Você chegou no dia 02/4/2012, gordinha, com as bochechas vermelhas e parecida comigo (com a boca do Vovô e o nariz da Vovó). E você continua parecida comigo, não só fisicamente, mas em tudo...

Eu começava um outro papel: ser mãe. Estava conhecendo um amor diferente de tudo, apesar de ser igual ao que sentia pela Bia, mas com uma responsabilidade enorme e com dores que não estava acostumada a sentir.

Não foi fácil, você chorava ininterruptamente... E como chorava! Não sabíamos mais o que fazer... Até que descobrimos uma intolerância à proteína do leite, além da alergia à fralda descartável – em pleno século XXI tivemos que recorrer às fraldas de pano para colocar em você, Mariana. Você tem noção do que significa isso? Não, não tem. Foi um período tenso...

Depois desses pequenos “detalhes” resolvidos, a vida voltou a ser alegre, pois tínhamos duas crianças lindas que nos davam alegria e faziam a nossa vida mais emocionante, mais colorida e muito mais divertida (hoje vocês são duas adolescentes chatinhas, mas nós continuamos amando vocês, tá?).

É claro que os “micos” continuaram com você, né? Aprender a dançar e cantar todas as músicas do Xuxa Só Para Baixinhos, do 1 ao 12, era um exercício diário e quase pensei em adotar um pinguim de tanto que fiz a Dança do Pinguim. Além disso, tinha a Galinha Pintadinha, a Pepa Pig e todos os filmes da Barbie... Vida de mãe realmente não é fácil!

É claro que depois que vocês nasceram, minha carteira ficou muito mais vazia, tenho que pintar meu cabelo mais frequentemente e preciso controlar a ansiedade de forma mais contundente, pois a gente sempre acha que vai acontecer alguma coisa séria: que se vocês não chegam no horário certo, com certeza foram seqüestradas; que uma tosse fora de hora, já é uma pneumonia... Mas faz parte, né? Nem tudo pode ser perfeito... Apesar de ser uma pessoa super equilibrada, tenho também as minhas neuroses. Sempre digo que filhos são uma fonte inesgotável de gasto e preocupação.

Mas saibam, minhas chatinhas favoritas, que vocês são a razão de eu, Cybelle e Cynthia continuarmos essa jornada. Seus avós estariam muito orgulhosos das meninas que vocês estão se tornando e espero que vocês

tenham sempre em mente a importância de vocês serem unidas e se ajudarem mutuamente, para que possam ser apoio e suporte uma para outra, afinal de contas, vocês são irmãzinhas, não é mesmo?

Li há pouco tempo uma frase de Rubem Alves que me tocou muito e que agora quero passar a vocês: “Cartas de amor são escritas não dar notícias, não para contar nada, mas para que mãos separadas se toquem ao tocar a mesma folha de papel”. Apesar de vocês serem do que chamamos de “era tecnológica”, talvez nunca entendam o significado de escrever uma carta para alguém que se ama, mas espero que ao receber esta carta, vocês consigam sentir toda a emoção que eu senti ao escrevê-la.

Contem sempre comigo. Estarei sempre aqui.

Bia, você sempre terá o amor e o colinho da Tia Naná.

Mari, você sempre terá o amor e o colinho da Mamãe.

Amo Vocês!

Cynnara Camargo Gomes

Caçapava, 30 de setembro de 2.023

***Querida vózinha, que saudade
da senhora!!! Minha amada
Maria Efigênia de Melo***

Tem dias que tudo que eu queria, era por um instante, alguns minutos que fossem, poder encostar minha cabeça no seu colo e sentir seu carinho e ternura, que transformava e deixava tudo mais leve. Eu me lembro de deitar do seu lado, quando a senhora já estava acamada e ficar ali quietinha a seu lado.

Na véspera de sua partida eu estava passeando de carro com meu marido Cláudio, pela cidade, e tomamos um caminho diferente que nos levou a uma estrada longa, olhei pela janela e em meio a uma gigantesca plantação de eucaliptos eu via corredores infinitos e era como se eu estivesse a correr em meio a eles tentando chegar ao final e visualizar o que havia lá... Aquilo me deixou um pouco impressionada e aflita. Voltamos para casa e, assim que anoiteceu, veio a notícia e foi a viagem mais longa e dolorosa da minha vida, quinhentos e trinta e seis quilômetros de Caçapava-SP à Carandaí-MG, e foram horas infinitas. Naquele dia chovia muito, quase não dava para ver a estrada direito, e meus olhos transbordavam na mesma intensidade da chuva.

Um filme passava em minha cabeça... “Bença, Vó!” “Deus te abençoe, minha filha!” Era assim que nos despedíamos sempre. Sua benção era o meu amuleto pra enfrentar qualquer coisa lá fora. Sem ela eu não conseguia sair. Minha mãe se foi aos trinta e dois anos e a senhora nos cobriu de cuidado e amor; se pudesse, nos daria o mundo. Uma coisa eu tenho certeza: seu amor por mim era maior que o mundo! Aliás a senhora foi o ser mais



iluminado e mais generoso que conheci em toda minha vida e a dor de me despedir da senhora ainda pulsa em meu coração.

Por vezes uma cena me vem à cabeça: a senhora tinha bronquite asmático e quando entrava em crise espirrava só um pouquinho da sua bombinha, nunca a dose completa, de medo que o remédio acabasse e, acredito eu, que isso a levava constantemente ao hospital, como isso ainda me dói. Hoje me tornei professora como a senhora sonhou pra mim e poderia ajudar a comprar suas bombinhas.

Naquela época, nas visitas, as pessoas levavam comidas, guloseimas, frutas para os pacientes, e a senhora, cativante como era, ganhava um monte de coisas. No entanto, não comia nada, guardava tudo para nós. Sua volta do hospital era um evento, ficávamos todos sentadinhos na escada esperando a senhora chegar, no táxi verde do senhor “Louro”. Isso era muito engraçado, porque o senhor Louro era um senhor negro, e várias vezes perguntávamos se aquele era realmente o nome dele. Ele ria e dizia que sim... O táxi partia e já estávamos ansiosos para saber o que a senhora trazia em sua bolsa.

Quando chegou a pandemia, veio-me à memória os seus cuidados, como havia retornado do hospital, a senhora antes de dividir as guloseimas, tomava banho, desinfetava tudo com álcool e nos explicava que aquela ação era muito importante para nos proteger. Vivendo a pandemia pensei em como sua sabedoria ia além.

Bom, finalmente chegara a hora, e a senhora repartia tudo igualmente entre nós... Um dia havia uma bala diferente e todos queriam, e a senhora a dividiu em 8 partes e cada um ficou feliz com seu pedacinho.

Outra coisa que ainda está nítida na minha mente é o cheiro do bolinho de chuva e o gosto do seu mingau de couve. Nossa!!! Quase posso correr pra cozinha pra ver se estão lá e com eles a senhora a prepará-los, como seria maravilhoso!

Dia desses eu estava a ajustar um canteiro em minha casa e naqueles minutos aconteceu uma sintonia com o tempo em que eu ficava a observá-la com suas plantas, aliás uma grande paixão de sua vida! As plantas não deixavam por menos, também gostavam da senhora e retribuía em beleza e vigor.

Sempre estou pensando na senhora... Em 2.008, quando não conseguia engravidar novamente, pensei: “Acho que não é para ser, já sou feliz por ter meu filho...”. E, à noite, ao dormir, sonhei que estava a embalá-la em meus braços em uma piscina. Dias depois descobri estar grávida da minha filhinha. Cláudio acha nossa menina parecida com a senhora e com a mãe dele. Vovó, como gostaria que conhecesse meus filhos! Melhor, como queria que eles pudessem tê-la conhecido; mas uma coisa posso lhe garantir, enquanto eu viver, suas histórias e ensinamentos caminharão comigo.

Vou me despedindo por aqui, embora a dor de tê-la perdido seja imensa,

meu coração fica em paz por saber que à sua volta há muita luz, amor, felicidade e paz, porque é o que a senhora merece depois de ter vivido com tanta generosidade!

Receba todo o meu amor e nos encontraremos um dia, num futuro bem distante no tempo terreno, porque com você aprendi que a vida é muito preciosa e estou cuidando muito bem da minha e da minha família. Amo-te daqui até o infinito!

Sua neta,

Valéria Melo Nascimento

Caçapava, 02 de novembro de 2.023

***Querido Dinho, que saudade do
senhor! Meu estimado***

Antônio Firmiano de Melo

Tenho em meu coração a certeza de que conversamos muito ao longo de nossas vidas. Falamos de tantas coisas! Guardo seus conselhos preciosos sempre acompanhados de sua voz calma e tranquila... quase como se estivesse do meu lado agora: “Valerinha”...

Tenho uma dúvida, será que eu demonstrei e disse o quanto sou grata por tudo que o senhor fez por mim nesta vida?

Dinho, nesse mundo poucas pessoas fariam o que o senhor fez por nós: adotar três crianças, uma com 11 anos, outra com 7 e um bebê de 2 meses de vida. Só quem conviveu com o senhor tem o alcance do seu coração, que o senhor herdou da sua mãe, nossa querida avó D. Efigênia. Tanta bondade e gentileza é tão raro nesse mundo!

Uma de nossas conversas me tocou de uma forma muito particular... Um dia lhe questionei sobre uma decisão, na qual o senhor sacrificava a sua vida em prol de uma pessoa; a meu ver, naquele momento, o senhor precisava priorizar a sua sobrevivência. Para minha surpresa, o senhor escolheu o caminho oposto ao de qualquer ser humano, mesmo com sua dor se uniu à dor daquela que lhe era preciosa e ainda concluiu me dizendo:

“Se pudesse escolher passar por qualquer sofrimento por ela, eu passarei!”. O senhor assim o fez tempos depois.

Ali pensei, será que sou capaz de um gesto tão nobre? Não tenho ainda essa certeza, mas

sei que aprendi com o senhor e com a minha avó o significado de generosidade. Todas as ações de vocês sempre nos davam exemplos de como conduzir nossas escolhas, e tem mais, lembro-me das orientações nos conduzindo por cada caminho à nossa frente.

Hoje olho para as crianças, o senhor seria ainda mais feliz no meio de seus netos, eles são alegres, divertidos, inteligentes... o senhor partiu cedo demais!

Eu acho engraçado, tenho alguns sonhos com o senhor e, ao contrário do que foi na vida, sempre está com muita pressa; dia desses até reclamei com o senhor. E, na maioria das vezes, nessa correria eu quero falar tantas coisas, e mais que isso, queria ouvir suas colocações, sua forma sensata e pacífica de ver tudo, mas nunca dá tempo... Se puder, reclama aí e pede um tempinho a mais.

Dinho, meus filhos cresceram... Gustavo está na faculdade, Bianca vai fazer 15 anos... parece que foi ontem, eles pequenos no seu colo. O senhor ficaria orgulhoso de vê-los seguindo um bom caminho, esforçados, estudiosos. Mas a insegurança em relação ao que poderia ter sido melhor pra eles, não tem jeito, me acompanha. Por muitas vezes me lembrei de algumas conversas que tivemos. Sempre fui curiosa e esquentadinha. O senhor conseguia me apontar o caminho e fazia de um jeito tão sereno que eu não queria contrariá-lo e acabava fazendo a coisa certa. Como mãe, parece que o medo de errar sempre se multiplica, porque se eu falhar não será só comigo. Nesses momentos eu busco forças em Deus, em Nossa Senhora, como o senhor me ensinou. Lembro-me de um momento de grande dor em minha vida, de desespero, o senhor me deu uma foto de Santa Rosa Mística, que me acompanhou por anos até desmanchar pelo tempo. Quanto à fé e à devoção, continuam intactas!

Às vezes, bate um vazio... Grande parte das minhas memórias de infância vivi com o senhor, a Dindinha, o vovô, a vó... minha mãe então, nem é bom pensar. Tenho saudade das comidas, das histórias, dos cheiros, de barulhos como o do carro de boi trazendo a colheita de milho e feijão do vovô. Ficávamos esperando sentadinhos na escada e, quando ele apontava lá no final da estrada, acompanhávamos sua chegada e juntos ajudávamos a descarregar e era um evento pra nós. Queria tanto que meus filhos pudessem ter conhecido um pouco desses momentos.

São tantas as histórias... Lembro-me daquela vez que fomos a Aparecida do Norte, o senhor ficou a imaginar quantos tijolos teriam sido usados para construir a Basílica. Esse era o senhor, pedreiro de profissão! Tinha muito orgulho e capricho com seu trabalho, e foi assim que viveu a sua vida, a lutar. Mesmo doente trabalhou até seus últimos dias. A dignidade do ser humano está em confiar na sua capacidade de conquistar seus ideais pela força de seu trabalho!

Bom, a saudade é grande mesmo e não tem jeito, ela é fruto de muita partilha, muito amor... seguirá comigo enquanto eu viver, por isso fico por aqui. Tenho certeza de que o senhor está bem e em paz, porque sempre buscou viver em harmonia. Acredito que Deus nos permite passar por essa separação para nos ensinar a força do amor verdadeiro... É difícil aprender, mas nutre em nós uma vontade imensa de construir laços vida afora, para um dia ser lembrado com carinho e amor por alguém.

Escolher ter um filho é uma missão e tanto, escolher ser pai de alguém não é pra qualquer um... Minha gratidão eterna por ter sido parte de sua escolha!

Um abraço com todo meu afeto e respeito!

De sua filha,

Valéria Melo Nascimento

Olá mãe, que saudade sem fim...
Olá pai, que pena não ter o que sentir!

Falar “mãe” e “pai”, ainda me soa estranho, não entendo porque não estamos na nossa casa! Acho que a qualquer instante alguém poderá chegar e dizer que nada aconteceu e que 07/05/1988 foi só um dia como outro qualquer, e você mãe não partiu para sempre...

Embora tenha falado com você minha vida toda, sinto que nunca lhe falei dessa forma, refletindo sobre as palavras. Sempre nossas conversas foram mais um desabafo, lamento da falta que a senhora me fazia e murmúrios da autopiedade que sempre me acompanhou. Mas hoje posso lhe dizer que apesar das dificuldades, incertezas e medos, sua filha cresceu e venceu os muitos desafios, permaneço medrosa, às vezes insegura, mas com muita força de vontade pra lutar e seguir.

Parece contraditório, mas apesar do medo eu sempre cultivei meus sonhos com esperança e amor. Isso me impulsionou e impulsiona até hoje a buscar a força que for preciso para realizá-los, sempre com fé em Deus, que sempre conduziu meus passos.

Sei que está comigo e sabe da gratidão do meu coração por todas as bênçãos de minha vida: um lar; meu marido/amigo/parceiro; meus filhos; quantos amigos/irmãos. Tudo muito maior do que sequer imaginei. Por diversas vezes paro e olho à minha volta e até parece que vejo a minha vida por uma janela, e desse lugar posso ver os milagres presentes em tantos momentos... Sem dúvida, obra Divina!

Quando eu estava grávida do Gu e a todo momento me vinha à cabeça como seria se a senhora estivesse aqui, foi o momento mais difícil sem sua presença. Na época, duas amigas também estavam grávidas e, diferentes de mim, com as mães



do lado e prontas pra ajudar. Talvez possa ser questionável da minha parte, mas essa é a única inveja que carrego. Naquele momento era difícil aceitar porque de novo eu não tinha mãe.

Foi no dia do nascimento do Gu que Deus me permitiu saber que eu nunca estive só. O nascimento dele estava previsto, de acordo com o acompanhamento médico durante o pré-natal, para 09/04 a 14/04. Então, perguntei ao médico se não haveria a possibilidade de chegarmos a 19/04, que era o dia do seu aniversário mãe, mas o médico respondeu que não, que em 14/04 completaria as 42 semanas. Como eu gostaria de tentar um parto normal esta era a data, se não desse seria uma cesária.

E naquela semana eu estava tranquila. Dia 09/04 fui ao médico e, novamente, tudo tranquilo: “Vamos aguardar mais uns dias!”. Chegamos a 14/4 e tudo tranquilo e nada de dilatação, que era a chance para um parto normal. O médico então vendo que eu estava bem, pressão boa, por ser abril, o tempo também ajudou, estava mais fresco, resolveu aguardar mais um pouco. Era uma terça-feira, então combinamos que ligaria para ele no final de cada dia pra dizer se algo havia mudado. A qualquer sinal eu deveria ir para o hospital, assim o fiz diariamente... Quando percebi era sexta-feira dia 18/04... Meu Deus não acredito! Ao ligar pra ele no final daquela sexta ele me disse que era para comparecer no hospital na manhã seguinte para o nascimento do meu filho. Quando acordei às 5h da manhã, do dia 19/04 seu aniversário mãe, o dia estava lindo, o céu parecia pintado pra mim; então entendi que foi a forma que Deus usou pra que eu pudesse saber e sentir que não estava só. Não tive dilatação e às 8:25h da manhã Gustavo nasceu de parto cesariana.

Com a Bianca também tive um sinal. Sempre pensei e falava comigo: “Só quero ter filho até 32 anos, só vou ter filho até 32 anos!” Isso martelava no meu inconsciente... Pelo fato da senhora ter falecido com 32 anos, 2 meses após passar pelo parto do meu irmão caçula, isso ficou comigo. O nascimento da Bianca estava previsto de 10/01 a 20/01 e ela nasceu em 25/12, no dia do meu aniversário de 32 anos! De novo veio à minha mente nossa sintonia. Mesmo em planos diferentes, naquele momento eu vivia a mesma sensação que a senhora passou no meu parto, e eu senti mais uma vez que não estava só. No meu nascimento a senhora também passou por um susto, nasci com Eritroblastose Fetal Hemolítica Perinatal (DHPN). Doença que se manifesta no nascimento quando a mãe e o bebê têm tipos sanguíneos diferentes e são incompatíveis. Hoje isso não ocorre mais, graças ao avanço da medicina e ao pré-natal já é detectado e tratado preventivamente; mas, naquela época, há 47 anos atrás, morando em Carandaí, uma cidade pequena do interior de Minas Gerais, com poucos recursos financeiros, aconteceu comigo. Lembro-me da senhora contar do desespero que foi, porque nasci na

cidade vizinha, Conselheiro Lafaiete, e fui imediatamente transferida para o Hospital Felício Rocho em Belo Horizonte, onde passei por uma transfusão de sangue que salvou a minha vida. No entanto, devido a emergência, quem foi me acompanhando foram as enfermeiras. A senhora juntou as forças, se levantou da cama e seguiu atrás de mim, morrendo de medo de me perder.

Mãe, tenho tanta coisa de você, a forma de dar um jeito e fazer o que é preciso, a senhora costurava o que quer que fosse, que pudéssemos precisar, até um biquíni, lembro-me, quando moramos em Angra do Reis-RJ. O Jeito de preparar a casa simples para o fim de semana; tudo limpinho, organizado. Até hoje sigo esse ritual, principalmente, a cama limpa para descansar; quando o lençol paira no ar pra cair na cama e transformá-la, se fechar meus olhos posso vê-la fazendo a mesma coisa, sempre cuidando com tanto amor do pouco que tínhamos... Lembro-me da sua comida, tudo tão gostoso... Tentei fazer seu mingau de maisena para meus filhos, mas não ficou tão gostoso... Também ainda não acertei o chuchu com feijão batido no liquidificador, mas faço mesmo assim... E continuo a picar a couve bem fininha como a senhora e a vó Efigênia faziam. Dia desses disse para a Bianca que ela precisa aprender. Por falar nisso, contei aos meus filhos de como a senhora foi uma mãe amorosa, de como brincava com a gente, tocava corda para toda a criançada. Nossa casa parecia uma creche, todos gostavam de brincar lá.. Isso também aprendi com a senhora: minha casa está sempre aberta e acolhedora para os amigos dos meus filhos e os nossos. Minhas memórias seguem vivas, como a senhora em meu coração. Obrigada sempre!

Pai... embora ter nos deixado tenha sido uma escolha sua, não posso culpá-lo, cada um age de acordo com suas construções internas e isso se dá por tudo que viveu. Um dia me lembro que alguém me cobrou: “Mas e seu pai? Por onde anda? Ele não vem ver vocês?”. Por muitos anos eu tive vergonha dessas perguntas, como se fosse culpa minha, como se sua ausência me tornasse mais miserável que os outros... Mas, nesse dia, eu me fortaleci e respondi: “Eu não sei por onde ele anda e nem o que faz da vida, ele é meu pai, se fosse meu filho eu poderia ensiná-lo que família é nosso bem mais valioso e que também é nosso refúgio”. Depois disso me senti melhor e a pessoa que sempre vinha com essas perguntinhas desagradáveis até passou a me dar sossego.

O que sei de verdade é que nesses 36 anos afastados, o vi poucas vezes, não chegam a dez. Até hoje o senhor não conhece minha filha caçula, o mais velho o viu bebê, nem faz ideia do rapaz lindo e inteligente que se tornou e do quão sua neta também é igualmente linda, inteligente e amável. Sinto informá-lo que o seu prejuízo é incalculável ao nos deixar para trás.

Uma coisa, porém, preciso agradecê-lo imensamente, tê-lo como pai ajudou-me a procurar um parceiro de vida que pudesse ser para meus filhos o

melhor pai do mundo. Às vezes olho pra ele e agradeço muito a Deus e falo para meus filhos: “Seu pai é precioso demais!” Nessa missão preciso ser grata também ao meu tio Dinho, nosso tio materno e pai adotivo que cuidou de nós na falta de nossos pais biológicos. Cláudio é muito parecido com o Dinho, trabalhador, honesto, organizado, gentil, paciente e presente em todos os nossos momentos.

Pai, não posso dizer pra você que em algum lugar dentro de mim não viva aquela menina que deseja muito resgatar essa família que se quebrou. Ela, com certeza, ainda está aqui comigo e talvez mantê-la viva, foi o que me permitiu manter vivos os meus próprios sonhos. Mas também precisei aprender a viver do presente para fortalecer os alicerces dos sonhos e torná-los conquistas reais.

Um episódio na minha história marcou muito a minha vida, e pode explicar melhor minha relação com essa menina, talvez tenha sido o mais importante divisor de água na minha trajetória. Em um determinado tempo fui fazer uma terapia, quando a psicóloga chegou na parte que se referia a você me perguntou o que mais me incomodava na nossa relação... Refleti e respondi que era uma pergunta que sempre que nos encontrávamos eu fazia a você e que você mentia pra mim, e eu queria que você dissesse a verdade. Ela meio sem entender pediu que eu explicasse melhor.

Quando minha mãe morreu, primeiro ficamos morando com nossos avós maternos. Ao lado da casa de minha avó, morava minha tia e na porta das cozinhas não tinha muro, as duas casas eram unidas por ali, e transitávamos pelas duas entre uma brincadeira e outra. Um dia ouvi meus tios conversando e disseram que meu pai era culpado pela morte da minha mãe. Eu e minha irmã ficamos apavoradas e chocadas, mas, naquele tempo, criança não podia entrar em conversa de adulto. Só muito tempo depois fui entender melhor o que eles disseram naquele dia. É que você tinha uma amante, minha mãe descobriu e por esse motivo, sofreu um infarto fulminante 2 meses após o parto do meu irmão caçula, vindo a falecer. Meus tios e tias acreditavam que o fato da minha mãe estar debilitada pelo parto e junto a tristeza e decepção de saber desse seu caso extraconjugal pode ter causado o infarto dela. E qual é a pergunta afinal? Não sei se vai se lembrar, mas algumas vezes eu o perguntei se o senhor estava com a tal senhora antes da morte de minha mãe? O senhor sempre respondeu negativamente, porém eu tenho lembrança dessa mulher sentada no velório da minha mãe, e me lembro porque pouco tempo depois do falecimento, o senhor apareceu com essa senhora na porta da escola dizendo que a contratou para cuidar de nós, foi assim que surgiu o assunto da acusação, pois chegamos em casa e contamos. A partir daí nossos tios ficaram preocupados com medo do senhor sumir conosco com essa mulher e passaram a cuidar ainda mais de nossa segurança. Mais tarde também viemos a descobrir que o senhor tem um filho

com ela, praticamente da idade do meu irmão.

A psicóloga então me disse: “Se você já tem a resposta, porque é tão importante a confirmação do seu pai? Isso irá trazer sua mãe de volta?”. E por isso o divisor. Até aquele dia eu vivi, tentando fazer justiça à morte de minha mãe. Era como se eu devesse a sua honestidade a ela. Com a ajuda da psicóloga eu entendi que isso era um assunto de vocês, e o que o levou a agir assim foram as suas vivências, as suas escolhas nas quais eu não posso interferir, da mesma forma que as consequências também serão colhidas por você. Ali ficou claro que eu também não precisava sentir culpa, por não nutrir nenhum sentimento especial por você, porque, ao longo dos anos, você havia se tornado um estranho. Não sei mais sua comida preferida, o número do seu sapato, da sua camisa, seu esporte preferido, se sente mais frio ou calor... Desejo de coração que você possa estar e ser muito feliz, onde quer que esteja. Da minha parte resta uma pequena tristeza pela forma como nossas vidas se afastaram, mas nenhuma mágoa. Eu não sei explicar quais fatores em sua vida o levaram a agir como age, também não me cabe julgar, mas isso me permite viver a minha vida com minhas condutas e convicções construídas com muito esforço para sobreviver. Uma coisa posso te dizer de coração, eu jamais deixaria um filho para trás.

Bom, que não é fácil perder alguém que amamos, que é doloroso, todos já sabemos e também sei que não fui a primeira e nem a única. Hoje entendo que Deus tem a nossa trajetória nas palmas de sua mão, o que alguns chamam de destino. O tempo de cada um aqui é previsto para se cumprir dentro dos propósitos de cada um, e, às vezes penso que a gratidão pode ser uma grande aliada na longevidade de nossas vidas, seguir agradecendo, com esperança vai abrindo espaço pra mais vida dentro da gente. Pelo menos é o que espero pra minha, muitos e muitos anos com saúde e muitos sonhos pela frente...

Para meus pais que me deram a vida, minha gratidão!

Mãe, meu amor eterno para você, sempre meu coração! Terezinha do Carmo de Melo Teixeira, sou muito “Terezinha”!

Pai, seja feliz! José de Cássia Teixeira, eu desejo de coração que você possa encontrar felicidade e paz.

Antônio Firmiano de Melo, meu eterno Dinho, sei que está ao lado de minha mãe recebendo muito amor por ter zelado pelos filhos dela! Meu amor, minha gratidão e seguimos juntos!

Dedico essa carta para as pessoas que têm ou almejam ter filhos. Lembrem-se que são vidas e que precisam de amor e dedicação incondicionais, mas especialmente precisam saber que não estão sozinhas.

Carinhosamente

Valéria Melo Nascimento

Caçapava, 26 de novembro de 2023.

*Querida vovó,
Maria Cassimira do Nascimento!*

Vó Maria, ainda me recordo dos momentos da minha infância, onde a maioria deles você participou. A senhora estava arrumando seu cabelo branco que nem a neve, se olhando no espelho, dentro do quarto que dividia com a tia Leci, pegando grampo por grampo. Já eu, te admirando fazendo as suas tranças, que podemos apelidar como o seu penteado. Uma mulher com uma vaidade como todas as primas; cozinheira que nem as tias são; observadora e nem sempre queria fotos, igual aos seus netos... Cada um tem um pedacinho seu, sentimos sua presença sem mesmo estar aqui.

Meu pai sempre me diz que, aos natais, a nossa avó amava juntar todos os seus filhos, reunir a família para celebrar esta data tão especial. Posso dizer, que foi a herança mais valiosa deixada por você, algo feito por nós para sempre. Em questão de reunir tanta gente, a casa da dona Maria era quase um hotel, vivia e vive cheia de muitos viajantes: padres, pessoal da igreja... Todos recebidos com muito amor e fartura pela senhora. Aliás, nunca vi tantas pessoas reunidas para agradecer a você quando partiu... Mesmo em uma hora difícil, eu e Maria Ester deixamos que o momento fosse que nem você, alegre, especial e animador, por isso cantamos “galinha pintadinha” “hihihi”.

Quando íamos viajar, eu ficava no meio “deitadinha” em seus ombros. Vovó foi guerreira, aguentou por 7 horas uma coisinha de 5 anos falando sem parar (até hoje sou assim). Sou grata por ter tido você, pela criação da melhor família



do mundo, por ser a melhor mulher do mundo para aqueles que te conheciam ou não, pois não importava, todos eram tratados com muito carinho e recebidos de portas abertas em sua casa. Sempre ouço o quanto você foi dócil, gentil, forte com suas opiniões e me reconheço em todos os adjetivos, não são à toa os comentários de que me pareço com a senhora.

Quando passo por momentos bons ou ruins, sempre me vem à cabeça mais uma memória, eu chegando e correndo para te dar um abraço. Você me retribuiu com um abraço, em frente ao fogão, fazendo bife, que nós amávamos, e, de uma certa forma, me sinto acolhida e abraçada da mesma forma, pois sei que estará comigo para onde eu for.

Saudade, oh saudade!

Saudade da sua voz

Abraços

Uma comida feita por você

Do seu penteado favorito

As roupas mais lindas

Do seu cabelo bem cuidado

E de tudo que fazia

Te amo, te amo e te amarei para sempre. Obrigada pelos seus 84 anos conosco. Deus foi muito bom quando me escolheu para ser sua neta e viver contigo. Esposa, mãe, avó, bisavó, MULHER incrível. Criou suas filhas para serem valentes, independentes e seus filhos para serem batalhadores e respeitosos. Alguns acham que você se foi em 2014, entretanto, sua alma e presença ficarão para sempre marcadas em nossos corações.

São tantas lembranças que poderia passar muito tempo escrevendo sobre elas. Em cada cantinho da casa, todos nós temos uma história para contar... como na sala, a senhora tinha um lugar específico para sentar-se no sofá, sentada na escada do cômodo da tia Maria Olímpia para escolher o feijão. Perto do galinheiro, cuidando e jogando milho para as suas amadas galinhas. Um costume era falar benção para a vovó, e você respondia “Deus abençoe!” Ensinou para seus filhos, que ensinou para os filhos deles, que vão ensinar para a outra geração. Um gesto tão sensível, com significado forte.

Também algo muito precioso era sua forma de demonstrar seu amor fazendo a comida preferida de cada um, o arroz doce, bolinho de chuva, frango com quiabo, o macarrão, “hummm”...

Quando nos reunimos e você vira o assunto, falamos sobre a “avó Maria” ainda como se você estivesse aqui, pois a sua ausência física, independente de quanto tempo for, ainda vai ser dolorosa, mas pensar o quanto está feliz pertinho do vovô, dos seus irmãos que ama, dos nossos

bisavôs, nos faz sentir ainda mais felizes.

Agradeço por tudo,

Com carinho,

Bianca Nascimento, a sua Bibi

Barbacena, 04 de dezembro de 2023

***Amados pais, Eurydes Alves Ferreira
e Maria Aparecida Reis Ferreira.***

Estranho escrever estas linhas destinadas a pessoas que fizeram parte de minha vida e já partiram; porém, acho que é uma forma de expressar meus sentimentos e também minhas saudades.

Pai, a exatamente 20 anos o senhor partiu, foi a primeira perda significativa que tive em minha vida, foram momentos muito difíceis de superar. Primeiro a notícia de sua doença, uma doença que só de ouvir o nome dá arrepio, depois o sofrido tratamento e, por último, a sua partida.

Naquele momento descobri a fortaleza de minha mãe. Mesmo diante do sofrimento de estar perdendo o amor de sua vida, seu companheiro de 46 anos de caminhada, ela, enfrentando a sua dor, ainda teve a fortaleza para nos consolar. Que sorte a sua de ter tido esta pessoa tão especial em sua vida.

Lembro-me que em sua doença ela não arredava os pés do seu lado, a não ser para ir às missas, sempre presente com os seus medicamentos e te dando a atenção que o senhor merecia.

Quando venho trabalhar num escritório com todo o conforto, recordo que o senhor trabalhou tantos anos debaixo de sol, capinando rua em seu trabalho na prefeitura, para nos dar o sustento. Éramos 07 bocas dependendo de um salário mínimo. Parabéns, meu pai, o senhor cumpriu seu dever de provedor da casa com todo mérito.

Todos os domingos, os seus 5 filhos se encontram na casa de minha irmã Eliane, e sempre nos lembramos de vocês e das dificuldades



que passaram para nos criar. Às vezes, faltava alguma coisa material, mas nunca faltou amor e carinho, a prova disso é que nós, seus filhos, continuamos sempre unidos olhando uns pelos outros.

Esta época do ano é sempre de muita recordação. Éramos crianças, juntos naquele fogão de lenha, esperando a minha mãe fazer um arroz de forno com um frango assado para comemorar o natal, sempre com pequenos presentes, porém com grandes gestos concretos.

Tanta dedicação por nós rendeu bons frutos, hoje todos estão bem criados, alguns já exercendo a função de avós, mas as saudades continuam.

Minha mãe, quanta falta a senhora nos faz. Não gosto de me recordar dos seus momentos de sofrimento. Quanta angústia eu senti quando veio o diagnóstico de sua doença, pensei comigo: “Como um raio pode cair duas vezes no mesmo lugar?!”. A senhora presenciou todo o sofrimento de meu pai com a maldita doença do câncer, e, novamente, ele veio para colocar à prova as nossas forças.

Após a morte de meu pai eu resolvi adotá-la. Lembra-se que em uma de nossas conversas eu disse para a senhora que Deus não tinha me dado filhos porque ele sabia que eu teria de cuidar de uma menina grandinha? A senhora riu e disse pra mim: “Você ficou sendo o pai, o marido e o irmão da família toda; Deus irá teabençoar muito por isso!”

Minhas lágrimas escorrem do rosto involuntariamente ao me lembrar destes acontecimentos, da sua força, resignação. Por mais que a gente tentasse esconder da senhora a sua doença, em sua imensa sabedoria sabia de tudo que estava acontecendo sem sequer reclamar de nada. Que exemplo para nós!

Quando a gravidez de minha esposa era interrompida, e isso aconteceu três vezes, era nos seus braços que eu procurava o apoio. Chegava em sua casa aos prantos e a senhora, com o seu silêncio e seu abraço, me afagava e, quase que como um bálsamo, o alívio vinha de imediato. Obrigado por tanto!

No período de sua doença, eu não conseguia trabalhar, sabendo que a senhora estava sofrendo e necessitava de minha atenção; porém, esta minha atitude gerou ciúme entre os meus irmãos, pois quando a senhora entrava em suas crises, e retornava, logo perguntava para eles onde eu estava, eles me ligavam e eu saía correndo ao seu encontro, e eles diziam “até parece que não tem nenhum filho aqui”, mas sabiamente a senhora respondia “quem sabe da minha vida é ele, ele que vai aos médicos comigo”.

Quando a senhora foi para Juiz de Fora para fazer a cirurgia para a retirada do câncer na boca foi um alívio para nós. Achamos que esta cirurgia seria a sua cura e que em breve estaria em nosso convívio, porém, para a nossa surpresa veio a maldita síndrome do coração partido que a deixou quase um mês no CTI.

Quanto foi o meu sofrimento ao vê-la entubada e sem nenhuma ação.

Não vou negar, o desespero tomou conta de mim. Mesmo estando numa sala de CTI, sem poder receber visita, eu resolvi ir para Juiz de Fora. Estando perto do hospital eu sabia que a senhora ia sentir a minha presença por perto.

Foram dias de angústia e dor, as notícias eram desesperadoras, o tempo estava fechado, chovia dia e noite. Olhando para a chuva eu me lembrei de um amigo meu que abençoou meu casamento, o qual era meu confessor e que muitas vezes eu ia procurar auxílio espiritual com ele, e em uma das vezes ele me disse: “Às vezes temos que escrachar com Deus e perguntar a Ele o que Ele quer com esta situação, porquê isso?”.

Pois bem, me lembrei desta história e olhei para o alto e disse: “Senhor, nós trouxemos a minha mãe aqui para a cura e não para a morte, eu não vou levar a minha mãe dentro de um caixão. Vou levar a minha mãe para a casa no meu carro. O Senhor não vai permitir que ela morra aqui. Quero abraçar minha mãe mais vezes, quero sentir o beijo dela em meu rosto de novo, quero dizer muitas vezes ainda que eu a amo. Não concordo com isto que está acontecendo, o Senhor vai me dar mais este tempo com ela”.

Chuva caindo, coração em frangalhos, consegui dormir segurando o seu terço que tinha o seu cheiro impregnado nele, somente assim consegui dormir.

Minha esposa estava do meu lado como sempre, me apoiando, me dando forças. Bendita sorte a minha de ter encontrado uma companheira presente na minha vida em todos os momentos.

No outro dia, eu, Edmar e Cidinha (meus irmãos) fomos visitá-la no CTI, mesmo abalados com o seu quadro, colocamos as nossas mãos em cima da sua e rezamos uma Salve Rainha, qual foi a nossa surpresa que no final da oração a senhora abriu os olhos, e neste momento eu percebi que Deus ouviu as minhas preces.

Sua doença serviu para nos unir mais, pois, com a sua ida para o quarto do hospital nos revezamos para acompanhá-la. Como eu havia prometido no CTI, a senhora não iria mais ficar sozinha.

Foi um momento tão especial quando retornou para casa, lhe ofereci flores e me lembro de sua alegria em recebê-las, parecia uma criança ganhando um brinquedo novo. Mas, havia ainda o tratamento da radioterapia que deveria ser iniciado, mas com este acontecimento inesperado tivemos que adiar.

Entre a sua saída do hospital e a sua partida foram 04 meses. Neste tempo eu te abracei muito e te dei muitos beijos e sempre era retribuído com muito amor. Obrigado meu Deus por ter me ouvido¹

A gente sabia que algo não ia bem, mas a nossa fé sempre nos fazia acreditar que algo bom iria acontecer. Suas dores me fizeram ver que algo não ia bem, e te ver naquela situação foi a pior angústia da minha vida. Não queria

vê-la naquela situação! Resolvi levá-la para o hospital para que pelo menos não sentisse mais dores, e consegui. Medicada e hospitalizada ficou mais serena e aquilo acalmou meu coração.

Quantas vezes eu te dizia “Lindona, te amo” e sua resposta sempre era “Eu também te amo muito”, mas, eu percebi que o fim estava chegando quando te disse “Mãe, eu te amo” e, olhando nos meus olhos após um breve silêncio me respondeu: “Eu também vou te amar pra sempre”.

No dia 11 de maio de 2016, seu aniversário de 79 anos eu passei a noite com a senhora no hospital e, às 5 horas da manhã, as enfermeiras vieram trocar os seus medicamentos. Eu disse a elas que era seu aniversário, elas te parabenizaram e após a saída delas do quarto eu abri o meu coração, se lembra do que eu te disse? “A senhora é a melhor mãe do mundo, agradeço a Deus por isso, se houvesse reencarnação e Deus me deixasse escolher uma mãe seria a senhora, de tão boa mãe a senhora é pra mim, te amo muito”. Ouvindo tudo no seu silêncio apenas respondeu: “Amém, meu filho”. Não ouvi mais a sua voz, após isso veio o coma e dia 14 de maio a senhora partiu.

Pai, mãe, não preciso dizer a vocês a falta que vocês me fazem, tampouco do amor que sentimos por vocês. Os exemplos que nos deixaram irão perdurar pelos restos de nossas vidas. Se tem uma palavra que me define agora com relação a vocês é amor e gratidão.

Sei que a misericórdia divina é grande e que vocês estão colhendo nos céus as glórias celestes, e merecidas. Rezo a Deus todos os dias pelo descanso eterno de vocês. Meu sonho é um dia, após a minha morte poder encontrá-los novamente e nos abraçarmos com o amor que atravessa a eternidade.

Meu amor por vocês é infinito, Eurydes Alves Ferreira e Maria Aparecida Reis Ferreira. Obrigado por terem sido os melhores pai e mãe do mundo. Eu também amarei vocês pra sempre.

Saudades eternas.

De seu filho que os ama muito.

José Antônio Reis Ferreira

Carandaí, 24 de novembro de 2023

*Querida mãe, Benedita Augusta do
Nascimento Damasceno*

De onde estiver eu peço a sua bênção!

Quero dizer para senhora que, passe o tempo que passar, continuarei lembrando sempre tudo que me ensinou sobre a vida na terra. Lembro das lições de vida que me ensinou, mostrando a presença de Deus em nossa vida e o quanto Ele é presença viva na história de todos os seres vivos e mais ainda seu grande amor incomensurável dispensado a toda a criatura humana.

Seu jeito, às vezes, duro de nos ensinar as diferenças existentes na sociedade, a desigualdade de classes sociais, suas lições que passava em “sermões” que, certamente, nos chateavam. No fundo, a senhora só queria nos transformar em grandes seres humanos capazes de respeitar a todos sem distinção de cor, classe social, grau de estudo, entre outros. Hoje estou aqui trilhando o caminho que nos apontou com suas falas e exemplos no dia a dia, em especial quando nos pedia: “Não deixe que ninguém saia da porta de nossa casa sem receber nada”. Hoje mãezinha, estou na igreja dando continuidade ao serviço que a senhora realizava no Campestre como coordenadora da comunidade.

Lembro-me do jeito carinhoso e, muitas vezes, rígido com os filhos dos outros, ensinando-lhes a ser pessoas respeitadas na sociedade. Recordo-me também quando os alunos chegavam para aula e a senhora percebia aquele olhar diferente e descobria que seus rostos estavam tristes porque estavam com o estômago vazio, pois não tinham nada para tomar ou comer no café da manhã. Crianças cujos pais e mães recebiam um salário irrisório. Então, com carinho a senhora os



levava para a cozinha de nossa casa, sentava-os na mesa e servia-lhes café com pão ou broa.

Mãe são tantas coisas para relatar sobre a senhora, mas não caberia nesta singela carta. Todos os dias relembro suas lições de vida quer seja em casa, nas celebrações na igreja, quando estava nas salas de aula ou em encontros da igreja.

Sempre me recordo com saudades da senhora e fico pensando se não nos tivesse orientado de forma um pouco severa, talvez estivéssemos andando pelas ruas de nossa cidade sem rumo e sem ser o que agora somos.

Por isso, todos os dias agradeço ao nosso Bom Deus pela mãe que tivemos e que nos ensinou que o caminho da justiça passa pela caridade e a oração.

Quero dizer-lhe que existe muito da senhora encarnado em meu ser! Afinal, sou eu Benedito, filho de Benedita e Benedito... E posso recordar da origem latina do nome, sou um bendito, um abençoado. Graças a Deus!

Por tudo isso e muito mais, meu muito obrigado!

Seu filho,

Benedito Damasceno Filho

Carandaí, 24 de novembro de 2023

Querido pai, Benedito Damasceno

Estou aqui escrevendo-lhe, meu pai, e relembro das horas em que chegavas do trabalho na fazenda do Vicente Patrício às 23h00m e eu me levantava para abrir a porta da cozinha, colocava água quente na bacia, lavava os seus pés e os enxugava com a toalha; depois, o senhor tomava café. Enquanto isso eu comia um pedaço do queijo que o senhor trazia da venda do José Candinho. Era quase meia-noite, tomava a sua bênção e ia deitar. Encerrava-se um dia e pouco nos restava para descansar até o nascer do sol e sua rotina.

Lembro-me também das vezes que o senhor levava eu e o Toninho para a roça para ajudá-lo a capinar. O senhor se aborrecia conosco, pois não sabíamos capinar o mato, então mandava a gente assentar pra tomar o café que levávamos nos litros de vidro e comíamos a merenda que levávamos.

Lembro-me também que tivemos pouco tempo de convivência como filho e pai. Hoje entendo o motivo desta distância que havia entre nós e não tenho mais aquela ressalva a seu respeito, pois tenho a certeza de que foste importante na nossa vida de filhos porque não tiveste a chance de cursar um estudo, pois era analfabeto.

E aqui estou me lembrando de quando o senhor me chamou e pediu-me para ensiná-lo a escrever seu nome para que pudesse votar pela primeira vez. Com carinho, eu escrevia seu nome e o senhor, com as mãos calejadas, lentamente copiava, quase como se fosse um desenho. Quando chegou a eleição para prefeito então o senhor entrou na cabine votou. Ao chegar em casa, entrou sorridente e me disse: “Filho, votei!”. E eu nem sonhava ou pensava que um dia estaria



numa sala de aula lecionando. Seu pedido, sem saber, estava me apontando caminho para ser um educador.

Guardo também seu jeito de dizer pequenos ditos populares que guardo em meu coração e mente! Aquelas palavras que permanecem ecoando no meu interior. Aproveito aqui para agradecer-lhe pelo pouco que nos falou, mas que reforçou o que a mãe nos aconselhou.

Espero que estejas bem onde estiver!

Seu filho,

Benedito

Carandaí, 06 de dezembro de 2023

Inesquecível Monsenhor
José dos Reis Alvim

Assentei-me aqui nesta hora para escrever uma carta ao senhor e me é impossível começá-la sem dizer quanta falta nos faz nesta grande Paróquia de Sant’Ana!

Às vezes, enquanto o senhor estava vivo, talvez não tivemos tempo ou coragem para lhe dizer como eras importante para todos nós que estávamos ao seu lado procurando executar seus pedidos nas grandes coisas que fazíamos aqui, mas também o quanto aprendemos com seus ensinamentos. Para mim, não fostes somente o padre ou pastor deste pequeno rebanho protegido por nossa excelsa Sant’Ana, mas eras um “Guru”, aquele senhor de muita experiência que nos congregava e nos ensinava o caminho a seguir.

Lembro-me aqui dos momentos que nos convidava para ajudar no Jubileu de Sant’Ana e nos dizia que era para prestarmos muita atenção para aprendermos como organizar um jubileu. Recordo-me também quando realizávamos os encontros de jovens no Ginásio e as exigências que o senhor fazia em relação à organização e sobre o que podíamos ou não falar nas palestras. Assim, fomos aprendendo muito mais do que coisas práticas, aprendemos, no fundo, a como fazer a vontade de Deus.

Sabe de uma coisa, hoje não conseguimos mais realizar grandes encontros, pois vivemos tempos diferentes e difíceis financeiramente, pessoas que não têm tempo para aguentar as coisas como nós aguentávamos. Mas vamos levando de acordo com o que podemos fazer.

Recordo aqui os casos super engraçados



que tiravas não sei de onde, mas que nos faziam rir sem parar. Momentos hilários e, que nos mostravam que a vida é feita de alegrias em vez de tristezas. Estar na sua presença era experimentar ser contagiado por uma vivacidade incomum. Cada “tirada” que o senhor tinha! Cada comentário divertido! O senhor, apesar da aparente seriedade, era um grande brincalhão e o fazia sempre com muito respeito, jamais ofendendo. O senhor era sempre um homem do respeito. Por falar nisso, lembrei-me da viagem a São João Del’ Rei para visitar o túmulo de Tancredo Neves e a visita com o grupo JUC (Juventude Unida de Carandaí) em Ouro Preto. Naquele passeio, quando visitamos uma das igrejas barrocas, o senhor nos pediu para entrar em silêncio na sala da parte de cima, pois estava acontecendo uma reunião muito importante. Obedientes fomos subindo devagarinho e, qual não foi nossa surpresa quando nos deparamos com as imagens que compunham a Santa Ceia. Como rimos...

E as antigas Festas da Padroeira em que trazias shows como o Éder Jofre grande lutador brasileiro, os aviões sobrevoando a cidade e jogando flores sobre a procissão no dia de Santana, padres diferentes para cada dia da novena, concelebração final com vários padres e a presença de Dom Oscar de Oliveira. A festa era programada com antecedência e cada detalhe pensado com muito carinho. Recordo-me do hasteamento das bandeiras dos Estados brasileiros que a paróquia ganhou das primeiras Damas. A banda de música fazia a alvorada e, de fato, era um dia inigualável. A oferta de rosas a Santana continua até hoje. Posso afirmar com segurança que foi invenção do senhor. E quando o Santo João Paulo II veio ao Brasil, o senhor solicitou às organizadoras da oferta que acrescentassem o refrão “A bênção, João de Deus” e era como se nossa Carandaí estivesse sendo visitada pelo olhar carinhoso do Papa que sobressaía no altar em um grande porta retratos. Impossível não se recordar das barracas que iam do Hotel Brasil até a travessia da linha férrea. O senhor, que sempre soube valorizar cada talento, dava a volta nas barracas cumprimentando todos os barraqueiros e o povo que comprava coisas para comerem e beberem. De tudo isso e muito mais, só saudades e muitas saudades!

Amigo e pai, recordo-me da vossa pessoa com um nó na garganta e lágrimas nos olhos. Que carinho e confiança tinhas na minha pessoa a ponto de pedir-me os mais diversos serviços, como buscar sua batina de Monsenhor em Mariana, as hóstias e partículas no Mosteiro em Barbacena. O senhor sempre acreditou no potencial de cada pessoa! E seu envolvimento com nossa cidade não se restringia ao aspecto religioso. E, no dia de Tiradentes, ou quando passava em nossa cidade o Fogo Simbólico, na Praça Barão de Santa Cecília, eras o orador oficial e uma frase fazia-se constante: “os barões assinalados de Camões”! Ah, recordo-me de algo que foi um aprendizado. Depois que o senhor recebeu o

título de Monsenhor, no Desfile estudantil do Dia do Município, no palanque, o Comandante do 9º Batalhão de Polícia de Barbacena fez continência para o senhor. Ficamos admirados e curiosos. Aí o senhor me explicou que o título de Monsenhor equivalia ao de Comandante... Coisas que só quem teve a graça de conviver com o senhor será capaz de entender!

Lembrei aqui também das homilias escritas nos pequenos papéis. Como o senhor era muito organizado, aquelas fichinhas dos sermões eram guardadas e a cada triênio litúrgico reutilizadas com a devida atualização. Seu gosto pelas músicas nas missas foi sempre um incentivo aos nossos corais. E com alegria cantávamos “seu eu fosse um rouxinol”, “Rosa de Saron”, “Coração Santo”, “raio de sol...”. Sobre as celebrações, não posso deixar de comentar a recordação dos avisos, a leitura dos proclamas e programas e, é claro, as listas de São Sebastião. Naquelas listas o senhor agradecia todos os festeiros e doadores de prendas. Confesso que não entendia o porquê de ler todos aqueles nomes, mas uma coisa acontecia: não se esquecia de ninguém e era uma forma carinhosa de agradecer a todos que doaram.

No seu sepultamento toda a cidade chorava. Naquela ocasião, o diácono Carlos Roberto dos Reis nos representou fazendo uma homenagem e, apesar das lágrimas, foi muito emocionante ouvir o pedido dele para que pudéssemos fazer o mesmo gesto que o senhor fazia para com todos os visitantes ou em quase toda celebração: uma salva de palmas. Sim, o senhor foi ali aplaudido e nossas palmas também sobem aos céus como louvor por sua bela vida e ministério.

Com carinho e profunda manifestação de reverência para com o senhor que foi em nossas vidas um homem de fé, um exemplo de cristão, um testemunho de amor aos pobres, um cidadão comprometido com o bem.

Benedito Damasceno Filho

Carandaí, 07 de dezembro de 2023

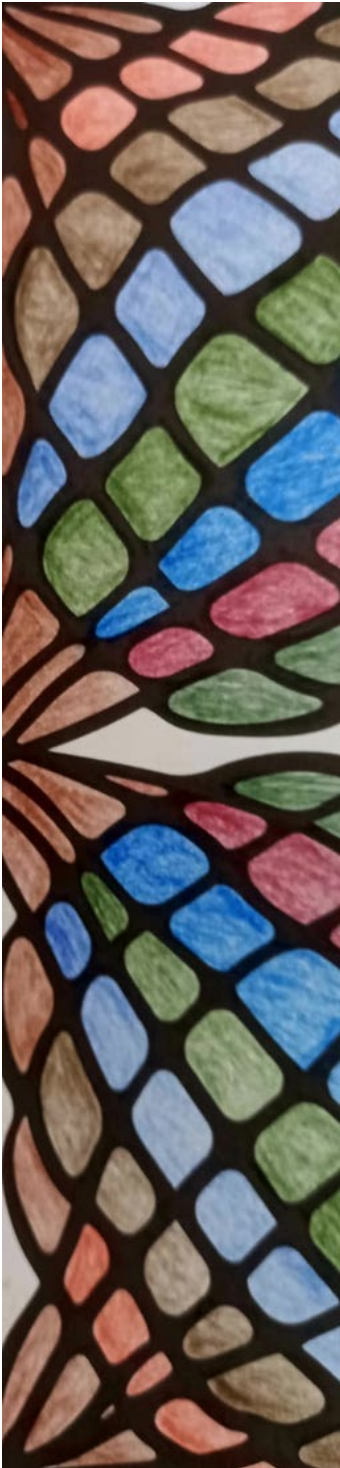
Inestimável Monsenhor Hermenegildo

Recentemente recebi um convite para escrever cartas para pessoas especiais e me lembrei do senhor! Monsenhor, como o senhor foi especial em minha vida: nos cursos de catequese; de professor de Ensino Religioso; nas Jornadas de Shalom na cidade de Congonhas do Campo; nos sermões de semana santa ou na festa de Santana. Quantos ensinamentos e aprendizados eram passados para nós que abraçamos a missão de Jesus e, a cada encontro íamos adquirindo mais e mais aprendizado. Saber que estaríamos em contato com o senhor era motivo de verdadeira alegria.

Não tem como esquecer os momentos das Jornadas de Shalom e seu carisma para falar à juventude. Sempre demonstrava um enorme carinho para com os jovens e praticava para com eles o amor ao Sagrado Coração de Jesus onde era o Pároco em Conselheiro Lafaiete. As entregas na sexta-feira dos jovens ao Sagrado Coração de Jesus e, ao sábado, ao Sagrado Coração de Maria, quanta emoção e lágrimas produziam nos jovens a ponto de provocar um choro de sincera conversão.

E ainda tinha a Hora do Ângelus na Rádio Carijós. Suas palavras ecoavam fazendo com que a mensagem de Jesus ultrapassasse fronteiras. E como suas palavras eram aguardadas por nós!

Ainda sobre as Jornadas, suas passadas rapidinhas no refeitório e a atenção dispensada a todos que trabalhavam na cozinha levantavam o ânimo nos momentos de cansaço. Mas não sai da minha mente aqueles três momentos relativos à jornada. Certa vez o gás havia acabado lá pelas



10h00m e a aflição tomou conta do pessoal que tinha de entregar o almoço pronto às 11h00m e, de repente o senhor desceu no refeitório como de costume e sentiu todos apavorados. Com palavras de certeza absoluta, como era sempre do seu jeito, pediu calma a todos e perguntou o que estava acontecendo ali. A coordenadora da cozinha respondeu que o gás havia acabado e aí o senhor disse: “Vocês não têm fé no Espírito Santo!” E se dirigiu à parte de fora e apenas sacudiu o botijão. Ligaram novamente as trempes e o fogo se acendeu! Naquele dia o espanto e temor tomou conta de todos nós e ninguém mais conversou nada na cozinha. Cada um foi para seu canto fazer o que lhe era devido e rezar. Alguém pode dizer que foi algum entupimento ou qualquer outra explicação, eu prefiro acreditar que o senhor agiu na força de Deus.

O segundo fato se deu num sábado reservado às confissões para 60 jovens que participavam da Jornada e não tinha nem mais um padre para lhe auxiliar. Todos sabíamos como aquele momento no sábado era a culminância de um processo de conversão. Alguém perguntou ao senhor como faria para atender a todos e com muita calma respondeu que o Espírito Santo resolveria. Quando deu 10h00m da manhã a campainha da porta tocou, fui atender e ao abrir a porta deparei-me com um homem de baixa estatura e moreno que se apresentou como padre. Disse que estava ali porque estava passando no asfalto de volta para BH e ficou sabendo que estava acontecendo um encontro para jovens e resolveu ajudar nas confissões. Perguntou-me se o Monsenhor Hermenegildo estava. Subi as escadas e a Leci estava na porta da sala de palestras em pé. Fiz um sinal discreto e ela veio me atender no corredor. relatei que tinha um padre procurando o Monsenhor Hermenegildo e ela pediu que mandasse ele subir. Então ele subiu e ajudou a atender as confissões e depois desceu tomou um café e nos disse que era de uma Paróquia de Belo Horizonte a qual não guardei o nome, levantou-se e foi embora. Passados os dias da Jornada o senhor relatou ao pessoal de Lafaiete que chegando em casa ligou para a Cúria em BH passando o nome do padre e da Paróquia e que a Cúria disse não conhecer tal padre, mas que a Paróquia existia, mas era outro o pároco atuante. Alguém pode argumentar que fomos vítimas de um falso padre, prefiro continuar acreditando na providência divina que assegurou que todos pudessem vivenciar o sacramento da Penitência. Em relação a esse momento na jornada sou testemunha do quanto, ao final da confissão, era impossível conter as lágrimas quando o senhor após dar a absolvição se levantava e dizia: “Agora eu vou te dar um abraço, mas saiba que não é o Monsenhor quem está te abraçando, é o Cristo que perdoou todos os seus pecados!”.

O terceiro fato se deu numa escolinha do Shalom que realizávamos nos dias de carnaval. Eram sempre momentos extraordinários de formação em que os shalonitas também se preparavam para atuar nas próximas jornadas.

Ali vivenciávamos práticas de liderança, de falar em público, de coordenar. O senhor ficava lá no fundo junto com a equipe dirigente da escola. Um dos nossos companheiros, movido por uma grande emoção, enquanto fazia uma pequena preleção disse: “Deus é uma explosão maravilhosa em nossa vida!” O senhor se levantou e falou com voz séria: “Deus não é bomba para ser explosão. Merece ser tratado com o devido respeito!” Todos ficamos assustados, mas era seu jeito de pai que não permitiria jamais que sua amada juventude proferisse algo que desse aos opositores do catolicismo alguma margem de questionamento. O senhor foi em nossas vidas um homem que, desde sua moral e compromisso com o Evangelho, desejava que todos vivessem em plenitude os ensinamentos de Cristo e os traduzissem na vida com uma fidelidade ímpar. Era em momentos como esse que aprendíamos que falar de Deus não era uma simples arte da oratória, mas o resultado de muito estudo e dedicação ao conhecimento da Teologia cristã. E muitos foram os leigos e leigas que, a partir do contato com o senhor, se dedicaram a ler documentos da Igreja, debruçaram-se mais detidamente sobre a Bíblia, fizeram da oração ocasião de formação de uma espiritualidade encarnada.

Presenciamos outros fatos como estes que marcaram a nossa vida e que aqui não daria para os relatar. Amigo, nunca duvidei de que o Espírito Santo agia em sua vida! Contando os dois primeiros relatos ao saudoso Monsenhor Alvim, ele também seu grande amigo, ouvimos outro fato ocorrido com o senhor quando fora pároco numa outra cidade da Arquidiocese. Dizia o Monsenhor Alvim que algumas pessoas na referida paróquia não simpatizavam com o senhor e que um dia quando foi celebrar em uma comunidade, o seu motorista na volta relatou que havia um carro os seguindo e que eram as tais pessoas. A certa altura não os viam mais, então pediu ao motorista que voltasse para ver se havia acontecido algo e chegando a uma ribanceira parou e viu o carro lá embaixo todo espedaçado e que não havia escapado ninguém. Monsenhor, sei que jamais seria desejo do senhor tal fim a pessoas que mereciam viver; porém, entendo que ao nos relatar isso o Monsenhor Alvim, como um João Batista apontava-nos como via em sua pessoa um ministro sagrado a quem todo respeito era devido. Tenho muitos outros casos verídicos a seu respeito que comprovam a relação de amor e intimidade que o senhor tinha com o Espírito Santo de Deus.

Deixo aqui um até breve, e interceda por nós a Jesus Cristo!

Sua bênção!

Benedito Damasceno Filho

Carandaí, 11 de dezembro de 2023

Amigo mui querido José Raimundo,

Olá, Zé! Como vai? Tudo Bem com você? Espero que esteja tudo bem com você! Aqui tudo bem graças a Deus! Quem encontra um amigo encontra um tesouro.

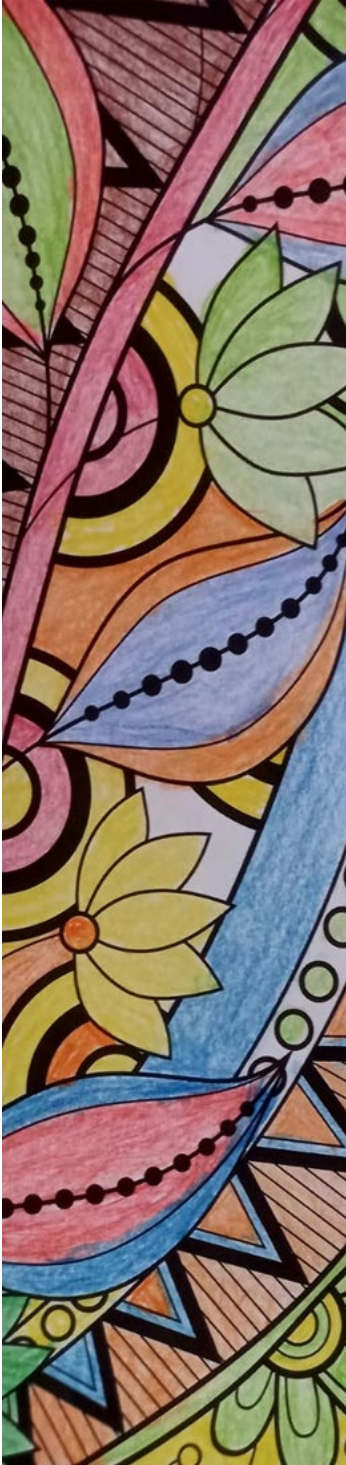
José estou aqui rascunhando esta simples carta para expressar o quanto te quero bem e, como você é importante em minha vida!

Ao assentar aqui para escrever-te, lembrei-me de tantos momentos maravilhosos que passamos juntos aqui em Carandaí e em outros lugares. Recordo-me com gratidão, principalmente, quando me abri para você e relatei minhas fraquezas humanas e, você me acolheu sem fazer questionamentos e dali para a frente nos tornamos mais que amigos, éramos irmãos que vivenciavam uma sinceridade enorme, transparência no cotidiano, apoio nos diversos momentos.

Estou lembrando do seu tempo como sacristão do nosso saudoso Monsenhor Alvim, as viagens que fazíamos com a juventude, as idas para sua casa passar o dia com você e sua querida mãe. Foram tantas vezes em que me sentia muito feliz por estar com você e ouvir músicas, contar casos engraçados e dar muitas risadas das situações que lembrávamos e das pessoas que nos faziam rir.

Ríamos a ponto de chorarmos. Posso confessar sem medo que éramos e ainda somos muito debochados! Pena que não podemos voltar atrás! E quantas vezes também choramos ao nos depararmos com os sofrimentos de tantos ou nos maravilhosos encontros da juventude de Carandaí.

Sabe de que me lembrei? Das peças do presépio que você comprou, emprestando-nos o



dinheiro necessário, pois as outras eram bem antigas e não tinham mais jeito de restaurar. Aliás, foi desde o tempo de sacristão que você, incentivado por Dona Tita Garcia também nos ajudava a montar o presépio. Tradição que continua lindamente em nossa paróquia. Recordei-me também do dia que fui levar você para o Pré-juvenato São Geraldo em Barbacena onde iniciou a sua experiência na vida vocacional. Ao voltar para casa triste e pensativo, sentia que tinha perdido uma pessoa especial em minha convivência e pensava: “Com quem vou poder conversar até altas horas na esquina da Prefeitura?” Ali, no meio da rua nós falávamos sobre todos os assuntos. E Carandaí, apesar de pequenina, é uma cidade que rende conversa. Eu narrava coisas da faculdade, você comentava sobre seus desejos vocacionais. Ambos falávamos sobre o quanto a vida nos é exigente em todos os sentidos. Mas tive que ser forte e me confortava quando nas férias você vinha a Carandaí e sempre nos visitava. Depois sua ida para BH estudar no ISTA – Instituto Santo Tomás de Aquino. Gostava muito de encontrar-me com você e ouvir seus casos e proezas mais engraçados, como por exemplo aquele que me contou de sair à rua com uma paroquiana que trabalhava com você na alfabetização de jovens e adultos e no meio da agitada BH você começou a fingir que não a conhecia e dizia para os transeuntes: “Essa mulher está me seguindo!!!” Sempre achei que algum parafuso seu havia saído do lugar, mas olhando de perto todo mundo tem algum defeito. E ficaria aqui recordando casos e mais casos. Lembra da carta que você me enviou com um pedaço de osso de galinha?! Ah, Zé, você não é brincadeira! E olha que o assunto era sério!

Guardo todos os casos em minha memória! Guardo também no coração o carinho que você tem para comigo, o respeito com que sempre me tratou e a saudade que sinto de você! Hum, lembrei-me também de quando inscrevi você e outros jovens da cidade na Milícia da Imaculada. Sua alegria foi enorme ao receber a revista Cavaleiro da Imaculada e ali tínhamos mais assuntos para nossas conversas, aquelas sérias sobre religião, sobre doutrina da Igreja, sobre a fé. Era a fé que também nos movia a sempre desejar um mundo melhor e nos fazia engajados no movimento católico da juventude de Carandaí. Lembra-se das missas da juventude? A Matriz lotada de jovens, vários violões, aquele coral que era a junção dos diversos grupos de jovens, o ofertório com alimentos para a sopa coordenada pela D. Buluca. “Eu venho do Sul e do Norte, do Leste e do Oeste, de todo o lugar...”

Quero que você guarde em seu coração que te quero muito bem e que será para sempre uma pessoa especial em minha vida! Nós sempre nos auxiliamos nas diversas tarefas que nos eram pedidas na Igreja como coordenações de encontros ou caminhadas da juventude, momentos de formação, palestras. E, agora, mesmo com você longe, noutra estado de vida, quero aproveitar para

agradecer as incontáveis ajudas que vem me dando quando te peço socorro em busca de ideias para montar as liturgias das idas da comunidade Matriz em outras comunidades da Paróquia.

Amigo, queria te falar muito mais coisas, mas o silêncio há de falar por mim! Que nada! O nosso riso, que desabrochava, às vezes, só de nos olharmos diante de uma situação, é que falará! Lembra-se de quando fomos organizar aquela caminhada em Pedra do Sino e você caiu do cavalo? E o dia em que nos deram água da bica que tinha mais cisco no caneco que até a sede ia embora...

Obrigado por ser quem você é na vida deste humilde ser que te quer muito bem!

Abraços e até breve!

Com carinho,

Benedito Damasceno Filho

Contagem, 19 de dezembro de 2023.

***Querida e amada mãe,
Marilza Alves dos Santos,***

Tudo bem? Quantos anos não vejo a senhora! Como tem passado? Essa pergunta, aparentemente estranha, demonstra o quanto acredito que a senhora esteja viva e nos acompanhando.

Olhe, estou escrevendo para dar uma(s) boa(s) notícia(s): penso que me tornei o ser humano que a senhora sempre queria que eu fosse; continuo a caminhada na Igreja; mantenho as obras caritativas, que eram um desejo seu, e, permaneço firme com o prazer da leitura. É impressionante como você tinha razão em tudo que ensinava.

Sobre a comunidade, você sabe que pouca coisa mudou. É aquela vida de periferia com seus risos e lágrimas, mas nossa rua continua sempre muito coesa. Em 2020 tivemos uma pandemia e, certamente, deixei-me guiar por aquilo que você também faria. Em meio a toda a questão de isolamento, com tantas famílias de nosso bairro passando fome, eu consegui organizar várias campanhas de cestas básicas e, além disso, fui presença na vida de muitas famílias.

Foi uma experiência única, extraordinária e pude sentir que estava realizando algo que muitos necessitavam naquele momento que era saberem-se queridos, ouvidos, atendidos numa necessidade básica: saberem-se vivos. Chegava cumprindo todos os protocolos, mesmo de longe, orava com eles e manifestava que estávamos unidos. Jamais desamparados!

Lembro-me da primeira vez que você me deu um livro, Dom Quixote, e me obrigou a lê-lo. Tentei enganar você, mas depois daquela

sabatina que fez comigo percebi logo que não haveria escapatória. Estava eu destinado a acompanhar a Triste Figura em seu encalço junto a moinhos de vento, defendendo donzelas.

Recordo-me do dia em que você, pela primeira vez, pegou uma reportagem do jornal “Diário da Tarde”, mandou-me ler e, logo depois, obrigou-me a explicar, com minhas palavras, o que o texto representava. Só posso dizer: Como foi bom aprender com você, mãe!

Depois vieram mais livros, mais reportagens, mais músicas, mais poesias... E você como minha mestra! Com o passar do tempo, você era professora de inúmeras crianças. Quantos foram os que se sentaram na mesinha da varanda e passaram pelos apuros de ter reforço com você? Um misto de carinho e severidade, mas tudo marcado por muitas caras de deboche e risos. Essa era você!

Tenho muitas saudades das nossas conversas: a senhora, Alexandre, Flávia e eu. Quantos assuntos a senhora dominava e, ao mesmo tempo, quanta irreverência nas sacanagens que nos falava. Sabe o que sempre era mais engraçado? A sua cara séria falando coisas sacanas. A gente começava ouvir e só depois de um tempo entendíamos que você estava na maior patifaria. Tem uma dessas situações, que você contava também para várias pessoas, que era a minha preferida. É aquela da mulher que tinha vários filhos e cada um tinha o nome de uma planta. Você narrava de uma forma extraordinária. Os ouvintes iam te acompanhando e, ao final, você perguntava: “Qual era o nome daquela mulher? Imagino o seu sorriso agora ao nos recordarmos disso.

Você era uma mulher muito além do seu tempo, desbocada, livre, extremamente responsável e, acima de tudo, humana. Que saudade eu tenho da senhora! E olhe, precisava ter ficado por aqui mais um pouquinho para conhecer uma peça nova e rara da família. Acho que te puxou!

Forte abraço!

Marcelo Rodrigues dos Santos

P.S.: Mãe, aposto que tem gente que até hoje não sabe o que “P.S.”... Então, antes que me esqueça, o Zenga que me pediu para escrever essa carta no computador e com uma formatação pré-definida para facilitar a inclusão da mesma no livro. Para você perceber que continuo o mesmo, imprestável de sempre, fiz o contrário do que ele pediu. Escrevi a lápis, numa folha de papel, para dificultar a vida dele!

Barbacena, 20 de dezembro de 2023.

Querida Vaninha,

É com muito carinho que aceitamos o desafio e a benção de lhe escrever esta carta. Um desafio pela dificuldade de encontrarmos palavras que consigam transmitir os sentimentos que nutrimos por você, mas ainda assim uma benção porque entendemos que essa é mais uma oportunidade que Deus nos deu de agradecermos pelo dom da sua vida.

Vaninha, quantas lembranças especiais construímos ao seu lado! Sempre nos recordaremos de todas as experiências que compartilhamos com você, desde a nossa juventude. Éramos jovens obstinados a mudar o mundo.

Nossa caminhada na Igreja nos oportunizou viver uma irmandade. Compartilhamos alegrias, tristezas, conquistas e derrotas. Vivenciamos momentos bons, ruins e experiências que nos geraram aprendizados e claro, muitas risadas.

Construímos história. Iniciamos nos retiros no carnaval com 14 jovens que se propunham a ser agentes de mudança no mundo. Depois de 14 anos, já éramos 300 jovens envolvidos em um mesmo propósito.

Acreditávamos fielmente na importância das nossas ações enquanto juventude da igreja. Entendíamos, desde cedo, como poderíamos ser agentes de mudança no mundo se nos pautássemos em uma palavra que costumava nos mover: união. E foi essa união que fez com que criássemos laços tão fortes.

Vaninha, sua amizade significa muito para nós. Sua importância nas nossas vidas sempre foi tão grande que não foi por acaso que lhe escolhemos para uma grande missão: tornar-se madrinha da nossa filha. Escolhemos você porque



sempre confiamos na sua lealdade, na sua cumplicidade e, claro, na sua fé.

Agradecemos por todos os momentos que compartilhamos juntos. Ainda que estejamos um pouco distantes pela vida que passa tão rápido sob os nossos olhos, saiba que sua lembrança é constante no nosso caminhar. Comumente nos deparamos com situações em que estamos contando alguma história que nos lembra de você e, em cada uma dessas oportunidades, o sorriso se abre de forma espontânea no rosto e o coração se eleva em oração.

Vaninha, consideramos que ter você em nossas vidas é um privilégio. Agradecemos eternamente por tudo que já compartilhamos com você até aqui. Esperamos conseguir retribuir todo o carinho conosco. Nutriremos sempre esse laço abençoado por Deus, que nenhuma distância é capaz de destruir.

Que Deus abençoe sua vida abundantemente. Você é luz nos nossos caminhos!

Com carinho,

*Angelo Moraes Neto (Juruna),
Maria Aparecida Dias Moraes (Cidinha) e
Ana Beatriz Dias Moraes*

Barbacena, novembro de 2023

Para mim

Ei você...
Não sabes
a sua especialidade?
Mas vá buscar a felicidade.
Não és artista?
Nem artesã?
Mas faça o melhor.
Sorria pela manhã.

Não és médica.
Não és dentista.
Mas seu riso é largo.
É gratuito e conquista.

Tu não és de ferro.
Não és de aço.
Mas o seu riso é nobre.
Como o beijo e o abraço.

Tu és escandalosa, ansiosa e generosa
E tens alguns defeitos!
Mas quem é perfeita?
Siga sorrindo.
Pois no final tudo se ajeita.

Tu és uma grande locutora, corretora, oradora.
Na verdade és uma boa animadora.
Treinas para ser atleta e brincas de ser poeta.
Em todas as versões o sorriso te completa.

Vamos falar em amizade?
Tu és tão íntima de Jesus.
Sorriso puro, contido.
Olhar sincero, conduz.
Ele dá ânimo, alegria, força.
E sua companhia te seduz.

E se a tristeza dribla?



Batendo em sua porta?
Saia correndo,
Não atenda...nem morta.

Ah, é brincadeira...
Podes atender sim.
Afinal a solidão faz parte.
E sinceramente?
Tu podes enviá-la a Marte.

Vá crescendo e escrevendo
Decida-se por ser feliz
Romantize cada poema
E conviva com pessoas gentis.

Sheila Machado

Barbacena, novembro de 2023.

Para CRIS

Ela é de fevereiro,
Nasceu no mês do carnaval,
Ela é verão o ano inteiro,
Uma energia sem igual,
Olhar discreto e verdadeiro,
Estilo simples e casual.

A juventude foi intensa
No Colégio Militar,
O uniforme alinhado
Tênis bamba ou All Star.
Na fanfarra e olimpíadas,
Carimbou o seu lugar.

Na quadra levanta poeira,
Faça chuva ou faça sol,
O esporte tá na veia.
E a paixão é o volleyball,
O ataque tem direção certa,
Ela é movimento, ela é girassol.

Criativa e estudiosa,
De um talento super nato,
Sensível, artista, caprichosa
Na pintura, no artesanato,
Na produção é minuciosa,
Brilha em Rádio, Revista e Teatro.

A menina do Coração Sagrado
Reúne histórias de amizade,
Uma vida, um legado
Um caminho, uma saudade!

50 anos completou
Que feliz idade.
Nesta carta poesia
Registro a sua identidade.

Sheila Machado





Barbacena, novembro de 2023.

Para DEUS

Dá me um novo coração Senhor
Observo atentamente
As batidas do meu coração
E percebo nitidamente
O descompasso, a explosão

Dá-me um novo coração, Senhor
Menos intolerante e ansioso
Menos tenso e aflito
Menos exigente e orgulhoso
Mais simples e bonito

Dá-me um novo coração, Senhor
Onde transborde a paciência
A tolerância, a calma, o amor
Onde, com resiliência,
Refaço no embaraço da dor

Dá-me um novo coração, Senhor
Capaz de ouvir e não julgar
Capaz da briga apartar
Capaz de um segredo, guardar
Capaz da língua controlar

Dá-me um novo coração, Senhor
Que renuncie a tentação
Que revele a vitalidade
Que ofereça o perdão
E o milagre da gratuidade

Dá-me um novo coração, Senhor
Quando a teimosia insistir
Quando a vaidade manifestar
Quando a mágoa resistir
Quando o tom exaltar

Dá-me um novo coração, Senhor
Para eu ser canal de graça

Para eu transmitir sua alegria
Para eu levantar a taça
No gol marcado sua companhia
Dá-me um novo coração, Senhor
Varre o pó...há tanta sujeira!
Varre o lixo existente em meu ser
E deposita fé e esperança
De um novo coração em mim bater.

Sheila Machado



Barbacena, novembro de 2023.

Para Mães

Mãe
Divino amor
Que acolhe, que acalma, que sopra
E alivia a dor.
Mãe,
Amparo na vida
Astuta, serena
Jovem, experiente
Preta, branca, morena
Gentil, contente
Tão gigante se faz pequena
Mãe,
Da roça ou cidade
De sangue ou coração
Cumplicidade diária,
Fortaleza, exaustão
Mãe,
Doce, tímida, sensível
Expansiva, versátil, perspicaz
Seu colo é inconfundível
É afeto, é sublime, é paz
Mãe
Puro dom, suave som, simples tom
Cuidado intenso, amor imenso,
Mãe é tudo de bom.
Merece nosso respeito
Em todo tempo e de todo jeito
Mãe é universo e verso
e a comunhão do perfeito e imperfeito.

Sheila Machado

Barbacena, novembro de 2023

Poesia para gente gentil

Quem é aquele logo ali
A nos chamar atenção?
Tão bem atende, brinca e sorri
Abraça e faz questão

Por todo lugar que passa
Gentileza e educação
Percebe-se a graça
No olhar tem emoção

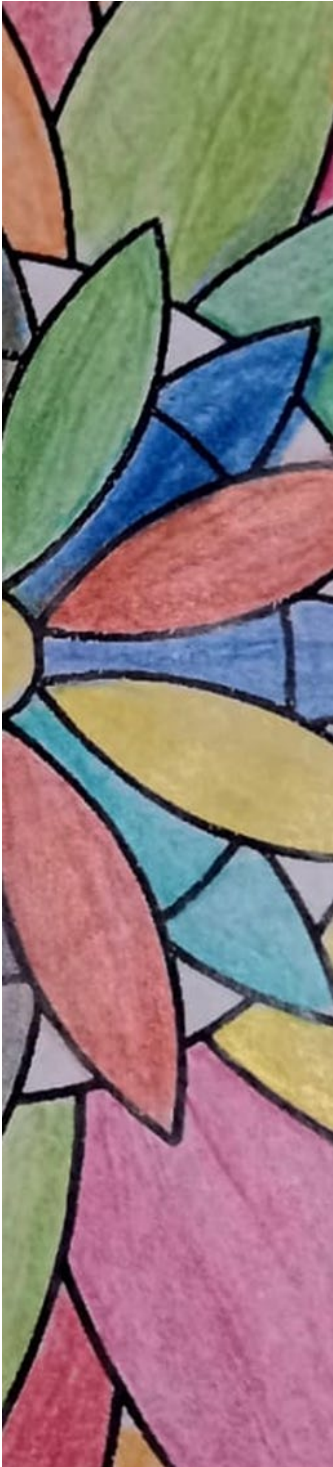
Independente de qual for
A sua profissão
Exagero de amor
Preenche o coração

É cozinheiro ou pintor?
Motorista ou corretor?
Jornalista ou professor?
Artesã ou cantor?

Gari ou vendedor?
Bombeiro ou locutor?
Poeta ou doutor?
Do lar ou da flor?

Uma vida, uma história, uma trilha.
Em seu jeito acolhedor
Tão nobre trabalhador.
Você é gente que brilha.

Sheila Machado



Vitória/Barbacena, 01 de janeiro de 2024.

Aos que acolheram nosso convite de escrever aos amores da vida

A cada um(a) de vocês o nosso muito obrigado!

Essa carta derradeira é para dizer que vocês também adentram ao círculo de nossos amores. Com vocês conhecemos histórias lindas, aproximamo-nos de pessoas que já faleceram, de outras que estão em pleno desenvolvimento e também daquelas que, atualmente, recebem diretamente o nosso amor. Que seria de nossas vidas sem essas marcas de amor? Como poderíamos ser quem somos se as vidas dessas pessoas não estivessem inscritas em nossos corações? Quantas recordações foram remexidas e provocaram em nós a nostalgia de tempos passados ou o desejo de que em tempos futuros possamos ver os frutos do que hoje plantamos. É a vida como eterno presente!

Graças a vocês, a nossa ideia inicial ganhou forma, volume, conteúdo, e pode se fazer também um presente provocativo na vida de tantas outras pessoas. Quem sabe, ao ler o que nós vivenciamos, outros não se atrevam a também colocar por escrito suas cartas de amor.

Em tempos em que as manifestações de amor se perdem tão facilmente, deixá-las escritas é assumir os riscos de que somos profundamente humanos e continuamos a acreditar na beleza que essa condição nos credita ao nos tocarmos no amor.

Desde lugares vários nos aproximamos para afirmar que somos amantes! Somos essas pessoas que não se contentam em conduzir a vida sem a montanha russa de saber-se vinculadas aos



outros e de ficar sem fôlego ao pensar que os que amamos sofrem ou passam dificuldades. Se quiser, podemos também brincar que somos “amadores”. Nosso amor é esse do cotidiano da vida, das incertezas do que se dá entre o nascer e o pôr do sol, entre o início da noite e o primeiro raio de luz do fim da vigília. Amadores que vão aprendendo em cada situação a como lidar, como agir, como falar, como continuar a amar. E, podemos arriscar, somos amantes porque fomos muito amados. Talvez, nem sempre da forma como idealizaríamos, mas fomos amados. Alguém, em algum momento, cunhou em nosso interior esse sentimento, ensinou-nos que a vida só tem sentido se for entrega pelos outros, se for dada e não retida, se for compartilhada e não guardada.

A você que acolheu nosso desafio, pois sabemos que não é fácil mexer com emoções, nossa gratidão por tornar público o amor vivido. Que você continue a amar e que a vida seja generosa, fazendo com que experimente uma ternura constante e um amor incomparável que mova todos os seus sentidos a uma grande gestão de gratidão pela existência.

Abraços

*José Raimundo Rodrigues e
Vânia Marta de Paiva*

POSFÁCIO



Mariana, 12 de Fevereiro de 2024.

Queridos Vânia Marta e José Raimundo. Ou melhor, como o afeto que entre nós existe me permite dizer: Vaninha e Raio que ilumina o mundo!

Queridas escritoras e escritores!

Estimadas leitoras e leitores!

Convites, como dito por você em uma das cartas, *Zé*, são *expressões de amabilidade e despertam ansiedade*. Uma vez aceitos, tornam-se compromissos carregados de expectativas para as partes envolvidas. Ao aceitar o convite de vocês, fui lançada em um sem fim de interrogações e preocupações, afinal nunca havia escrito um posfácio e a responsabilidade de fazê-lo tornou-se maior ainda. No entanto, confiei a tarefa ao Espírito Santo e deixei-me guiar pelo amor.

Não tenho a habilidade de *alinhar palavras*, mas a cada carta que lia, brotava uma enorme vontade de conhecer e estar um pouco mais na companhia dos remetentes e destinatários, não por mera curiosidade, mas porque as histórias conduziam a sentimentos de familiaridade, proximidade e, ousou dizer, intimidade: também tive uma avó chamada Lica (bisavó na verdade) com quem pude conviver. Minha avó, filha dela, faleceu 2 meses após meu nascimento; tenho um irmão, dois anos e meio mais novo, a quem amo muito; minha mãe também tem Fonseca no nome (vem dela o meu sobrenome); um marido que muitos conhecem por Robinho (e esse apelido é carregado de memórias afetivas de seu tempo de infância); um pai muito amado, falecido há 8 anos, adoecido pelo Alzheimer (sua partida, ainda em vida, deixou-me com sentimento de orfandade e carente de um pedaço significativo); uma linda filha adolescente (que fez 15 anos dia 03/02) que tem uma vida inteira pela frente. Ah! Temos em casa uma cadelinha muito dócil chamada Mell, agora também é difícil imaginar nossas vidas sem ela.

Em todas as cartas muita vida, ensinamentos e profundidade. A convicção de que afetos, vivências e existências têm memória, gosto e cheiro bem marcantes, pois são carregados de sentido e sacralidade: ligam e nos religam a intimidades carregadas de afeto.

Esta experiência reportou-me ao meu tempo de namoro, quando trocava

cartas com meu amor. Quase nunca eram cartas para dizer do dia a dia, mas oportunidades para refletir sobre os caminhos que queríamos trilhar juntos e o sentido maior do nosso compromisso. Sempre na certeza de que **Em Tudo Não Estamos Sós!**

Um conhecido autor, Gary Chapman, escreveu sobre as linguagens do amor em sua obra *As Cinco Linguagens do Amor*. Em minha experiência profissional, costumo indicar essa leitura como forma das pessoas se conhecerem e aos seus pares, para expressarem o que sentem de forma mais efetiva (e afetiva) e terem seus tanques de amor cheios e assim encherem os tanques daqueles que também amam. Essa experiência com as cartas, pode ser exemplo de uma dessas cinco linguagens: **Palavras de Afirmação**.

Dar voz aos sentimentos por meio das palavras é libertador. Palavras não ditas adoecem, alimentam dúvidas e inseguranças; e mesmo quando acreditamos que o outro tem conhecimento do que sentimos, é a palavra dita, expressada que valida essa verdade e lança fora qualquer dúvida ou insegurança. Palavras de amor são bálsamos que curam e afagam a alma. Fazem-nos *sabermos vivos!* No entanto, engana-se quem acredita que tal movimento seja algo fácil. Dar-se, mostrar-se, revelar-se, ainda que amorosamente, é doloroso e exigente, pois pressupõe-se um desnudar, um abrir mão de expectativas e medos do julgamento.

Cada carta tornou-se um espaço para a expressão de **sentimentos de gratidão e aprendizado**. Para o **reconhecimento**, ainda que aparentemente tardio, de que em cada contexto histórico vivido, em cada decisão tomada estava embutido algum ensinamento do qual hoje podem se orgulhar de terem adquirido e que os ajuda na prática do abrir-se a existência (própria e alheia) e, assim acolhê-la da forma mais amorosa possível. Conscientes de que ser presença implica em assumir responsabilidades pelas marcas que são impressas na história do outro. Já dizia Saint Exupéry: *“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”*.

São sentimentos de dor, saudade e sufocamento, entrelaçados a experiências de fé, confissão e libertação: de rasgar o coração e deixar-se curar. Oportunidade de ressignificar sentimentos e promover encontros: consigo mesmo, com o outro e com Deus (aquí muitas vezes através da doença, do sofrimento – estes, quando dotados de sentido, auxiliam em nossa evolução), na busca pela verdade, na experiência de uma vivência autêntica.

O cuidado expressado no partilhar e compartilhar a vida, os bens, as palavras, o tempo. Tempo, esse devorador/agregador existencial! Parceiro e algoz! É bíblico: “Debaixo do céu, há momento para tudo e um tempo certo para cada coisa”, mas ele nunca nos parece suficiente (seja para viver e reter os bons momentos, seja para nos apaziguar oferecendo oportunidades para passar nossa vida e relações a limpo). E diante dessa realidade, resta-nos consolarmos

com lembranças: em tê-las e, sobretudo, em sê-las, eternizadas em saudades. Saudades do vivido e até do que não se viveu, mas foi fantasiado; de sonhos que ficaram por realizar.

A vida é mesmo surpreendente! Quantas histórias em tantas histórias! Cada uma com inúmeras possibilidades, um sem fim de oportunidades de escolhas (e não há como não as fazer). Algumas assumem um caráter definitivo, mas outras abrem portas para reencontros e recomeços; e como eles são importantes! Penso que são carinhos de Deus nos conduzindo para sermos melhores como pessoas e com as pessoas. Quem tem intimidade com Ele consegue perceber isso: “*as grandes coisas da vida, geralmente são fruto de ouvir o que Deus quer de nós*”.

Quantas heranças foram sendo descobertas e reconhecidas: herança genética, herança de princípios, herança de bens, herança de valores e comportamentos (bons e ruins), herança da honra e da verdade; mas também herança da falta, de mágoas e do vazio. Significativos legados existenciais.

Lições de carinho, resiliência, doação, cumplicidade, respeito, empatia e perdão.

Amor de verdade é isso: nada exigir, nada cobrar e muito doar como fazem os pets. Eles que são “irracionais”, exercitam com maestria o companheirismo. Temos muito o que aprender com eles. São bons professores quando nos abrimos a esse convívio.

Preciso confessar que em vários momentos as lágrimas rolaram, o peito apertou em angústia e veio a vontade de abraçar aquelas pessoas: ora os remetentes, ora os destinatários, ora ambos. O que é tão simples e, aparentemente, banal para uns, torna-se tão importante e significativo para outros. Essa é a riqueza da vida.

Esse é um livro que quero presentear a muitas pessoas. Dar-lhes a oportunidade de se emocionarem com as histórias nele contidas, proporcionar-lhes momentos de encanto e reflexão, mas, sobretudo, uma chance de se encontrarem, revisitando a própria história e vivências para ressignificá-las, porque dívidas existenciais tiram o brilho da vida e adoecem a alma.

Queridos, muito obrigada pela sensibilidade de, através dessa iniciativa, dar colo a tantas vidas e curas a tantas dores.

Com afetuoso abraço,

Cíntya Fonseca Dias e Silva¹

Cinthylynty como vocês carinhosamente me chamam!

1 Possui graduação em Psicologia pela Fundação de Ensino Superior de São João Del Rei (1997), especialização em Psicologia Clínica: psicoterapia fenomenológico-existencial pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1999).



**PARA VOCÊ AVENTURAR-SE NA ESCRITA DE UMA
CARTA PARA UM DOS AMORES DE SUA VIDA**





A series of horizontal lines for writing, consisting of 20 parallel black lines spaced evenly down the page.

